

SUSANA MARIA DUARTE DA HORA MARQUES

Colectão
Estudos

DOIS EPITALÂMIOS DE
MANUEL DA COSTA (SÉC. XVI)

INTRODUÇÃO. TRADUÇÃO. NOTAS E COMENTÁRIOS

EMMANVELIS
Costæ Iureconsulti

LVSITANI REGII SENATO
ris de nuptijs Eduardi Infantis Portu-
galliz , atque Ifabellæ , Illustrissi-
mi Theodosij Brigantiz Du-
cis germanæ , Carmen
Heroicum.



CONIMBRICAE.

Excudebant Ioannes Alvarus & Ioannes Barrerius
Typographi Regij. Anno. M. .D LII.

83

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

COIMBRA

2005

(Página deixada propositadamente em branco)

Dois Epitalâmios de Manuel da Costa (século XVI).

Introdução. Tradução. Notas e comentários

(Página deixada propositadamente em branco)

Susana Hora Marques

Dois Epitalâmios de Manuel da Costa (século XVI).

Introdução. Tradução. Notas e comentários.

**Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
COIMBRA 2005**

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Marques, Susana Hora, 1970-

Dois Epitalâmios de Manuel da Costa (século XVI) : introdução, tradução, notas e comentários (Estudos ; 53)
ISBN 972-9038-79-1

ISBN Digital 978-989-26-1000-9

DOI <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1000-9>

CDU 821.124-06-1 Costa, Manuel da .09
821.134.3-1 Costa, Manuel da .09

Ilustração da capa: COSTA, Manuel da – *De nuptiis Eduardi Infantis Portugalliae, atque Isabellæ, Illustrissimi Theodosii Brigantiæ Ducis germanæ, Carmen Heroicum*. 1.^a ed., Coimbra, 1552.

Título: Dois Epitalâmios de Manuel da Costa (século XVI). Introdução.

Tradução. Notas e comentários.

Autora: Susana Hora Marques

Coordenação Editorial: Gabinete de Publicações da F.L.U.C.

Capa: Vítor Torres

Depósito legal: n.º 225726/05

Impressão: Secção de Textos da F.L.U.C.

Tiragem: 500

© Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
2005

ÍNDICE

PREFÁCIO.....	7
NOTA PRÉVIA	11
OBSERVAÇÕES.....	13
INTRODUÇÃO	15
Breve contextualização cultural	15
I-MANUEL DA COSTA – O AUTOR E A SUA OBRA	19
II-O EPITALÂMIO, MOTIVO DOS VERSOS DE MANUEL DA COSTA	29
O epitalâmio na tradição clássica e humanista - breve referência	29
Dois cantos nupciais de Manuel da Costa	31
O epitalâmio de D. Duarte e de D. Isabel	32
O epitalâmio do príncipe João e da princesa Joana.....	37
III-TEXTO LATINO, TRADUÇÃO, NOTAS E COMENTÁRIOS .	43
Carta Dedicatória a D. Teodósio.....	44
Epitalâmio do infante D. Duarte e de D. Isabel	50
Epitalâmio do príncipe João e da princesa Joana.....	118
BIBLIOGRAFIA.....	135
ÍNDICE ONOMÁSTICO	141

(Página deixada propositadamente em branco)

PREFÁCIO

Na segunda metade do século XVI, muitos dos juristas que a Universidade de Coimbra ia formando eram acusados de serem mais *causifici* do que *causidici*, isto é, mais interessados em acirrar querelas e disputas do que em resolvê-las. Tudo isto, por amor do dinheiro que lhes interessava mais, segundo a opinião de alguns, do que o amor da cultura e das belas-lettras.

Queixosos desta situação eram sobretudo os humanistas, como André de Resende que conta no seu poema *De Vita Aulica* ou ‘Sobre a vida da corte’, como D. João III, que manifestara o desejo de ouvir preleccionar sobre a filosofia de Platão e Aristóteles, foi dissuadido de tal propósito pelo “lobby” dos juristas da corte. Estes propuseram-lhe em substituição o estudo de Acúrsio, Bártolo e Baldo, três patriarcas italianos da ciência jurídica do tempo. A propósito: André de Resende dedicou o *De Vita Aulica* ao seu amigo Damião de Góis de quem tanto se tem falado ultimamente.

Traduzi o passo em questão de André de Resende, no meu livro *Latim Renascentista em Portugal*, Lisboa, FCG/ JNICT, ²1993, p. 197.

Esta visão pessimista dos *causifici* foi partilhada por alguns juristas como Gaspar Barreiros e André Falcão de Resende.

Mas também houve um humanista que tomou o partido dos juristas. Foi ele Inácio de Moraes que toda a vida ensinou Humanidades e já adiantado em anos resolveu formar-se em Direito, para melhorar a sua situação económica. Todavia, continuou como antes a ser um *grammaticus*, nome que desdenhosamente deu aos colegas de ensino¹.

A esta classe dos *causifici* não pertence Manuel da Costa que, além de ser grande entre os *causidici*, como o leitor pode verificar nas páginas da Mestre Susana Marques, se distinguiu como poeta latino, entre os melhores.

¹ A. Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal*, II, Lisboa, FCG/ JNICT, 1994, p. 133-149, 150-164; Aires Pereira do Couto, “André de Resende e Inácio de Moraes na questão dos “causíficos”, *Actas do Congresso Internacional Cataldo e André de Resende*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2002, p. 79-96.

Pedro Sanches, que foi secretário do Desembargo do Paço, e notável poeta em latim, num poema dedicado a Inácio de Moraes, em que trata de sessenta vates latinos portugueses seus conhecidos, lembra Manuel da Costa com versos que denotam profunda admiração e simpatia sem reservas.

O poema de Sanches é um produto típico da poesia áulica. Com efeito, sendo ele erasmista em poemas que ficaram manuscritos², nesta composição dirigida a Moraes, ataca o *Elogio da Loucura* de Erasmo, numa altura em que o humanista de Roterdão tinha muitas das suas obras no índice expurgatório do Santo Ofício. Por outro lado, esquece³ Diogo Pires, talvez por ser judeu exilado, mas exalta vários poetas medíocres de quem era amigo. Ora Diogo Pires foi célebre internacionalmente.

O poema de Pedro Sanches, com cerca de 600 hexâmetros dactílicos, está incompleto. Não sabemos, por isso, qual o objectivo real do seu autor. Mas há muito que penso ser a *Epistola ad Ignatium de Moraes*, no fundo, uma peça discreta de defesa e exaltação dos *causidici*, pois há nela uma deliberada predilecção pelos versejadores latinos de formação jurídica.

Mas voltemos a Pedro Sanches sobre Manuel da Costa. Eis a sua breve mas elucidativa informação sobre o famoso catedrático de *prima* de Coimbra e de Salamanca:

*Nec te praeteream tacitum, doctissime Costa,
Atque tuum genium natum dissoluere iuris
Caesarei nodos, cui primas iure cathedras
Munda dedit, Tormisque dedit, bene notus uterque,
Et fluuios inter, Phoebosque gratissimus amnis:
Tu, dum regales mensas, thalamosque Duardi,
Carpathiumque senem, nantesque ad littora phocas,
Ludentesque canis spumoso in gurgite Nymphas,
Ornatu et positu, magnis te uatibus addis.*

(Petrus Sancius, *apud Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum*, I, p. 17).

² A. Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal*, III, Lisboa, INCM, 1998, p. 97-107.

³ A. Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal*, I, Coimbra, CECH (INIC), 1988, p. 180-181.

‘E não te passarei em silêncio, doutíssimo Costa, e ao teu génio nascido para desatar os nós do Direito Civil, a quem justamente o Mondego deu a cátedra de *prima*, e a deu o Tormes, ambos bem conhecidos e, entre os rios, um e outro gratíssimos a Febo.

Tu, cantando os banquetes régios, o casamento de Duarte, o Velho dos Cárpatos e as focas que nadam para a costa, e as ninfas que brincam na espuma do mar, juntas-te no ornato e na descrição aos grandes poetas’.

Os cinco primeiros versos referem-se à brilhante carreira universitária de Manuel da Costa, em Coimbra e em Salamanca.

Quanto aos quatro versos restantes, como já tive ocasião de escrever⁴, neles caracteriza Pedro Sanches “o conteúdo dos dois poemas principais de Manuel da Costa: primeiro, o epitalâmio ao casamento do infante D. Duarte e D. Isabel de Bragança (1537); depois, com o Velho dos Cárpatos e as focas que nadam para a costa, o início de outro epitalâmio, o do casamento do príncipe herdeiro D. João com a princesa D. Joana (1552), filha de Carlos V (...)”.

Ao aludir a este segundo poema, Pedro Sanches usa palavras do texto de Manuel da Costa.

A poesia latina do Renascimento conheceu grande voga nas cortes italianas onde frequentemente príncipes de fresca data procuravam alicerçar a sua, por vezes, duvidosa legitimidade.

Senhores legítimos e, menos legítimos, tentavam com o auxílio dos humanistas a sua glorificação em latim, confiantes em que o idioma internacional da Europa cultivada favoreceria as suas ambições.

A Portugal esta prática chegou com Cataldo Parísio Sículo, entre nós desde 1485. O primeiro epitalâmio em latim que conheço é exactamente de Cataldo às núpcias do seu discípulo D. Jorge, filho natural de D. João II, com D. Beatriz, filha do Senhor D. Álvaro, tio do duque D. Jaime, primo da noiva. Foi isto no ano de 1500⁵.

Anos mais tarde, em 1537, já o duque D. Jaime falecera (1532), é seu filho D. Teodósio, quinto duque de Bragança, quem realiza o casamento de sua irmã D. Isabel com o infante D. Duarte, irmão mais

⁴ Cf. livro citado na nota 1, p. 158.

No segundo epitalâmio, o Velho dos Cárpatos é Proteu que dá o título ao poema. Sobre este ver José A. Sánchez Marín, “Un Epitalamio Neolatino: El *Carmen Proteus* de Manuel da Costa”, *Miscelânea de Estudos em Honra do Prof. A. Costa Ramalho*, Lisboa, INIC, 1992, p. 199-213.

⁵ Cf. livro citado na nota 3, p. 23-30.

novo do rei D. João III. Desta vez, as glórias da Casa de Bragança são cantadas por Manuel da Costa.

D. Teodósio, ainda menino, teve por mestre Cataldo, já sexagenário e doente, que lhe dedicou aqueles que teriam sido os seus últimos versos, e se encontram num manuscrito da Biblioteca Municipal de Évora.

Dessas composições do mestre italiano, considerado o introdutor do Humanismo Renascentista em Portugal, me ocupei no artigo “O touro e a bigorna: quatro epigramas de Cataldo”, *Humanitas* LII, Coimbra, 2000, p. 287-295.

A. Costa Ramalho

NOTA PRÉVIA

Foi no âmbito do Mestrado em Literaturas Clássicas que tomei contacto com a obra latina de Manuel da Costa, por sugestão do Senhor Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho. Facilmente os textos daquele humanista português despertaram em mim curiosidade e um vivo interesse, nomeadamente pelo seu valor histórico-cultural, social e literário.

Célebre catedrático de Direito nas Universidades de Coimbra e de Salamanca, jurista de renome, Manuel da Costa é pouco conhecido como homem de letras, apesar de ser um bom poeta latino do século XVI e de a sua produção poética se encontrar perfeitamente enquadrada no ambiente cultural quinhentista.

O presente trabalho, após uma breve introdução relativa ao contexto cultural da época, refere-se ao autor e à sua obra, bem como à tradição clássica e humanista do epitalâmio; em seguida, tece comentários e dá uma tradução para dois carmina de Costa: o epitalâmio sobre as núpcias do infante D. Duarte e de D. Isabel e o carme que celebra o casamento do príncipe D. João e da princesa D. Joana. Ambos os poemas estão relacionados: são epitalâmios, dedicados aos grandes do reino. Tentei cotejá-los, em particular pelo conteúdo temático, com escritores quinhentistas como Camões, pelo que as notas que acompanham a tradução proporcionam frequentemente o confronto com autores do Humanismo português, assim como com os da Antiguidade clássica; propiciam ainda informações de carácter sobretudo mitológico e histórico-cultural.

Gostaria de deixar uma palavra de apreço à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra por ter facultado a publicação deste estudo⁶.

⁶ Este estudo resulta das minhas provas de Mestrado em Literaturas Clássicas, em 1996, nas quais defendi a tese “Manuel da Costa, um jurista cultor das Musas”; as alterações feitas à dissertação então apresentada à Faculdade de Letras decorrem, sobretudo, das pertinentes observações do júri dessas provas, de oportunas sugestões do Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho, bem como de alguma actualização bibliográfica.

Um agradecimento especial ao Senhor Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho, pelo apoio e disponibilidade com que sempre orientou esta investigação.

Devo a minha gratidão ainda à Senhora Prof. Doutora Maria de Fátima Silva, à Doutora Carmen Soares e ao Doutor A. Guimarães, bem como às Dr^{as} Isabel Lima Pereira e Ermelinda Couto, pelas sugestões e observações com que beneficiaram o presente opúsculo.

Uma palavra também para todos os professores e funcionários do Instituto de Estudos Clássicos que, de algum modo, contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Por fim, o meu reconhecimento dirige-se aos meus pais, ao meu marido e aos meus filhos, que comigo partilharam os mais diversos momentos deste labor.

Susana Hora Marques

OBSERVAÇÕES

Edições utilizadas

- Epitalâmio sobre as núpcias do infante D. Duarte e de D. Isabel: primeira edição (Coimbra, 1552); esta edição existe na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, com a cota R-3-3.

- Carme que celebra o casamento do príncipe D. João e da princesa D. Joana: primeira edição (Lisboa, 1553); é possível encontrar esta edição na Biblioteca Pública de Évora, no reservado 360⁷.

Abreviaturas e siglas usadas

B. N. L. – Biblioteca Nacional de Lisboa.

⁷ A par da edição quinhentista destes *carmina*, tivemos sempre em consideração a do tomo I do *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum qui latine scripserunt*, datada de 1745, onde se encontram os dois poemas, entre muitos textos de autores diversos reunidos por A. dos Reis e M. Monteiro. No aparato crítico do presente estudo, denominámos de A o texto de 1552, B o de 1553 e CIPL a edição do século XVIII, que apresenta algumas divergências em relação à primeira edição.

Os dois epitalâmios surgem também numa edição salmantina de 1584, da responsabilidade de Jorge da Costa, filho de Manuel da Costa, e diferem da edição primeira unicamente nos títulos, que naquela são os seguintes: *Emmanuelis Costae Iureconsulti carmen De nuptiis serenissimorum Eduardi Portugalliae Infantis, et Isabellae, excellentissimi Theodosii Brigantiae Ducis germanae* e *Emmanuelis Costae Iureconsulti carmen, De felici in urbem Vlyssipponam aduentu Serenissimae Ioannae Augustissimi Caroli Quinti Imperatoris filiae, in sollemni die nuptiarum eius, cum inclito Ioanne Lusitaniae Principe.*

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Breve contextualização cultural

O estudo de poesias do humanista Manuel da Costa, jurista lusitano e poeta novilatino, convida-nos a lançar um olhar, ainda que muito breve, ao Humanismo português e, em particular, à produção poética em latim da época dos Descobrimentos lusitanos.

Durante o Renascimento, a movimentação e o contacto constantes entre humanistas de vários países da Europa deram-se também em Portugal. Aqui chegavam pessoas vindas de Espanha, França, Itália, Inglaterra, Alemanha; daqui partiam estudantes para várias Universidades europeias, cultivando o estudo das letras greco-latinas, importantes para a formação e valorização do humanista. Entre os estrangeiros que vieram para Portugal, não podemos deixar de referir o siciliano Cataldo Parisio Sículo, que aqui chegou em 1485, chamado pelo rei D. João II para ensinar seu filho bastardo, D. Jorge. Cataldo deu um grande impulso à cultura humanística portuguesa: “Além da correspondência latina dos dois reis que serviu, das sonoras orações de sabor clássico que fez (...), além dos castigados poemas que compôs e lhe não renderam o oiro que esperava (...), dedicou-se com o ardor de um pedagogo do Renascimento a “expulsar a barbárie”, já ensinando pública e particularmente, já por meio de cuidada correspondência como tirocínio para apurar o gosto”⁸. Aos seus alunos, assim como aos amigos, escrevia o siciliano em latim, como era corrente na época, o que pressupõe o conhecimento da língua de Cícero por parte dos destinatários das suas *Epistolae*. De resto, autores da Antiguidade Clássica como Cícero, Lucrécio, Virgílio constituíram uma referência para os homens de Quinhentos.

O latim foi também utilizado na vida política - era língua de comunicação oficial com os papas ou com dirigentes de outros países -, e nas ciências, como revelam tratados de matemática e medicina desta época.

⁸ M. G. Cerejeira, *O Renascimento em Portugal*, vol. II – *Clenardo, o Humanismo, a Reforma* (Coimbra ²1975) 73-74.

Além de Cataldo, um mestre de Corte a quem “...pertence também a primeira defesa em latim das Humanidades Clássicas, feita em Portugal, antes do fim do séc. XV, assim como a exposição dos ideais do homem nobre, apto física e intelectualmente, no começo do século XVI”⁹, nomes de estrangeiros como os de Vicente Fabrício, Martinho de Azpilcueta estão ligados ao Humanismo português e, em particular, à cidade de Coimbra, onde foram mestres.

Se no primeiro quartel do século XVI a Corte se tornara o palco principal do desenvolvimento dos “ideais renascentistas” e do florescimento do Humanismo, mais tarde “Coimbra (...) foi a detentora deste movimento de difusão e de renovação literária e científica, o qual se desenvolveu em três locais famosos: o Mosteiro de Santa Cruz, a Universidade e o Colégio das Artes”¹⁰.

A acção de D. João III, relativamente à política cultural seguida, foi preciosa para o Humanismo em Portugal, sobretudo pela criação de bolsas de estudo para formar portugueses no estrangeiro, pela transferência da Universidade para Coimbra, pela fundação do Colégio das Artes. Segundo Luís de Matos¹¹ “...c’est le transfert de l’Université à Coimbra (1537) et la fondation du Collège des Arts (1548) qui attireront la plupart des humanistes étrangers. (...) Ils arrivent en même temps que certains boursiers portugais qui viennent de conclure leurs études universitaires à Salamanque, à Paris, à Louvain et ailleurs”.

Coimbra tornava-se assim o centro do Humanismo português, aberto à Europa.

Manuel da Costa, André de Gouveia, João da Costa, Diogo de Teive, António Luís, Pedro Nunes são apenas alguns nomes de portugueses que, tendo estudado no estrangeiro, vieram enriquecer como mestres, na lusa Atenas, a cultura portuguesa do século XVI.

“O humanista facilmente mostrava uma exaltação por tudo o que fosse grandioso, desde o enobrecimento dos estudos que arrancaram o

⁹ A. C. Ramalho, *in Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* – Edição Século XXI, vol. XV, s. v. O Humanismo renascentista em Portugal (Lisboa 2000) 143-150.

¹⁰ Cf. J. de Carvalho, *Estudos sobre a Cultura Portuguesa no século XVI*, vol. II (Coimbra 1948) 63.

¹¹ “L’humanisme portugais et ses relations avec l’Europe”, *Separata do Bulletin des Études Portugaises* - n. s., t. XXVI (Lisboa 1965) 48.

país da barbárie em que eles diziam estar, até ao laudatorismo frequentemente retórico da expansão marítima”¹².

De facto, a criação de textos novilatinos em Portugal testemunha o gosto pelo grandioso, nomeadamente na referência constante aos Descobrimientos e, de uma forma mais geral, à expansão ultramarina portuguesa, motivo de louvor para os autores de Quinhentos que, inebriados pelo ambiente de epopeia que atravessava o país, queriam incitar a altas façanhas governantes e governados¹³.

Na produção humanística portuguesa é notório o panegírico dos soberanos e dos magnates do reino, quer nos textos em prosa, nomeadamente nas famosas *orationes* pronunciadas em momentos vários da vida académica, como a abertura solene das aulas, quer na poesia e no teatro, distinguindo-se, a nível vocabular e estilístico, uma tendência para a superlativação.

A produção poética humanística foi vasta - o elogio de uma figura eminente, de uma cidade ou região, o nascimento de príncipes e de infantes, o casamento, a morte de personagens ilustres, uma expedição, a expansão portuguesa e seus heróis, tudo constituía motivo para o canto enaltecido dos poetas novilatinos. Recorrendo aos géneros e aos ritmos dos autores da Antiguidade Greco-Romana, escreveram bucólicas, epitalâmios, elegias, epigramas, longos poemas heróicos, servindo-se usualmente do hexâmetro dactílico ou do dístico elegíaco e, a partir dos anos trinta do século XVI, de versos sáficos, alcaicos e outros, em odes à imitação de Horácio. Muitos destes textos foram reunidos e publicados por António dos Reis e por Manuel Monteiro, no *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum qui latine scripserunt* [*Corpus*] (Lisboa 1745), obra em oito tomos. Nas pp. 11-13 do t. I, encontra-se publicada uma *Epistola ad Ignatium de Moraes*, escrita em verso por Pedro Sanches, sobre os poetas novilatinos portugueses do séc. XVI. Da sua lista de poetas constam nomes como os de Henrique Caiado, Diogo de Teive, Miguel e António de Cabedo, Luís Pires, Jerónimo Cardoso, Inácio de Moraes e também o de Manuel da Costa, considerado um dos grandes poetas do seu tempo.

¹² J. A. Osório, *M^e João Fernandes, A Oração sobre a Fama da Universidade* (1548) [*M^e João Fernandes*] (Coimbra 1967) 117.

¹³ Cf. L. de Matos, “L’Expansion Portugaise dans la Littérature Latine de la Renaissance”, Separata de *L’Humanisme Portugais et l’Europe, Actes du XXI Colloque International d’Études Humanistes* [“L’Expansion”] (Tours 1978).

(Página deixada propositadamente em branco)

I

MANUEL DA COSTA – O AUTOR E A SUA OBRA

Manuel da Costa era natural de Lisboa, como podemos depreender das suas obras, designadamente da *Carta Dedicatória a D. Teodósio* que antecede o carme sobre as núpcias do infante D. Duarte e de D. Isabel, onde o poeta se intitula *iureconsultus Vlyssiponensis*¹⁴. Nasceu possivelmente entre 1509-1511, segundo as conjecturas de J. A. Sánchez Marín¹⁵, ou em 1512, de acordo com as suposições de F. L. Ferreira¹⁶. Pela nossa parte, acreditamos que o *iam quadragenarius* da *Carta Dedicatória a D. Teodósio* aponta para uma entrada recente na “casa dos quarenta”. Porém, a única certeza que temos é a de que, em 1552, ele estava já na quarta década de vida.

Foi discípulo do conceituado mestre Jerónimo Cardoso, cujo magistério é confirmado por João Soares de Brito, no *Theatrum Lusitaniae Litteratum, siue Bibliotheca Scriptorum omnium Lusitanorum*, n. 13, como nos diz F. L. Ferreira¹⁷.

Ainda na sua juventude, Manuel da Costa foi estudar para a Universidade de Salamanca¹⁸, protegido pela rainha de Espanha,

¹⁴ D. Barbosa Machado, na *Bibliotheca lusitana, historica, critica e chronologica* [*Bibliotheca lusitana*] (Lisboa 1741-1759) 234, F. L. Ferreira, *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra*, vol. I – 2ª parte [*Noticias*] (Coimbra 1938) 59, e ainda P. U. González de la Calle, “Contribución a la biografía de Manuel da Costa, *Doctor Subtil*”, *Miscelânea de Estudos em honra de D^a Carolina Michaelis de Vasconcelos* - Revista da Universidade de Coimbra, t. XI [“Contribución a la biografía”] (Coimbra 1933) 312-313 apontam também a naturalidade lisbonense de Manuel da Costa, contrariando outras vezes que o declaravam nascido em Vila Viçosa, terra onde habitaram seus pais.

¹⁵ “Características de la obra poetica de Manuel da Costa”, *Humanitas* XLIII-XLIV [“Características de la obra”] (Coimbra 1991-1992) 258, n. 4.

¹⁶ Cf. *Noticias* 75-76.

¹⁷ Cf. *Noticias* 59.

¹⁸ Os livros de matrículas existentes no Arquivo Universitário de Salamanca são posteriores à época da ida de Manuel da Costa para a Universidade salmantina, pelo que não pudemos determinar a data exacta da sua chegada à bela cidade do rio Tormes.

D. Isabel, irmã do rei D. João III de Portugal. A esta protecção real se refere o autor numa Carta dedicada a Filipe II de Espanha¹⁹:

*Nam ex quo me puer huic eidem Academiae, Augustissimae Isabellae matris tuae auspiciis, in disciplinam dedi...*²⁰

Em Salamanca, estudando leis, foi aluno de Martinho de Azpilcueta, o famoso doutor Navarro, e tomou ali o grau de bacharel, a 5 de Maio de 1532: “Em 4 de Maio de 1532, Manuel da Costa efectua as lições regulamentares com vista à obtenção do grau de bacharel legista²¹...”. “No dia seguinte recebe o grau, sendo testemunhas Duarte Sanches e António Barros. (...) ...para o bacharelato em Direito exigia-se um triénio de estudos após os propedêuticos de Artes; donde, uma primeira escolaridade de 1526 a 1529, e a de Leis nos três anos seguintes”²².

Não conhecemos o caminho que Manuel da Costa tomou entre 1532-1537: sabemos no entanto que não se licenciou durante este lustro - o grau de licenciado seria obtido já quando estava na Universidade de Coimbra.

Em 1537, ano da transferência da Universidade portuguesa para Coimbra, Manuel da Costa voltou a Portugal. “Veyo para a Universidade de Coimbra, logo no principio della, e foi Lente de Codigo, começando a ler no mes de Outubro deste anno de 1537, em que fez exame privado, e tomou o grao de Licenciado aos 6 de Novembro, e aos 11, o de Doutor, na Sé de Coimbra, assistindolhe aos actos, o Bispo da mesma Cidade, Dom Jorge de Almeida, e o Reitor Dom Garcia, seu sobrinho”²³. Como Lente de Código, ganhava então 20 mil réis por ano. Em 1543 passou a reger a Cadeira de Digesto Velho “...que vagaria aos triennios...”²⁴. Tomou posse a 29 de Outubro de 1555 da Cátedra de Prima de Leis, com um ordenado de 150 mil réis e nela se jubilou ao fim de vinte anos de serviço na Universidade, por carta de D. Sebastião, subscrita pela rainha sua avó, D. Catarina,

¹⁹ Esta Carta, escrita em Salamanca em Março de 1562, antecede uma série de obras jurídicas de Manuel da Costa, publicadas em Leão, na França, em 1584.

²⁰ ‘Pelo que, pois, sendo eu jovem, me consagrei aos estudos nesta mesma Academia, sob os auspícios da augustíssima Isabel, tua mãe...’.

²¹ Arquivo Universitário de Salamanca, *Cursos*, livro 543, fº 13.

²² J. V. Serrão, *Portugueses no Estudo de Salamanca* (Lisboa 1962) 256.

²³ F. L. Ferreira, *Noticias* 59.

²⁴ *Ibidem*.

datada de 10 de Abril de 1561²⁵. A jubilação após vinte anos de serviço no ensino era então procedimento corrente na Universidade de Coimbra. Nessa carta, o rei afirma: “...os quaes vinte annos se acabarão de cumprir em fim do mes de Setembro, do ano de quynhetos e cincoemta e nove...”. Feitas as contas, poderiam estas palavras, de imediato, levar-nos a pensar que Costa teria começado a ensinar na Universidade de Coimbra apenas em 1539. Porém, os vinte anos necessários para a jubilação deste jurista português não foram contados desde 1537, ano em que efectivamente entrou como professor para aquela Universidade: a comprová-lo está, por exemplo, a inclusão do nome de Manuel da Costa na folha dos ordenados dos lentes da Universidade de Coimbra em Outubro de 1537, como testemunha M. Brandão²⁶. Provavelmente, “...sólo en el 39 obtuvo nuestro jurista una provisión, que pudo solicitar sin fruto dos años antes”²⁷.

Quando em 1548 M^o João Fernandes faz o elogio dos mestres da Universidade de Coimbra, na conhecida *Oração sobre a Fama da Universidade*, refere-se a Manuel da Costa nos termos seguintes:

*...uir ad ius ciuile non minus quam ipse natus Papinianus. Nam et latini sermones proprietate, quae in iuris ciuilibus auctoribus plurimum eminet et ingenii acumine quo non praestantior alius, nihil est tam abstrusum et abditum quod non feliciter depromat, depromptum illustret, illustratum ea facilitate discipulis tradat, ut aperte intelligant in ea re multos antiquitates proceres falsos fuisse...*²⁸

²⁵ Cit. in “Contribución a la biografía” 367-368. Segundo F. L. Ferreira, *Noticias*, Manuel da Costa leu ainda a Cadeira de *Prima* de Leis até Julho de 1561.

²⁶ *Actas dos Conselhos da Universidade de 1537 a 1557*, vol. I (Coimbra 1941) 15.

²⁷ “Contribución a la biografía” 323.

²⁸ ‘...homem não menos nascido para o direito civil que o próprio Papiniano. Com efeito, quer com a propriedade do discurso latino, que nos autores do direito civil muito sobressai, quer com a agudeza do espírito, em que ninguém é mais excelente, nada está tão secreto e escondido que ele não traga à luz com êxito, que não abrilhante o que descobriu, que não transmita aos discípulos o que ilustrou com tal felicidade, que eles compreendem que nesta matéria muitos foram os falsos corifeus ilustres da Antiguidade...’ (trad. de J. A. Osório, *M^o João Fernandes* 145).

Papiniano foi um jurisconsulto romano de renome (c. 140-212).

Professor ilustre na lusa Atenas, Manuel da Costa voltaria de novo à Universidade de Salamanca. Lembremos que no Renascimento era comum o intercâmbio entre alunos e professores de vários países: assim acontecia nas Universidades de Coimbra e de Salamanca, como provam os nomes de Martinho de Azpilcueta, Aires Pinhel.

De facto, depois de se ter jubilado em Coimbra, como referimos, tentando decerto garantir o seu futuro (os salários mais elevados da vizinha Espanha eram convidativos), o jurista português dirige-se a Salamanca, em 1561, tornando-se mestre na Universidade que o vira já como discípulo. Às ambições que o levaram àquela cidade espanhola se refere Inácio de Moraes, no epitáfio que fez para a sua sepultura:

*Lusitanus erat, patriis migravit ab oris,
Vt clarum augetet nomen, opesque suas.*²⁹

Em Salamanca, não vacilou o mestre português ao ter de se sujeitar a “oposições”, concursos para a ocupação das vagas de professores, com a finalidade de tomar a prestigiada e bem remunerada Cátedra de *Prima* de Leis, que então vagara, por morte do Dr. Peralta. Aí, contou com o antagonismo do jurista português Aires Pinhel e do espanhol Juan Muñoz. As questões que rodearam estas “oposições” são descritas por González de la Calle, *Contribución a la biografía* 326 sqq.. Não resistimos no entanto a referir um curioso episódio que então se passou. Conta-se que quando Costa dava a própria lição do concurso, face ao barulho que a audiência fazia, talvez para o perturbar, ou porque não era ele o concorrente preferido, o jurista português, oportunamente, exclamou:

*Audite, audite, alium Papinianum auditis, et non auditis
Emanuelem a Costa*³⁰.

Manuel da Costa venceu o concurso; porém, a Universidade de Salamanca, não querendo perder Aires Pinhel, um outro mestre insigne, fê-lo lente extraordinário de Leis, dando-lhe um ótimo salário de 300 ducados³¹.

²⁹ Cit. in *Noticias* 64.

‘Era lusitano; partiu dos litorais pátrios
Para engrandecer seu nome ilustre e suas riquezas’.

³⁰ Cit. in *Noticias* 97.

‘Ouvi, ouvi! Ouvis um outro Papiniano e não ouvis Manuel da Costa!’

³¹ Cf. N. António, *Bibliotheca Hispana Nova*, t. III (Madrid 1783) 345.

Não durou muito o magistério de Costa na Universidade salmantina, dado que ele viria a falecer em 1562³², sucedendo-lhe no lugar Aires Pinhel, a quem também a morte não deixou permanecer muito tempo no cargo. E o substituto foi, uma vez mais, um português, Heitor Rodrigues.

Como jurista e professor de leis, "...o seu método era o de ir directamente aos textos dos jurisconsultos romanos e, aí, "*libere philosophari*", pondo de parte os modernos que pretendiam defender opiniões pessoais e não sondar a verdade: era um "textual".

A sua visão directa das fontes aliava-se, também, a uma elegância formal e filológica tão do gosto dos cultos³³.

Associando o seu espírito humanista ao Direito, "Costa reivindica, simplesmente, o espírito de liberdade na leitura do *Corpus Iuris*, procurando, por vezes com excesso de subtilidade, a nova solução que contraste com a que "todo o mundo segue"..."³⁴.

A sabedoria do conceituado *Doctor Subtilis*, como era apelidado, "...pela penetrante agudeza do juízo *Subtil*..."³⁵, ficou gravada, quer nos seus tratados de Direito, escritos em latim, quer no espírito de alunos seus, de colegas, de amigos que, com voz encomiástica, testemunham o seu grande apreço a um mestre de pequena estatura³⁶,

³² P. U. González de la Calle, "Contribución a la biografía" 359-360, faz referência a uma petição apresentada à Universidade de Salamanca por Miguel da Costa, irmão do autor de que nos ocupamos, relativa à situação desfavorável da esposa deste, D. Isabel Henriques, e de seus filhos, Jorge e Miguel da Costa, após a sua morte. A petição, aí transcrita, data do ano de 1562. Também os versos de Inácio de Moraes (cit. in *Noticias* 60-65) que referem a morte de Costa são publicados em 1562. Notemos ainda que, segundo J. A. Sánchez Marín, "Características de la obra", de acordo com as Actas do Claustro da Universidade de Salamanca, o jurista português faleceu a 22 de Junho de 1562.

³³ N. J. E. G. da Silva, *Humanismo e Direito em Portugal no Século XVI* (Lisboa 1964) 242-243.

³⁴ *Idem, ibidem*, p. 247.

³⁵ D. Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana* 234.

³⁶ Inácio de Moraes, no já citado epitáfio, refere-se deste modo a Manuel da Costa:

Condita in hoc tumulto sunt parui corporis ossa

Clara uiri toto fama sed orbe uolat.

‘Os ossos de um corpo pequeno ocultam-se sob este túmulo,
mas a ilustre fama do homem voa por todo o orbe’.

mas de grande erudição e eloquência. João Garcia de Saavedra, seu discípulo em Salamanca, no cap. VI do *De Expensis*, refere-se-lhe deste modo:

*Eum uiuum amauiumus, et mortuum colimus, quem disputantem et publice et priuate saepe audiuiumus*³⁷.

Pedro Sanches, por seu turno, tece um elogio a Manuel da Costa na carta em verso que escreveu a Inácio de Moraes sobre os poetas novilatinos portugueses do seu tempo, à qual já aludimos:

*Nec te praeteream tacitum, doctissime Costa,
Atque tuum genium natum dissoluere iuris
Caesarei nodos, cui primas iure cathedras
Munda dedit, Tormisque dedit, bene notus uterque...*³⁸

Com a referência aos rios Mondego e Tormes - metonímias, respectivamente, das cidades de Coimbra e de Salamanca - faz-se alusão geográfica aos dois centros culturais e universitários onde decorreu a ilustre carreira académica de Manuel da Costa.

Muitos outros nomes louvaram o distinto jurista português³⁹, cujo “...conocimiento muy profundo de la lengua latina se evidencia en sus distintos comentarios jurídicos, que avalan un dominio absoluto de los textos legales, una familiaridad con las fuentes antiguas pareja a la que podían exhibir los “bartolistas”⁴⁰, y una gran erudición e ingenio, tenidos en alta estima en su tiempo y en época posterior”⁴¹.

³⁷ Cit. in *Noticias* 85.

‘Vivo, amámo-lo, e morto, prestamos-lhe culto, a ele que frequentemente ouvimos debater em público e em privado’.

³⁸ ‘Não passarei em silêncio ao teu nome, doutíssimo Costa, nem ao teu génio nascido para desfazer os nós do Direito Cesáreo, tu, a quem deu a cátedra de *Prima* o Mondego, a quem a deu o Tormes, os dois bem conhecidos...’

(trad. de A. C. Ramalho, “Aspectos do Humanismo na Universidade de Coimbra”, *Para a História do Humanismo em Portugal-II* [“Aspectos do Humanismo”] (Coimbra 1994) 157).

³⁹ F. L. Ferreira, *Noticias* 84 sqq.

⁴⁰ Sobre Bártolo de Sassoferrato, jurista que dá o nome à chamada escola bartolista, cf. N. Espinosa in *Verbo*, *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* – Edição Século XXI, vol. IV, s. v. Bártolo de Sassoferrato (Lisboa 1998) 341.

⁴¹ J. A. Sánchez Marín, “Características de la obra” 260.

Em Portugal, o Direito aparece associado às ciências humanas, de acordo com o espírito humanista. Os juristas, quando passavam pela Universidade, recebiam também formação em humanidades, pelo que eram capazes de produzir, por vezes, textos literários e jurídicos ao mesmo tempo. Assim aconteceu com Manuel da Costa que, à perícia no Direito, acrescentou o gosto pela poesia, compondo belos versos em latim, reunidos no t. I do *Corpus*, que lhe mereceram que Pedro Sanches o colocasse entre os grandes poetas novilatinos do seu tempo, como já foi dito. Afirma Barbosa Machado⁴²: “Unio o severo estudo das leys Imperiaes com a amena cultura das Musas Latinas em que foy sublime o seu entusiasmo sendo igualmente feliz o seu engenho nos preceitos da Oratoria elegantemente practicados quando em nome da Universidade de Coimbra lamentou a morte de seu Real Instituidor D. Joaõ o III”.

Através da sua poesia e da sua oratória, escritas num tom panegírico, exhibe Manuel da Costa a sua cultura histórica e mitológica, como é lugar-comum nas obras renascentistas, aproveitando para divulgar elogiosamente a expansão ultramarina portuguesa, motivo inspirador para os autores de Quinhentos, como referimos. De facto, a História recente de Portugal constitui particular fonte de inspiração para o poeta, reflectindo-se nomeadamente no vocabulário ligado à conquista e à navegação utilizado nos seus poemas (cf. por exemplo os diferentes termos empregues para designar as embarcações: *ratis*, *navis*, *carina*, *cymba*). Note-se também que Manuel da Costa utiliza termos que são criações humanísticas, como *Lusiadae*, *nabilis*, em versos onde ecoam autores da Antiguidade Greco-Latina e onde está presente o clima de epopeia que então se vivia em Portugal. Este ambiente de epopeia, aliado a um sentimento nacionalista, dá lugar de destaque à monarquia, à nobreza, ao alto clero portugueses, amplamente louvados, o que de resto não é para admirar num poeta áulico como Manuel da Costa.

A obra que Costa nos deixou consta, pois, de tratados de Direito, de textos poéticos e oratórios, e está escrita em latim. Jorge da Costa, filho do célebre jurista e poeta novilatino, que aliás se tornaria também um jurista de renome, reuniu os vários textos que seu pai escreveu e, reimprimindo-os, editou-os em Salamanca, em 1584, sob o título

⁴² Cf. *Bibliotheca Lusitana* 234.

Opera omnia, que existe na Biblioteca da Universidade de Salamanca, com a cota 44548.

Foram as seguintes as obras que chegaram até nós:

I - Textos Jurídicos:

- *Emmanuelis Costae Iureconsulti Lusitani Commentaria, in §. Et quid si tantum L. Gallus ff. de liberis, et posthumis* (Conimbricæ, excudebant Ioannes Barrerius et Ioannes Aluarus, MDXLVIII). Dedicado a D. João III.

- *Emmanuelis Costae Iureconsulti Lusitani Commentaria in. l. Si ex Cautione. C. de non numerata pecunia* (Conimbricæ, Ioannes Barrerius et Ioannes Aluarus Regii Typographi excudebant, MDXLIX).

- *Emmanuelis Costae Iureconsulti Lusitani Regii Senatoris Commentaria in. § Si arbitrato. l. cum tale. ff. De conditionibus et demonstrationibus. Idem Selectarum Interpretationum circa conditiones, demonstrationes et dies. Libri II* (Conimbricæ, apud Ioannem Barrerium et Ioannem Aluarum Typographos Regios, MDLI).

- *Emmanuelis Costae Iureconsulti Lusitani Regii Senatoris de suo et alieno posthumo commentaria in § Posthumus. Instit. De Legatis. Item Scholia in difficillimam. l. Si filius haeres institutus sit omissio posthumo. ff. De liberis et posthumis* (Conimbricæ, excudebant Ioannes Aluarus et Ioannes Barrerius Typographi Regii, MDLII). Dedicado a D. Duarte, filho do infante D. Duarte e de D. Isabel.

- *Patruis et Nepotis de successione regni Portugalliae tractata quaestio: utrum patruus, Regis filius secundo genitus annis maior: an uero eiusdem Regis nepos etiam infans, ex primogenito conceptus, praeferri debeat.* Auctore Emmanuele Costa Iureconsulto Regio Senatore, atque in Conimbricensi Academia professore legum primario. (Conimbricæ, apud Ioannem Barrerium Typographum Regium, MDLVIII). Dedicado ao rei D. Sebastião, revela as preocupações do autor com o problema da sucessão da coroa, depois do falecimento de D. João III.

- *Cap. Si Pater. De Testamentis Lib. Sexto. Et § cum in bello l. Quin duos ff. De rebus dubiis Commentaria* (Salmanticae, in aedibus Vincenti a Portonariis, MDLXII). Dedicado ao rei Filipe II de Espanha.

- *In nonnullas leges et paragraphos commentarii* (Leão de França, herdeiros de Jacques Giunta, 1564).

As obras acima apontadas seriam impressas novamente em Leão de França, em 1584, *in officina Q. Philipo Tonghi*, e em Salamanca, também em 1584, como antes mencionámos, *in aedibus Ildefonsia Terranoua et Neyla*.

II - Poética e Oratória

- *Emmanuelis Costae Iureconsulti de Conimbricensi Academia a Serenissimo Lusitanorum Rege Ioanne huius nominis III feliciter instituta, Carmen* (Conimbricae, excudebant Ioannes Barrerius et Aluarus Typographi Regii, MDXLVIII).

- *Emmanuelis Costae Iureconsulti Lusitani Regii Senatoris de nuptiis Eduardi Infantis Portugalliae, atque Isabellae, Illustrissimi Theodosii Brigantiae Ducis germanae, Carmen Heroicum*. (Conimbricae, excudebant Ioannes Aluarus et Ioannes Barrerius, MDLII).

- *Ad Ioannem, et Ioannam Principes Lusitaniae serenissimos Proteus*. Emmanuele Costa Iureconsulto Lusitano Senatore Regio Auctore (Vlysbona MDLIII).

- *Epigramma de Tabella, qua depicta fuit Serenissimi Ioannis Tertii Lusitanorum Regis Soror, Maria Princeps Augustissima*.

- *Epigramma ex Graeco: cui mentionem mortis immaturae charissimi discipuli sui Author inseruit*.

- *Oratio funebris in exequiis Serenissimi Portugalliae Regis Ioannis III*. (Conimbricae, apud Ioannem Barrerium Typographum Regium, MDLVIII).

Os versos de Manuel da Costa seriam reimpressos em 1745, no t. I do *Corpus*, como anteriormente foi referido.

A obra de Costa sobreviveu, ilustrando a fama que tinha no século XVI este humanista português.

No epitáfio a que já aludimos, escreveu Inácio de Moraes:

Corpus humo tegitur, durat sed fama superstes.

*In quam mors potuit iuris habere nihil*⁴³.

⁴³ ‘O corpo, cobre-o a terra, mas dura a fama que lhe sobrevive.

E sobre ela, a morte não pôde ter qualquer direito’.

(trad. de A. C. Ramalho, “Aspectos do Humanismo” 164).

O elogio que fizeram a Costa, humanista português, jurista e poeta, autores vários testemunha a valia deste homem ilustre e da sua obra.

II

O EPITALÂMIO, MOTIVO DOS VERSOS DE MANUEL DA COSTA

O epitalâmio na tradição clássica e humanista - breve referência

O epitalâmio, referido por Menandro como um dos géneros de discursos epidícticos, *...canta las habitaciones y alcobas nupciales, a los novios, a la familia (...). Gusta de relatos enamorados y amorosos ya que eso es lo propio del tema*⁴⁴.

Poesia de circunstância, usualmente escrita em hexâmetro, este subgénero lírico elogia pois os noivos e suas famílias, frequentemente comparados, com intuito laudatório, a eminentes figuras históricas, a heróis, a deuses, a quem aqueles igualam ou até superam⁴⁵.

Se lançarmos um olhar pela produção literária da Antiguidade Greco-Latina, deparamos desde logo com uma referência a cantos nupciais na *Iliada* 18. 491 sqq., onde, ao serem descritas duas cidades esculpidas no famoso escudo do herói Aquiles, se lê:

‘...Numa havia bodas e festins:

ao luar dos archotes, levam pela cidade as noivas

saídas do tálamo; elevam-se no ar muitos cantos nupciais⁴⁶.

Porém, na Grécia, são produções poéticas de Safo que constituem decerto as mais antigas ilustrações literárias do *epitalâmio*:

...
Na noite, em vigília,
cantam as raparigas,
cantam a tua amada,

⁴⁴ Cf. F. Romero Cruz, *Menandro. Sobre los generos epidicticos*. Introducción, traducción y notas por F. Romero Cruz [*Sobre los generos*] (Salamanca 1989) 69.

⁴⁵ Como refere A. C. Ramalho na página 28 do seu livro *Para a História do Humanismo em Portugal I*, este confronto e valorização dos contemporâneos é um procedimento usual desde a Antiguidade Clássica (sobre este assunto, cf. E. R. Curtius, *Literatura Europea y Edad Media Latina*, vol I, traducción de M. F. Alatorre e A. Alatorre [*Literatura Europea*] (México 1955) 235-241).

⁴⁶ Trad. de M. H. da Rocha Pereira, *Hélade. Antologia da Cultura Grega* (Coimbra⁷1998) 34-35.

de violetas cingida.

Que desperte a noiva
e se junte a nós:
seu sono é mais leve
que o sono das aves⁴⁷.

“Os fragmentos conservados elogiam o noivo ou a noiva, formulam votos pela descendência, ou celebram em hexâmetros os esponsais de figuras como Heitor e Andrômaca”⁴⁸. “O epitalâmio assume em Safo uma forma artística definitiva, que se há-de impor a poetas posteriores como Teócrito ou Catulo. São poemas delicadíssimos em que a mulher ocupa o lugar de relevo...”⁴⁹.

Teócrito oferece-nos um exemplo do epitalâmio grego no *Idílio XVIII*, onde celebra as bodas do Atrida Menelau e da bela Helena. Nesta composição, doze virgens da Lacónia entoam o canto de himeneu.

Em Roma, Catulo, Estácio, Claudiano são alguns nomes representativos dos epitalâmios latinos. Dos que foram escritos por Catulo, são famosos os carmes 61, 62 e o carne 64, sobre as núpcias da nereide Tétis e do herói Peleu, onde as Parcas anunciam aos noivos a ilustre descendência futura - Aquiles.

Estácio (*Siluae* I. 2), por seu turno, canta as núpcias do poeta *Stella* e da sua *Violentilla*.

Claudiano celebra as bodas do imperador Honório e de Maria, filha de Estilicão, famoso general romano, desenvolvendo amplamente, à semelhança de Estácio, o tópico panegírico da valorização do elogiado.

A literatura da Antiguidade Clássica influenciou, sem dúvida, os autores do Renascimento, que utilizavam o epitalâmio para celebrar o casamento de personagens ilustres - príncipes, infantes, nobres. Numa altura em que, em Portugal, era lugar-comum o canto laudatório de figuras eminentes, um nascimento, um casamento, uma morte, uma expedição forneciam circunstâncias propícias ao labor inspirado da pena dos artistas. Estas composições revestem-se de “...valiosa

⁴⁷ Trad. de E. de Andrade, *Poemas e Fragmentos de Safo* (Porto 1974) 99.

⁴⁸ M. H. da Rocha Pereira, *in Verbo*, vol. X (Lisboa 1999), s. v. epitalâmio 482.

⁴⁹ M. O. Pulquério, *in Verbo*, vol. XXV (Lisboa 2002), s. v. Safo 1260-1261.

informação cronológica, genealógica, social (...) num impressionante estendal de erudição mitológica, histórica, artística e cultural que, só por si, documenta a receptividade da corte portuguesa à ideologia do Renascimento”⁵⁰.

Foram vários os autores que, entre nós, escreveram cantos nupciais, em latim, ou em português. Entre os novilatinos, destaca-se desde logo a figura de Cataldo Parísio Sículo, que celebra com um epitalâmio as bodas de D. Jorge, filho bastardo do rei D. João II, e de D. Beatriz⁵¹. Miguel de Cabedo e Diogo de Teive, por sua vez, cantam as núpcias do príncipe João e da princesa Joana, pais do rei D. Sebastião⁵². Este enlace matrimonial, de tão grande importância para o reino lusitano - no príncipe D. João, único varão sobrevivente do tálamo do rei D. João III e da rainha D. Catarina, se depositavam todas as esperanças para a sucessão dinástica portuguesa -, foi celebrado também em latim por Manuel da Costa e em português por António Ferreira, na égloga *Arquigâmia*. O autor dos *Poemas Lusitanos* dedicou, igualmente em língua vernácula, um outro epitalâmio ao casamento de D. Maria, primeira filha do infante D. Duarte e de D. Isabel, com Alexandre Farnésio, Príncipe de Parma. Dos autores que escreveram em língua portuguesa, uma referência ainda a Francisco Sá de Miranda que, no *Epitalâmio Pastoril*, celebra o casamento de D. Camila de Sá, neta de João Rodrigues de Sá de Meneses, com João Rodrigues de Sá.

Dois cantos nupciais de Manuel da Costa

Manuel da Costa compôs dois epitalâmios, como já referimos, ambos em hexâmetro: *Emmanuelis Costae iureconsulti Lusitani, regii senatoris, DE NVPTIIS EDVARDI INFANTIS PORTVGALIAE ATQVE ISABELLAE, ILLVSTRISSIMI THEODOSII BRIGANTIAE DVCIS GERMANAE, carmen heroicum, e AD IOANNEM, ET IOANNAM, Principes Lusitaniae serenissimos Proteus*. O primeiro,

⁵⁰ A. C. Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal I*, 25-26.

⁵¹ Cf. A. C. Ramalho, *ibidem*, 22-30.

⁵² Celebram os poetas novilatinos estas núpcias, respectivamente, no poema *In nuptias Serenissimorum Principum Ioannis et Ioannae*, e no *Carmen in nuptias eorundem Principum ab eodem authore publice Conimbricae pronunciatum* (escrito depois da *Oratio in laudem nuptiarum Ioannis ac Ioannae Illustrissimorum Lusitaniae Principum*, proferida por Diogo de Teive na Universidade de Coimbra, a 22 de Dezembro de 1552).

sobre o casamento do infante D. Duarte, filho do rei D. Manuel I, com D. Isabel, filha de D. Jaime, IV duque de Bragança, consta de 786 versos; o segundo, sobre as núpcias do príncipe João e da princesa Joana, é composto por 179 versos. O maior número de versos concedido ao primeiro poema deve-se possivelmente ao facto de aí se exaltar amplamente, e em simultâneo, a Casa Real e a Casa de Bragança. A esta última se sentia decerto afectivamente muito ligado o poeta, uma vez que seus pais eram funcionários dessa Casa e ele um protegido de D. Teodósio, V duque de Bragança, patrono de letrados (cf. *Carta Dedicatória a D. Teodósio*).

Nas duas composições nota-se o estilo panegírico, que recorre à comparação, à hipérbole, nomeadamente na exaltação dos monarcas, e em particular do monarca reinante, D. João III, a quem, como veremos, o aedo Demódoco se sente incapaz de cantar dignamente⁵³. Por outro lado, a participação das gentes da cidade de Lisboa e dos Castelhanos na alegria festiva do casamento do príncipe João e da princesa Joana constitui também um tópico panegírico, bem como o elogio dos jardins do Palácio de Vila Viçosa, que superam os das Hespérides ou os do rei Alcínoo.

Consideremos agora em particular cada um dos dois poemas.

O epitalâmio de D. Duarte e de D. Isabel

Acontecimento social revestido de grande importância a nível político⁵⁴, as núpcias do infante D. Duarte⁵⁵ e de D. Isabel⁵⁶ são a

⁵³ O tópico de “o inefável” é habitual no elogio dos reis, como salienta E. R. Curtius, *Literatura Europea*, vol. I, 231-235.

⁵⁴ Cf. F. Palha, *O casamento do Infante D. Duarte com D. Izabel de Bragança [O casamento]* (Lisboa 1881) 20: “Não admira pois que no animo do rei, ou melhor, de algum dos seus secretários (...), nascesse a idéa de, por meio do casamento de D. Izabel com o infante, distrahir a favor da casa real grande parte do poder e riqueza da casa de Bragança”.

⁵⁵ O infante D. Duarte (1515-1541) era o penúltimo filho do rei D. Manuel e da rainha D. Maria, e irmão de D. João III.

⁵⁶ D. Isabel, que tinha por irmão o V duque de Bragança, D. Teodósio, era filha de D. Jaime, IV duque daquela Casa, e de D. Leonor de Mendonça. J. Teixeira, n’ *O Paço Ducal de Vila Viçosa [O Paço]* (Lisboa 1983) chama-lhe D. Leonor de Gusmão. O anotador da *Chronica do serenissimo Senhor Rei D. Emanuel [Chronica do serenissimo]* (Coimbra 1790), escrita por Damião de Góis, diz no capítulo LXI da parte I que na edição primitiva da *Chronica*, D. Leonor tem o apelido Gusmão, mas ele corrige-o para Mendonça, à

razão do canto enaltecedor de Manuel da Costa. Celebrou-se este tratado de casamento em Agosto de 1536, realizando-se as bodas a 24 de Abril de 1537⁵⁷, no Palácio Ducal de Vila Viçosa, com muito luxo (cf. descrição feita por D. A. Caetano de Sousa, *História Genealógica*, t. VI, cap. XIII).

Na *Carta Dedicatória* que antecede o poema, dirigida ao V duque de Bragança, afirma o poeta ter composto este *carmen* na altura das bodas do infante D. Duarte e de D. Isabel, em 1537 e, em 1552, apenas ter dado ‘...a demão final à obra que começara...’. Há, porém, alguns passos que constituem acrescentos posteriores à redacção inicial de 1537, nomeadamente os vv. 192-194, onde Manuel da Costa refere D. João, VI duque de Bragança, filho de D. Teodósio e de D. Isabel de Lencastre, que apenas casaram em 1542. A referência a D. Duarte (vv. 765-773), nascido no ano de 1541, filho póstumo do infante D. Duarte e de D. Isabel, é sem dúvida um outro acrescento.

Coube a D. Teodósio, por morte de D. Jaime, em 1532, concluir as negociações para o casamento de sua irmã, D. Isabel⁵⁸, e exercer as funções de pai da noiva. Esmerou-se o V duque de Bragança nestas funções, revelando-se o promotor do casamento que, uma vez mais, unia a poderosa Casa de Bragança à Casa Real, e abrilhantando-o com ‘...aquele cortejo triunfal de jogos e espectáculos com gastos incríveis...’⁵⁹. Para satisfação do rei e de seus conselheiros, incluiu o V duque de Bragança e III de Guimarães no dote de sua irmã a “Villa” de Guimarães, “...com a clausula de que em lhe faltando sucessaõ, teria reversaõ à Casa de Bragança e seria incorporada nos demais Estados della...”⁶⁰.

semelhança aliás de outras obras que se referem a D. Leonor e lhe atribuem, como nome de família, Mendonça.

⁵⁷ Esta data é indicada por F. L. Ferreira, *Noticias* 75 e 94. No entanto, F. Palha, *O casamento*, aponta o dia 23 de Abril para a realização das núpcias. Ora, segundo refere D. A. Caetano de Sousa, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, t. VI, cap. XIII [*História Genealógica*] (Coimbra) 10 sqq., o dia 23 foi aquele em que D. João, o noivo, e toda a comitiva real saíram de Évora; pernoitaram em Estremoz e só no dia seguinte, i. e., 24 de Abril, chegaram a Vila Viçosa para celebrar o ilustre casamento.

⁵⁸ Com D. Teodósio, terminava o impasse verificado nas negociações deste casamento no tempo de D. Jaime (cf. F. Palha, *O casamento*).

⁵⁹ Cf. *Carta Dedicatória a D. Teodósio*.

⁶⁰ D. A. Caetano de Sousa, *História Genealógica*, t. VI, 9.

Dá início a este poema um retrato do noivo, apaixonado, ansioso e, por isso, indiferente a uma actividade que muito apreciava, a caça, para em seguida, após uma alusão à noiva, ‘jovem celestial da estirpe de reis’, ser elogiada a Casa de Bragança, através de D. Jaime, o conquistador da praça africana de Azamor, e de D. Teodósio, a quem o poeta dedica este canto. Momentos depois surge Vénus, protectora dos noivos e encarregada de preparar o seu festivo himeneu - a presença honrosa dos deuses e o recurso frequente ao elemento mitológico⁶¹ são uma constante ao longo do poema. Enobrecendo tão ilustre união, descerão do Olimpo as divindades⁶²: ‘Em grupo descem os deuses para celebrarem sob a figura de homens os jogos festivos e para associarem o festivo Himeneu aos recém-casados’. Lugar de relevo, com palavras “...apropriadas al tema y de mucho deleite para los oyentes”⁶³, é ocupado pelos deuses do amor e pelo do casamento, bem como pelos episódios mitológicos amorosos.

Vénus, com Cupido e com os Amores, dirige-se entretanto a Vila Viçosa, fértil região descrita por Manuel da Costa - aí possuíam os duques de Bragança um magnífico palácio, onde foram celebradas as bodas, como referimos. E através de tapeçarias do palácio de D. Teodósio descrevem-se conquistas recentes dos Portugueses no Oriente. Os versos que as ilustram constituem não só uma exaltação para os seus protagonistas, como também para o povo português em geral e ainda para os soberanos que possibilitaram a descoberta de mundos desconhecidos⁶⁴. Assim, num tom épico, são narrados os ilustres feitos na Índia de Duarte Pacheco Pereira, vencedor em Cochim; de D. Francisco de Almeida, conquistador de Quíloa e de Mombaça, e de D. Lourenço, seu filho, heroicamente morto em Chaul; de Afonso de Albuquerque, que tomou Ormuz, Goa, Malaca. Estes e outros heróis, como é sabido, serão cantados por Camões n’ *Os Lusíadas*, pela voz da “angélica Sirena”, no canto X.

⁶¹ Lembremos que era do gosto dos humanistas a narração de histórias da mitologia, sobretudo recônditas: constituía uma forma de exibição de cultura.

⁶² Cf. Catulo, *Carmina* 64, onde os deuses se associam também às comemorações do casamento de Tétis e de Peleu.

⁶³ F. Romero Cruz, *Menandro, Sobre los géneros* 69.

⁶⁴ O elogio refere-se, nomeadamente, a D. Manuel e a D. João III, ambos monarcas empenhados na expansão ultramarina portuguesa.

A descrição de acontecimentos por meio de objectos - quadros, escudos, etc. - é um processo épico, utilizado já na *Iliada* (cf. 18. 478 - 608).

Não existem hoje, no Palácio Ducal de Vila Viçosa, as tapeçarias a que Manuel da Costa se refere neste passo, embora possam ainda admirar-se outras, onde figuram, por exemplo, episódios mitológicos da vida de Cadmo e de Aquiles, episódios históricos como o encontro de Marco António e de Octávio, episódios religiosos como o descimento da Cruz. Nas *Memórias da Caza de Bragança*, que se encontram na B. N. L., Cód. 1544, há um documento respeitante às festas de 1537, citado por J. Teixeira, *O Paço*, 114-119, no qual se faz referência a “...huns panos de lenco novos pintados em Flandres de muitas batalhas e histórias modernas”⁶⁵, o que permite a hipótese de tais tapeçarias terem, de facto, existido.

Em Vila Viçosa, aguardando o noivo, o rei e a sua comitiva que chegavam de Évora, estão D. Teodósio, D. Joana de Mendonça, segunda esposa de D. Jaime, e a ilustre prole desta: a cada um dos filhos de D. Joana e de D. Jaime se refere Manuel da Costa com palavras elogiosas.

E eis que chega D. João III, a quem o poeta dedica mais alguns versos laudatórios: o monarca, recebido com muita pompa, é acompanhado por seus irmãos - que merecem também, individualmente, a exaltação do autor - e por vários magnates e funcionários da Corte.

A descrição da cerimónia religiosa do casamento consta apenas de cinco versos (vv. 556-560), sendo precedida por um retrato da noiva, ‘...receosa pela novidade dos acontecimentos, ela a quem a mãe dos Amores preparara uma capa brilhante de fulvo ouro e encerrara os cabelos dourados numa preciosa rede; uma viva púrpura cobria o seu rosto inquieto...’. Acompanharam D. Isabel até junto do seu noivo, que ficou maravilhado ao vê-la, sua madrastra, D. Joana, e sua irmã, também Joana. Celebrou o matrimónio o cardeal D. Afonso, irmão do infante D. Duarte e, em seguida, D. Isabel foi atingida pelas poderosas setas amorosas de Cupido, numa simbiose da fé cristã com a mitologia pagã, tão do gosto dos humanistas.

Em alto estilo são escritos os versos que dizem respeito ao faustoso banquete do casamento. Proporcionando-nos uma mostra da

⁶⁵ Cit. in J. Teixeira, *O Paço* 117.

sua cultura mitológica, Manuel da Costa descreve saborosamente as imensas iguarias que constituíam a requintada ementa da festa; refere também o lugar de relevo ocupado pelo rei, num trono de marfim, bem como o facto de ele apenas beber água, em ‘...copos preciosos pelas figuras gravadas a ouro...’; faz ainda referência aos trinchantes do banquete e ao aedo Demódoco que, num rasgo épico, a todos regozija com o seu canto, o qual, ocupando uma parte considerável do poema, exalta os ascendentes dos noivos. Demódoco, indo aos primórdios da História lusitana, canta elogiosamente o rei D. Afonso Henriques e suas gloriosas vitórias, passando em seguida a exaltar os feitos do rei D. João I, do qual descendiam D. Duarte e D. Isabel. Uma menção honrosa também para D. Nuno Álvares Pereira, pai de D. Beatriz, esposa do I duque de Bragança, D. Afonso. E, depois de uma breve referência a D. João II, o aedo exalta o pai do noivo, o rei D. Manuel: ‘...sob os seus auspícios fizera partir as felizes naus da costa da grande cidade de Ulisses o audaz Vasco da Gama, para procurar os portos do rico Ganges e permitir os negócios com o mundo desconhecido’. A este monarca deve o reino ‘...os seus triunfos e grande número de obras, nenhuns tumultos na paz, fácil acesso ao rei e prémios certos para o que os merece, um Senado douto e sem mancha que preside à justiça, cidades providas de templos brilhantes’. A D. João III, não se sente Demódoco digno de o cantar (cantara-o já, elogiosamente, Manuel da Costa!). E recorda então as raízes comuns dos noivos na Casa Real, para quase terminar o seu canto, numa antecipação histórica, com uma alusão enaltecedora a D. Duarte, filho dos noivos, em versos que, como é próprio dos epitalâmios, constituem a formulação de votos aos nubentes de descendência.

O *carmen* de Manuel da Costa chega ao fim, não ainda sem uma referência ao casamento de Tétis e de Peleu (cf. Catulo, *Carmina* 64), nem sem uma invocação a Érato, musa da poesia, particularmente de temática amorosa, a quem Costa pede que o seu nome, como poeta, perdure. E lembremos que a ele se refere, como um grande vate, Pedro Sanches, na epístola em verso dirigida a Inácio de Morais:

*Tu, dum regales mensas, thalamosque Duardi,
Carpathiumque senem, nantesque ad littora phocas
Ludentesque canis spumoso in gurgite Nymphas,*

*Ornatu et positu, magnis te uatibus addis*⁶⁶.

O epitalâmio do príncipe João e da princesa Joana

Manuel da Costa, neste seu canto, celebra de uma forma muito bela as núpcias do príncipe João, filho de D. João III e de D. Catarina, como referimos, herdeiro do trono português, com D. Joana, filha do imperador Carlos V e de D. Isabel, reis de Espanha⁶⁷. A festa do casamento dos príncipes realizou-se em Lisboa, a 7 de Dezembro de 1552, embora desde o dia 11 de Janeiro do mesmo ano, por palavras de presente, se tivesse celebrado na cidade espanhola de Toro o contrato matrimonial de D. João e de D. Joana.

As alianças matrimoniais entre pessoas das famílias reais de Portugal e de Espanha tornaram-se fundamentais, nos reinados de D. Manuel e de D. João III, para a consolidação dos laços e para o assegurar da paz entre os reinos peninsulares (cf. casamentos de D. Manuel I com D. Isabel e com D. Maria, ambas filhas dos Reis Católicos, e ainda o seu terceiro casamento com D. Leonor, irmã do imperador Carlos V; o casamento de D. João III com uma outra irmã de Carlos V, D. Catarina; o daquele imperador com D. Isabel, irmã de D. João III; o dos filhos dos monarcas espanhóis, D. Joana e Filipe II, com, respectivamente, D. João e D. Maria, filhos de D. João III).

Preocupado com as mortes contínuas de seus filhos varões, que colocavam em perigo a sucessão do reino português (ainda mais depois do casamento da infanta D. Maria com o príncipe Filipe de Espanha), D. João III e os do seu conselho trataram de casar o príncipe João, decidindo que a melhor união seria com D. Joana de Castela. “O gosto deste casamento, que foy geral em todos estes reynos, o foy

⁶⁶ ‘Tu, ao cantares os régios banquetes e o tálamo de Duarte, o velho dos Cárpatos e as focas a nadarem para a costa e as Ninfas que brincam entre redemoinhos da espuma do mar, acrescentas o teu nome aos dos grandes poetas, pelo colorido e gravidade dos teus versos’.

(Trad. de A. C. Ramalho, “Aspectos do Humanismo” 157).

⁶⁷ Os príncipes eram primos em linha directa, mas foi-lhes concedida dispensa de consanguinidade e, conseqüentemente, permissão de realizar o matrimónio, por bula do papa Paulo III, datada de Abril de 1543. O texto e a tradução desta bula estão publicados no livro de A. A. Nascimento, *Princesas de Portugal: contratos matrimoniais dos sécs. XV e XVI*. Ed. do texto latino e tradução de A. A. Nascimento, com a colaboração de M. F. Andrade e de M. T. R. da Silva (Lisboa 1992) 100-105.

muyto mayor na corte, porque a gente nobre della começando a tratar mais particularmente co principe (...) enxergou nelle tanta afabilidade, junta com hua realeza e grandeza de animo, & tanta brandura e largueza de condição, & tudo isto junto cõ hu prudencia & saber acima da sua pouca idade, que todos conceberão delle grandissimas esperanças para o diante...”⁶⁸. Porém, não duraria muito esta alegria, já que cerca de um ano depois, a 2 de Janeiro de 1554, o príncipe D. João viria a falecer, deixando D. Joana grávida de um filho que nasceria 18 dias depois da sua morte - D. Sebastião, “maravilha fatal da nossa idade”, como o designa Camões no canto I d’ *Os Lusíadas*. Muitos poetas choraram a morte deste príncipe, amante das letras, nomeadamente Diogo de Teive, Sá de Miranda, António Ferreira, Camões⁶⁹.

D. Joana, que muito amava o marido⁷⁰, uma vez viúva, voltou para Espanha e, em Madrid, fundou o Mosteiro das Descalças Reais, onde jaz; fiel ao primeiro amor, não tornou a casar⁷¹.

Em 1552, não se sonhando com o trágico destino do amado príncipe, reinava a alegria por um casamento ilustre, tão desejado por todos. António Ferreira, na égloga *Arquigâmia*, canta entusiasticamente a chegada a Portugal de D. Joana, recebida festivamente por três belas deusas:

*Aqui Amor, e pazes, e prazeres,
Vivem; vês os tangeres que lá soam*

⁶⁸ F. de Andrada, *Cronica do muito poderoso rey destes reynos de Portugal dom João o III deste nome* [*Cronica do muito poderoso*] (Lisboa 1613) f. 113.

⁶⁹ Sobre o tratamento da morte de D. João por poetas do séc. XVI, cf. N. N. C. Soares, *Diogo de Teive. Tragédia do Príncipe João* (1558) (Coimbra 1977) 37-57.

⁷⁰ O amor destes príncipes é cantado por poetas quinhentistas como António Ferreira que, na égloga *Jânio*, refere a solidão e a dor de Filis (D. Joana) ao ver partir o seu amado; também Diogo de Teive, na *Tragédia do Príncipe João*, apresenta D. Joana a exprimir o seu amor pelo marido, por exemplo, nos vv. 615-619; na *Égloga I* de Camões, Aónia (D. Joana), *Sobre um triste sepulcro...*, chora sentidamente a perda do esposo amado:

*¡Alma y primero amor del alma mía,
espíritu dichoso, en cuya vida
la mía estuvo en quanto Dios quería!*

⁷¹ Sobre a vida de D. Joana cf. M. Bataillon, *Études sur le Portugal au temps de l’Humanisme* [*Études sur le Portugal*] (Coimbra 1952) 257-283.

*Quão docemente toam? Ninfas são
Das Deusas, que aqui estão Palas, Diana,
E Vénus, que a Joana, que já vem,
Fazem festa.*

E na *Ode Aos Príncipes D. João e D. Joana*, incluída no t. I de *Poemas Lusitanos*, louvando alegre e esperançadamente tão feliz união, deseja Ferreira aos príncipes a maior ventura:

*Príncipes nossos, nosso bem, e glória,
Esperança dos Ceos, prazer do Mundo,
Nascidos um para o outro, por Deos dados
Ao sceptro Occidental, e do Oriente:
Vivei felices, pios, vencedores (...).*

Manuel da Costa, no seu *carmen*, canta elogiosamente o casamento dos príncipes, dando a palavra ao divino Proteu⁷² para a narração dos acontecimentos. De facto, o poeta inicia o seu canto apresentando aquele deus, que na estrutura do poema vai ocupar lugar importante: é ele quem, satisfazendo a curiosidade das Nereides, narra os festejos do casamento do príncipe João e da princesa Joana, aproveitando a ocasião para exaltar membros das famílias reais de ambos os noivos e algumas personagens eminentes do século XVI. Note-se que a narração de Proteu, o guardador das focas de Neptuno, ocupa os versos 30 a 176, isto é, a maior parte do poema.

Desde logo, numa descrição pictórica feita pela Nereide Jana sobre um movimento não habitual nas águas do mar, deparamos com a esplêndida imagem de um cortejo divino que, honrosamente, se associa aos festejos das ilustres núpcias. E, já pela voz de Proteu, sabemos que também a ‘raça Lusíada’ e os Castelhanos, engalanados, não puderam faltar a uma festa tão importante. A descrição que o deus faz sobre os preparativos faustosos da cidade e das gentes que queriam celebrar de modo adequado o casamento real revela o ambiente próspero dos Descobrimientos portugueses e espanhóis, manifestado na riqueza dos enfeites. E, como em Ferreira, *Arquigâmia*, até a própria terra se alegrou com esta união, de tal modo que Dezembro parecia um mês de Primavera.

Entretanto, D. João III, acompanhado de seu irmão, o infante D. Luís, e de vários magnates, entre os quais, o duque de Bragança,

⁷² Divindade marinha polimórfica e com o dom da profecia, como é sabido, sob cujo nome é também identificado este carne de Manuel da Costa.

D. Teodósio, dirige-se ao Barreiro numa nau magnificamente equipada, para ir buscar a noiva que aí o aguardava. Momento então para a descrição da beleza de D. Joana, comparada a deusas, a heroínas, a figuras históricas, às quais supera (cf. *supra*, nota 45), e ocasião também para a referência a feitos ilustres de seu pai, altamente elogiado, desde logo pela identificação com o glorioso César.

As Náiades do Tejo oferecem um presente à noiva, um *puluinar geniale* que apresenta os reis lusitanos, desde D. Afonso Henriques (cf. Catulo, *Carmina* 64, 47 sqq.: no *puluinar geniale* destinado a Tétis está representado o romance de Ariadne e de Teseu).

D. Joana, ao som de salvas de canhões que solenemente a saúdam, entra em Lisboa, onde a aguarda, ansiosamente, o apaixonado príncipe.

E, com o cair da noite, termina a narração de Proteu, assim como o canto de Manuel da Costa, sem que seja descrito, mesmo que em breves versos, o encontro dos príncipes e a cerimónia religiosa do seu casamento.

Neste poema também, as núpcias são motivo para o panegírico dos noivos e respectivas famílias, para a celebração de alguns nobres, bem como para a exibição dos conhecimentos de Cultura Clássica e de História do autor, que habilmente tudo condensa nos seus versos, utilizando com frequência longos períodos, como é habitual na época.

Em ambos os poemas de Manuel da Costa antes considerados encontramos um fio condutor: as núpcias de personagens ilustres. Digressões mitológicas e históricas com eles se relacionam, enriquecendo-o. Valorizam-no também processos literários como o emprego de epítetos encarecedores (e. g. *illustrissimi Theodosi, alma Venus, magnanimi Regis Philippi*), o recurso ao símile, de que é um exemplo a comparação do rei das abelhas com o Amor, nos versos 145-151 do carne que celebra a união de D. Duarte com D. Isabel. A descrição dos feitos dos Portugueses na Índia, através das tapeçarias do palácio de Vila Viçosa, bem como a apresentação, no *puluinar geniale*, dos reis de Portugal até D. João III, monarca cujo nascimento vem aí representado, constituem, com os processos literários anteriormente indicados, recursos épicos empregues por Manuel da Costa. Uma nota ainda para a alusão à *Odisseia*, nos versos sobre o casamento de D. Duarte e de D. Isabel: neles se faz referência ao palácio de Alcínoo, a Ulisses e ao aedo Demódoco que, durante o

banquete, surge a cantar os reis de Portugal e a Casa de Bragança. Note-se também que os textos de Manuel da Costa, aqui e ali, como apontaremos, aludem à *Iliada*, têm ressonâncias da *Eneida*, ou apresentam semelhanças com *Os Lusíadas*, obra posterior à do poeta novilatino (lembremos que a primeira edição da epopeia de Camões data de 1572).

O poema épico tão desejado em Portugal, antes de ser escrito por Camões, encontrara já alguns esboços noutros autores quinhentistas⁷³.

⁷³ Cf. L. de Matos, “L’ Expansion” 401 sqq. Sobre o tratamento épico dado a estas duas composições de Manuel da Costa cf. C. de Miguel Mora, “As leituras dos humanistas: fontes secundárias de Manuel da Costa”, *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 1 (1999) 133-154.

(Página deixada propositadamente em branco)

III

TEXTO LATINO, TRADUÇÃO, NOTAS E COMENTÁRIOS⁷⁴

⁷⁴ Fizemos preceder a tradução dos dois epitalâmios da *Carta Dedicatória a D. Teodósio*.

Carta Dedicatória a D. Teodósio

*Illustrissimo principi
Theodosio, huius
nominis primo Brigantiae Duci,
Emmanuel Costa ulyssiponensis
iureconsultus .s.*

Cum proximis mensibus, quibus Academiae nostrae more a publicis lectionibus feriabamur, illustrissime Princeps, inter nonnulla uersibus a me olim composita, libellum de nuptiis Eduardi Principis et clarissimae Sororis tuae Isabellae inuenissem eumque rudem atque interruptum, quasi extraneus lector nempe post XV annos, perlegissem, dolui me, in ea aetate in qua ueniae paratus erat fauor, non perfecisse quod homo iam quadragenarius, legum ueteranus professor ac plerisque in ius ciuile editis commentariis notus Iureconsultus absoluere pro dignitate non poteram. Sed quoniam earum nuptiarum author ipse extiteras et in his triumphalem illam pompam ludorum et spectaculorum exhibueras incredibilibus sumptibus, quibus memoria nostra splendidius nihil uidit meque in aere tuo esse agnoscerem, quod augustissima Brigantia familia, cuius principatum merito tenes, parentes quondam meos addictissimos clientulos habuerit, putauit meae erga te pietati haud aliter satisfacturum, quam si insertis quoque tui generis primordiis, quae cum Lusitaniae Regibus communia habes, inchoato operi extremam manum admouerem. Quocirca tentauit cum tetricis Musis in gratiam redire: easque sperauit Parnasum mihi ac fontes suos tui potissimum contemplatione reclusuras, quem uidelicet eo nomine carissimum habeant, quod inter ceteras animi dotes, quibus laudatissimos quosque Principes antecellis, aut certe aequas, summam etiam humanitatem ac munificentiam in eruditos eruditus adiunxeris. Opusculum itaque uelut ad incudem reuocans, quanta potui ingenii contentione laboraui, ne aliquid indignum tuo nomine, aut mea existimatione publicarem. Nec timui, si elegantioris palati, uel grauioris supercilii hominibus opera haec nostra displiceret: quod Iureconsultus poeta esse, aut non possit aut non debeat. Nam memini, Modestinum et priscos alios Iureconsultos, quorum ueterem et bene fundatam iuris peritiam imitari

‘Manuel da Costa, jurisconsulto lisbonense,
saúda o ilustríssimo príncipe Teodósio,
primeiro Duque de Bragança deste nome⁷⁵’.

Nos últimos meses, quando por costume da nossa Universidade estávamos em férias das aulas, ilustríssimo príncipe, entre algumas coisas por mim outrora compostas em verso encontrei eu o pequeno poema acerca das núpcias do príncipe Duarte e de tua muito ilustre irmã Isabel. Rude e incompleto, li-o com atenção, como se fosse um leitor estranho, o que é natural passados quinze anos. Fiquei com pena de, numa idade em que a complacência alheia era apropriada, não ter completado aquilo que hoje, homem já de quarenta anos, veterano professor de leis e jurisconsulto conhecido por muitos comentários publicados sobre Direito Civil, não podia agora acabar de acordo com a minha dignidade.

Porém, como tu próprio te revelaras promotor destas núpcias e nelas exibiras aquele cortejo triunfal de jogos e espectáculos com gastos incríveis, mais esplêndidos do que os quais a nossa memória nada viu, e eu reconhecesse que estou em dívida para contigo, já que a augustíssima família de Bragança, de quem merecidamente tu és o principal, outrora teve os meus pais como dedicadíssimos vassallos, pensei que de outro modo eu não satisfaria à minha veneração para contigo se não desse a demão final à obra que começara, referindo também os primórdios da tua família, que são comuns com os reis da Lusitânia⁷⁶. Por isso tentei voltar às boas graças com as Musas rigorosas e esperei que elas me abrissem o Parnaso poderosíssimo e as suas fontes, principalmente em atenção a ti, a quem elas têm por muito querido porque, entre os restantes dotes de alma com que superas todos os mais louvados príncipes, ou pelo menos os iguais, juntas também a maior humanidade e munificência para com os eruditos, sendo tu erudito. E assim, como que reconduzindo o opúsculo à bigorna, com quanto esforço de engenho pude, eu trabalhei, para não publicar algo indigno do teu nome ou do meu prestígio. E não temi que esta nossa obra desagradasse a homens de paladar mais refinado ou de sobrolho mais carregado, porque para eles um jurisconsulto não poderá ser poeta, ou não deverá. Pois recordo que Modestino e outros jurisconsultos antigos, cuja velha e bem fundamentada perícia no Direito eu costume imitar nos meus

in libris meis soleo, carminibus quoque non infeliciter uacauisse. Accessit praeterea quod Ioannis Regis iam feliciter designati praeceptor Antonius Pinarius, uir in omni litterarum genere doctissimus ac Lusitani ingenii rarum specimen, carmen hoc apud serenissimum nostrum Regem non solum comprobauit sed et non uulgari laude dignum esse iudicauit. Accipe igitur, humanissime Princeps, hilari fronte clientis tui libellum, paruuum illum quidem, sed non tam uersuum numero, quam rerum et sententiarum pondere estimandum: eoque proposito elaboratum tibi ac dicatum ut Entelli Vergiliani exemplo, hic uersus artemque reponam.

Vale.

livros, se dedicaram à poesia não sem felicidade. Acresce além disso que António Pinheiro, preceptor de João, felizmente já jurado como rei⁷⁷, homem muito erudito em todo o género de cultura e modelo raro do engenho lusitano, aprovou não só este canto junto do rei, mas também o julgou digno de louvor não vulgar.

Aceita pois, humaníssimo príncipe, com jovial fronte, o livrinho do teu protegido, pequeno, sem dúvida, mas digno de estima, não tanto pelo número de versos, quanto pelo peso dos factos e pensamentos: para ti composto e a ti dedicado com o propósito de, à maneira do Entelo de Virgílio⁷⁸, aqui depor os versos e a arte⁷⁹.

Adeus'.

⁷⁵ D. Teodósio, V duque de Bragança, filho, como já referimos, de D. Jaime e de D. Leonor de Mendonça, tornou-se protector de letrados como Manuel da Costa. Era um homem instruído e interessado pelos acontecimentos culturais europeus, e vivia rodeado por vários nomes da cultura do século XVI, entre os quais, o de Diogo Sigeu.

⁷⁶ De facto, o I duque de Bragança, D. Afonso, trisavô de D. Teodósio, era filho do rei D. João I.

Lusitânia designa Portugal - é um conceito de que humanistas portugueses como André de Resende ou Frei Bernardo de Brito se apropriaram para indicar a pátria portuguesa (cf., respectivamente, *De Antiquitatibus Lusitaniae caeterque historica, quae extant, opera e Monarquia Lusitana*); é uma forma de legitimar a ideia de nação, relevante sobretudo numa altura em que se reforçam tendências independentistas face às aspirações de Espanha sobre o reino português. De modo sugestivo intitula Camões o seu poema: *Os Lusíadas* (onde, de resto, aparecem expressões como “peito lusitano”, “reino lusitano”, “Lusitânia”).

Sobre o conceito da Lusitânia romana, cf. F. de Oliveira, “A imagem da Hispânia em Plínio-o-Antigo”, *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga* (Coimbra, 18 – 20 de Outubro de 1990), (Coimbra 1993) 97-109.

⁷⁷ D. António Pinheiro, ilustre humanista e clérigo, foi, nomeadamente, cronista-mor do reino, guarda-mor do Arquivo Real, capelão, conselheiro e pregador de D. João III, bispo de Miranda (1564-1579) e de Leiria (1579-1582), e também mestre do príncipe João, jurado como herdeiro do reino português nas Cortes de Almeirim de 30 de Março de 1544, quando o príncipe não contava ainda 7 anos.

⁷⁸ Entelo é o troiano fundador da cidade de Entela, na Sicília. Aparece no canto V da *Eneida*, vv. 387 sqq., durante os jogos fúnebres em honra de Anquises, a disputar uma prova de pugilismo com Dares, um jovem que será morto por Turno no canto XII, vv. 353 sqq.

Tal como o velho e cansado lutador Entelo, depois de ter vencido a juventude arrogante de Dares, oferece ao semi-deus Érix, filho de Vénus e do argonauta Butes, com cujas manoplas e favor sempre combatera, o prémio recebido - o touro de chifres dourados que acabou por imolar em vez do seu adversário Dares, salvo do golpe fatal pela intervenção piedosa de Eneias - e dá assim por terminada a sua arte e carreira de lutador, depondo a luva de pugilista, também Manuel da Costa oferece a D. Teodósio este livrinho, como último fruto da sua arte poética em louvor do seu mecenas e protector.

⁷⁹ Cf. Virgílio, *Eneida* 5. 483-484:

*Hanc tibi, Eryx, meliorem animam pro morte Daretis
Persoluo; hic uictor caestus artemque repono.*

A expressão final da carta a D. Teodósio é quase paráfrase do:

...hic uictor caestus artemque repono.

‘...vencedor, aqui deponho a minha manopla e a minha arte’.

Epitalâmio do infante D. Duarte e de D. Isabel

EMMANVELIS COSTAE
IVRECONSVLTI, DE NVPTIIS
EDVARDI, INFANTIS PORTVGALIAE, ATQVE ISABELLAE,
ILLVSTRISSIMI THEODOSII, BRIGANTIAE
DVCIS, GERMANAE
CARMEN.

*Regia progenies, Eduardus coeperat Heros
Iam longas male ferre moras, iam tarda uocare
Pacta, Cupidineo transfixus pectora telo.
Cumque nouo incensus primum flagraret amore,
Multa querebatur secum: nec carpere somnos 5
Nocte, nec urentes poterat componere curas.
Non illum lato in campo iuuat unguibus acrem
Soluere auem praedae uolucris, praedaeque potitam,
Ad notas reuocare manus; non per iuga montis,
Ante ut erat solitus, cursu stimulisque fatigat 10
Sudantem uenator equum: mens aegra fouetur
Sperando interea, uultusque referre laborat
Ignotos oculis: nam primum incenderat ignem
Fama uolans, totum late quae sparsa per orbem,
Esse prope Oceani fines, ubi Phoebus equorum 15
Soluit colla iugo, Regum de stirpe canebat
Sideream iuuenem, cui gloria magna lametem
Esset habere patrem, qui solo uicerat Afros
Nomine et attonitas absens tremefecerat urbes:
Cuius in aduentu Zamor inclinata patentes 20
Obtulerat portas, non ausa uidere tremendi
Signa infesta ducis; similem quae denique fratrem,
Insignem pace atque armis, sortita fuisset,
Theodosium, ante alios ditione, opibusque potentem.
Ergo Eduardaeos blande miserata dolores 25
Alma Venus, cupiensque suo dare nomen Aprili
Aeternum thalamis, nato sociata uolucris
Ante Iouem stetit, et roseo sic ore loquuta est:*

Emanuelis da Costa De Nuptiis Eduardi et Isabellae, Carmen CIPL.

**‘Carme heróico de Manuel da Costa, jurisconsulto português,
senador régio,
sobre as núpcias de Duarte,
infante de Portugal,
e de Isabel, irmã do ilustríssimo Teodósio,
duque de Bragança⁸⁰.**

Descendente régio, o herói⁸¹ Duarte começara já a mal suportar as longas demoras e a invocar retardadas convenções, traspassado no coração pela seta de Cupido. E como, inflamado pela primeira vez, ardesse de amor recente, lamentava-se muito consigo próprio e não podia gozar do sono, de noite, nem acalmar abrasadores cuidados⁸². 5

Não lhe dá prazer soltar à ligeira presa, no largo campo, a ave cruel por suas garras⁸³ e chamá-la de novo às conhecidas mãos, em posse da presa. Já não fatiga na caça, pelas cumeeiras dos montes, o cavalo suado com a corrida e com as esporas, como antes costumava. Consola-se entretanto de esperanças o seu triste pensamento e esforça-se por figurar imagens que os olhos ignoram. 10

É que primeiro lhe incendiara a chama a Fama volante⁸⁴ que, espalhando-se largamente pelo orbe inteiro, cantava que havia perto dos limites do Oceano, onde Febo liberta do jugo os cavalos⁸⁵, uma jovem celestial da estirpe de reis que tivera a grande glória de ter por pai Jaime, o qual, só com o nome, vencera os Africanos e, mesmo ausente, fizera tremer de medo as cidades atónitas. À sua chegada Azamor, inclinando-se, abrira de par em par as portas, não ousando ver as insígnias inimigas de um chefe temível⁸⁶. Enfim, a ela coubera em sorte um irmão semelhante, Teodósio, insigne na paz e nas armas, poderoso mais do que os outros por sua autoridade e riquezas. 15 20

Então Vénus protectora⁸⁷, ternamente compadecida do sofrimento de Duarte e no desejo de dar nome eterno ao seu mês de Abril com o casamento, associando a si o seu alado filho, apresentou-se perante Júpiter e assim deixou sair estas palavras de seus róseos lábios: 25

<i>O pater, o Dium atque hominum Rex optime, cuius Ad nutum triplices dispensant uellera Parcae, Scis iuuenem Lusiis Eduardum e Regibus ortum, Quem Rex Emmanuel, postquam penetrauit ad Indos Classibus, ac regno occiduo submitit Eoum, Iam senior genuit, minimumque aetate reliquit Raptus ad Elysios campos sedesque piorum.</i>	30
<i>Hunc ego Reginae Mariae de uentre cadentem Sustuli, et Idaliae mecum fouere Sorores. Post uero innupta quoniam cum Pallade Diuae Aonides puerum mihi subtraxere uolentem, Ipsa manum inieci meaque illum ad iura retraxi, Nomine cognatae captum. Sic ferre coactus Dulce iugum, pactos misere suspirat amores: Et quae causa toros sperataque gaudia tardet Nescius, heu! leuibus spargit uota irrita uentis. Per me nulla mora est: uereor ne forte Deorum Inuidus his quisquam thalamis obsistere tentet. Rumpe moram, omnipotens genitor, da iungere dextris Legitimum foedus. Non hoc de plebe Dearum, Sed tua te Cytheraea rogat saeuusque Cupido, Nostrum fraterno affectu miseratus alumnum:</i>	35
<i>Qui, nisi concedas, uindex aut cornua tauri, Aut Danaes pluuiam, Ledaeiue altera cygni Colla, sed et uarios in te meditabitur ignes.</i>	40
<i>Dixit, et hic lepido diduxerat oscula risu. Iuppiter huic contra placidus: Cytherea, quod ambo Optatis, dabitur; cedit, siquis Deus ante Restitit his taedis, quarum se attollet honore Aprilis tuus, aeterno memorabilis aeuo. Idque olim et Parcae uoluunt, et destinat ille Ioannes Rex Lusiadum, quem fata sequuntur.</i>	45
	50
	55
	60

“- Ó pai, ó excelente rei dos deuses e dos homens, a
 cujo sinal as três Parcas distribuem os seus fios⁸⁸, tu 30
 conheces o jovem Duarte, nascido dos reis da Lusitânia,
 ele a quem o rei Manuel, depois de ter penetrado na Índia
 com a sua armada e submetido o Oriente ao seu reino
 ocidental, já idoso, gerou, e deixou-o de tenra idade,
 quando foi arrebatado para os Campos Elísios e para a 35
 mansão dos piedosos⁸⁹. Eu própria o tomei nos braços,
 quando ele surgiu do ventre da rainha Maria, e comigo o
 acalentaram as irmãs Idálias⁹⁰.

Ora depois, porque as divinas Aónides⁹¹ com a virgem
 Palas me levaram o menino, com o seu acordo, eu lancei a 40
 minha mão e trouxe-o de novo ao meu direito, preso pelo
 nome de parentesco. Assim forçado a suportar o doce
 jugo, suspira tristemente pelos amores combinados. E, não
 sabendo que causa retarda as núpcias e as esperadas
 alegrias, oh! dispersa aos leves ventos as promessas não
 cumpridas.

Por mim, não há qualquer demora: receio que 45
 porventura algum dos deuses, invejoso, tente opor-se a
 este casamento. Quebra a demora, pai omnipotente;
 permite que unam as suas mãos direitas num legítimo
 acordo. Isto te pede não uma da plebe das deusas, mas a 50
 tua querida Citereia e Cupido que se compadece com
 afecto fraterno do nosso protegido. Ele, se tu não
 concederes, planeará contra ti, por vingança, ou os cornos
 do Touro, ou a chuva de Dánae, ou outro pescoço do cisne
 de Leda e ainda fogos variados⁹²”.

Assim falou, e então distribuiu beijos com um riso
 gracioso.

Júpiter sereno, por sua vez, responde-lhe: 55

“- Citereia, o que ambos desejais, ser-vos-á
 concedido⁹³. Se algum deus antes se opôs a estas núpcias,
 cederá; por elas o teu mês de Abril se erguerá com novo
 brilho, digno de memória de vida eterna. E isto fixam 60
 desde há muito as Parcas e determina o célebre João, rei
 dos Lusíadas⁹⁴, que os fados acompanham. E porque

*Et quoniam pius hoc uotis petit omnibus unum
 Theodosius sponsae frater, placet illius ergo
 Vt Superi festos una celebrent hymenaeos,
 Quos curare tuum est. Pueri uiolenta ferocis
 In me tela uacent: Isabellae uirginis urant 65
 Pectus, ut immenso sponsi teneatur amore.
 Haec ille. Extemplo proprias Cytheraea reuisit
 Cum nato pariter sedes, ubi tertius orbis
 Voluitur, ac laeto fecundat sidere mundum.
 Et curru terras procul inuisura iacentes, 70
 Principio ardentem radiato murice uestem
 Induitur, Diuae unigenae mirabile donum.
 Tum ceston rutilantem ac blando numine plenum
 Cingitur; hoc pelagi insani mulcere procellas,
 Et cohibere queat torrentia flumina ripis, 75
 Possit et irato dirum excussisse Tonanti
 Fulmen, et in media Mauortem sistere pugna.
 Mox Charitum arbitrio comit formosius ornans
 Auricomum caput, et quosdam per tempora crines
 Diffundit, lusum Zephyris, ignesque marito. 80
 Postquam se comptam, speculo monstrante, probauit,
 Imperat alatis pueris ut protinus agmen
 Cogant, et niueos reuocent ad frena iugales.
 Nec mora: Vulcano sudatum, auroque nitentem,
 Et uariis currum distinctum ex ordine gemmis 85
 Praesentant, quo sublimis super aethera ferri
 Diua solet. Longo sedet in temone Cupido
 Aureus, et iunctos gaudens moderatur olores.
 Mulciber (ut fama est) cum quondam arderet amore
 Ambiretque toros Veneris, pede debilis uno 90
 Vilior et spreta iam conditione repulsus,
 Hos dominae supplex, facilem si posset amanti
 Reddere, donarat currus ac munere tali
 Diuitias, doctaeque manus praetenderat artem.*

74 Cingitur, hoc A: Nectit, quo CIPL.

78 comit formosius ornans CIPL: colit atque uenustius ornat A.

80 Diffundit A: Diffundens CIPL.

piedosamente Teodósio, irmão da noiva, só isto pede em todos os seus votos, está pois decidido que os deuses celebrem em conjunto o festivo himeneu daquela; a ti compete dele cuidar. Que me poupem as violentas setas do feroz menino, mas abrasem o peito da jovem Isabel, para que ele seja ocupado pelo imenso amor do seu noivo”.

Foram estas as suas palavras.

Imediatamente Citereia, juntamente com o filho, retorna à sua mansão, onde se revolve a terceira esfera⁹⁵, e fecunda o mundo com a sua alegre estrela. E estando para visitar no seu carro as terras ao longe situadas, começa por se cobrir com um vestido ardente, de púrpura raiada, presente admirável da deusa Unígena⁹⁶. Depois, aperta o cesto⁹⁷ rutilante e cheio de suave poder divino, com o qual será capaz de suavizar as procelas do mar insano e poderá conter dentro das margens os caudalosos rios, arrancar ao Tonante furioso o raio cruel e sustar Marte no meio do combate.

Em seguida, ao gosto das Graças, penteia de modo mais belo, ornamentando-a, a sua cabeça de louros cabelos, brincadeira para os Zéfiro e fogo para o marido, e espalha algumas madeixas pelas têmporas.

Depois que, vendo-se ao espelho, se considerou penteada, ordena aos meninos alados⁹⁸ que imediatamente cerrem fileiras e submetam ao freio a parelha de cisnes brancos.

E não há demora: eles apresentam o carro trabalhado por Vulcano⁹⁹, brilhante de ouro e notável pelas suas variadas pedras preciosas incrustadas em filas, no qual a deusa costuma ser transportada nas alturas acima do éter. Cupido dourado senta-se no longo timão e alegremente conduz os atrelados cisnes¹⁰⁰.

Mulcíbero¹⁰¹, como é fama, quando outrora ardia de paixão e pretendia o leito de Vénus, foi rejeitado por ser feio e coxo de um pé, e embora tivesse sido já desprezada a sua proposta, suplicante, ele oferecera este carro à sua amada¹⁰², a ver se podia torná-la acessível ao seu amor e, com tal presente, revelara as riquezas e a arte das suas

<i>Illic siderei conceptam e sanguine caeli,</i>	95
<i>Inque Cytheriacis nascentem expresserat undis.</i>	
<i>Ipsa uidebantur circum stupefacta silere</i>	
<i>Aequora, et admixtae cygnis per inane columbae</i>	
<i>Plaudere. Ludentes iuxta delphinas in orbem</i>	
<i>Fecerat, et procul attonitos in littore Faunos.</i>	100
<i>Ergo ubi ad instructum currum se Diua recepit,</i>	
<i>Mercurii lunaeque globos ignisque sequentem</i>	
<i>Praeterit, ac medium subuecta per aera terras</i>	
<i>Prona petit qua Lusiadum gens, inclita bello,</i>	
<i>Oceani domitrix, sese melioribus almae</i>	105
<i>Exercet pacis studiis, sub Rege benigno,</i>	
<i>Aurea Ioannes renouat qui saecula terris</i>	
<i>Tertius, at nulli Regum uirtute secundus.</i>	
<i>Hinc molles Zephyri, per florida rura uagantes,</i>	
<i>Altius assurgunt Veneri pictoque cohortem</i>	110
<i>Pennatam nimbo excipiunt et suauius auris.</i>	
<i>Est apud herbosos campos, quos perluit undis</i>	
<i>Lusitanus Anas, castellum moenibus albis</i>	
<i>Conspicuum. Villam laetam dixere coloni,</i>	
<i>Quod regio donis Cereris flauaeque Mineruae</i>	115
<i>Arboribus necnon Bacchaeo palmite felix</i>	
<i>Perpetuos habeat flores aurasque salubres</i>	
<i>Et liquidos fontes. Hinc est mihi dulcis origo,</i>	
<i>Hic humiles tenuesque mei uixere parentes.</i>	120
<i>Hanc sibi dilectam sedem magis omnibus olim</i>	
<i>Incoluere Duces, quibus urbs Brigantia paret.</i>	
<i>Hic et opes, neruos bellorum, hic arma reponunt,</i>	
<i>Et debellato quaesita ex hoste tropaea.</i>	
<i>Hic Dux Theudosius sublimem erexerat aulam</i>	
<i>Magnificasque domos auroque nitentia tecta,</i>	125
<i>Propter odoriferis halantes floribus hortos,</i>	
<i>Hesperidum similes: quales prope fabula finxit</i>	
<i>Munifici Regis, cui ponti ereptus ab undis</i>	
<i>Errores casusque suos narrauit Vlixes.</i>	

hábeis mãos. E nele esculpira a deusa, concebida do 95
 sangue do sidéreo Céu e nascida nas águas de Citera¹⁰³.
 Em volta, as próprias águas do mar, estupefactas,
 pareciam silenciosas, e no ar, as pombas misturadas aos
 cisnes [pareciam] aplaudir. E dispusera em círculo os
 delfins que brincavam, e ao longe, atónitos na praia, os 100
 Faunos¹⁰⁴.

Então, quando a deusa se retirou para o carro preparado
 e ele se pôs em movimento, passou ao lado das esferas
 em chamas de Mercúrio e da Lua e, transportada pelo 105
 meio do ar, ela procura, inclinada, as terras por onde a
 raça dos Lusíadas, ínclita na guerra, domadora do Oceano,
 se exercita nas actividades melhores da benéfica paz, sob
 um rei propício, João Terceiro, que restabelece no seu
 reino a idade do ouro, não cedendo em virtude a nenhum
 outro rei¹⁰⁵.

Daqui os mansos Zéfiros que vagueiam pelos campos
 floridos sobem mais alto, até Vénus, e recebem a 110
 companhia alada numa colorida nuvem e com suaves
 brisas.

Há entre os verdes campos que o luso Guadiana
 banha com as suas águas um castelo notável de brancas
 muralhas. Os que fundaram o lugar chamaram-lhe Vila 115
 Viçosa, porque a região, próspera nos dons de Ceres, nas
 árvores da loura Minerva e também na planta de Baco¹⁰⁶,
 tem flores continuamente, ares saudáveis e fontes
 límpidas. Daqui é minha doce origem; aqui viveram os
 meus humildes e pobres pais.

Habitaram outrora este lugar, mais dilecto para eles 120
 que qualquer outro, os duques aos quais a cidade de
 Bragança obedece. Aqui estão as suas riquezas, nervo das
 guerras, aqui guardam as suas armas e os troféus
 arrebatados ao inimigo debelado.

Aqui o duque Teodósio erguera o seu palácio sublime 125
 e casas magníficas e residências que brilhavam de ouro,
 perto de jardins semelhantes aos das Hespérides,
 perfumados de odoríferas flores, quase idênticos aos que a
 lenda imaginou do rei generoso a quem Ulisses, arrancado
 às águas do pélagos, narrou seus erros e desventuras¹⁰⁷.

<i>Huc dilapsa Venus cygnos ad pabula solui Iussit et in uitrei requieuit margine fontis. Vtque pharetratis per amoena uireta puellis Ludere permisit modicum: uos (inquit) Amores, Hoc duce (et ostendit natum, quem blanda fouebat)</i>	130
<i>Ite Eboram, uicinam urbem; tranate uolatu Nubilia pernici, atque Eduardo afferte propinquum Esse diem quo iam flammati pectoris aestus Restinguat, uoti ducta sibi uirgine compos. Illum haec cum Lusio uenientem ad moenia Rege Ducite, saxosasque uias prosternite uernis Floribus, atque obiter pharetras uacuate sagittis. Dixerat. Actutum fratres posita arma resumunt Obseruantque ducem: celeres ille impiger alas Excutit, eque sinu matris petit aethera primus. Qualis apum ductor, si quando aestate serena Examen stimulis armatum in proelia ducit, Ipse uolat medius, rutiloque notabilis ore Prae se fert solo dignum regnante decorem: Talis Amor (quamquam stimulis non parcat, ut alter Ille suo) facie egregia cultuque uolabat Insignis, turba uolucrum stipatus Amorum. Interea, indigenis Nymphis comitantibus, aulam Theodosii Cytheraea intrat: miratur in altum Libratas moles, Italoque excisa labore Marmora, et auratis radiantia culmina tectis. Credidit Aeneadam palatia magna suorum Cernere: splendebat tantum decus artis et auri. Atque hic Theudosium Diua improuisa refulgens Talibus aggreditur dictis: Fortissime ductor Lusiadum, magni soboles praeclara Iametis, En adsum Venus, aetherias delapsa per auras, Vt quae nunc tandem sedeat sententia coelo Acciperes. Isabella nouo germana marito Iam ducenda uenit; regales instrue pompas,</i>	135
	140
	145
	150
	155
	160

138 *Restinguat CIPL: Restingat A.*

141 *atque obiter A: et totas CIPL.*

150 *suo A: suis CIPL.*

Descendo aqui, Vénus mandou que os cisnes fossem libertos para o pasto e repousou na beira de uma fonte cristalina. E logo que consentiu aos meninos¹⁰⁸ com aljava que se divertissem um pouco pelos amenos jardins, disse: 130

“- Vós, Amores, com este guia (e mostrou o filho que ternamente acariciava), ide a Évora, cidade vizinha; atravessai as nuvens num voo ligeiro e anunciai a Duarte que é já próximo o dia em que ele apagará o fogo do seu coração inflamado, realizado o seu voto com a vinda da jovem para junto de si. Conduzi a estas muralhas aquele que chega com o rei luso e cobri de flores primaveris as ruas pedregosas e, de passagem, esvaziai de setas as aljavas”. 135 140

Assim dissera. Logo os irmãos retomam as armas depostas e observam o seu guia: este, expedito, sacode as asas velozes e, do seio da mãe, é o primeiro a dirigir-se ao éter.

Qual rei das abelhas quando, em dia sereno de Verão¹⁰⁹, conduzindo ao combate o seu enxame armado de agulhões, voa no meio dele, notável pela sua fronte brilhante e irradiando uma majestade digna só de um rei, tal voava o Amor (embora não poupe os dardos, como o outro o seu), insigne pela beleza do rosto e elegância do vulto, acompanhado pela multidão dos Amores alados. 145 150

Entretanto Citereia, na companhia das Ninfas do lugar, entra no palácio de Teodósio: admira a mole que se ergue nas alturas, os mármore cortados com labor italiano e as abóbadas que resplandecem em salas douradas. Pensou que via os magnos palácios dos seus Eneíadas¹¹⁰, tal era o brilho do ornamento de arte e de ouro. 155

E então a deusa resplandecente, de imprevisto, dirige-se a Teodósio com estas palavras:

“- Chefe muito valoroso dos Lusíadas, descendência ilustre do grande Jaime, eis que eu, Vénus, aqui estou, descida através das auras etéreas para que tu saibas qual a decisão que finalmente foi tomada no céu. Isabel, tua irmã, vem para se casar com o seu jovem marido; prepara um cortejo real; põe a descoberto os tesouros, e tudo 160 165

<i>Exsere thesauros, ac rarum quidquid ubique est</i>	165
<i>Munifica profunde manu. Tibi maximus ille</i>	
<i>Succedet tectis hospes, quem sceptrā tenentem</i>	
<i>Lusitanus amat, Maurus tremit, Indus adorat;</i>	
<i>Ipse colis dominum, ac fido ueneraris amore.</i>	
<i>Hic sponsum ac fratres secumque ingentia ducet</i>	170
<i>Agmina, ut hospitibus uix istaec moenia possint</i>	
<i>Sufficere innumeris. Sed tu pro uiribus omne</i>	
<i>Officium patris impendes: tua nota uoluntas</i>	
<i>Est mihi, quosque animos excelso in pectore uerses.</i>	
<i>Pro pietate ista, taedarum arcana tuarum</i>	175
<i>Accipe. Venturo consortem tempore duces,</i>	
<i>Qua nec in Hesperia, nec in orbe decentior ulla</i>	
<i>Esse queat: genus illius si forte requiris,</i>	
<i>Communes numeratis auos; iam uirginis artes</i>	
<i>Palladis esse putes, quam pulchro corpore uincit.</i>	180
<i>Talis Dardanio Paridi si uisa fuisset</i>	
<i>Armipotens uirgo nemorosae in uallibus Idae,</i>	
<i>Haesisset dubius pastor, nec iudice eodem</i>	
<i>Praelatae mihi cessisset uictoria formae.</i>	
<i>Scilicet uxorem talem seruabit in aula,</i>	185
<i>Inque suos mores finget tibi regia coniux,</i>	
<i>Filia magnanimi Regis Catharina Philippi,</i>	
<i>Omnigenum exemplar uirtutum, ac gloria sexus</i>	
<i>Feminei, cui nunc praegnanti fata dederunt</i>	
<i>Edere Ioannem Quartum, non nomine solum,</i>	190
<i>Sed patri similem uirtute animoque futurum.</i>	
<i>Huius in augustis comes, ac pars magna triumphis,</i>	
<i>Olim Ioannes ibit tuus, aurea proles,</i>	
<i>Qua te factura est Dionysia uirgo parentem.</i>	
<i>Haec ita fatorum series uoluentibus annis</i>	195
<i>Omnia monstrabit: nunc quod prius instat agendum.</i>	
<i>Vos igitur celeres Hymenaeum accersite Nymphae,</i>	
<i>Et postes ornate, meaque intexite myrto.</i>	
<i>Non fuscae uobis uiolae, non candida desint</i>	
<i>Lilia, non nostro rubefacti sanguine flores.</i>	200
<i>His ubi sermonem clausit Dea Cypria dictis,</i>	

quanto é raro, onde quer que esteja, revela-o com mão generosa. Encaminhar-se-á para o teu palácio aquele hóspede muito ilustre, detentor do ceptro, que o Lusitano ama, o Mouro teme, o Índio adora¹¹¹; tu próprio lhe prestas culto como teu senhor e o veneras com fiel amor. 170
 Ele trará consigo o noivo e seus irmãos, e uma multidão imensa, de tal modo que este palácio mal poderá ser bastante para tão grande número de hóspedes. Mas tu, com o melhor das tuas forças, cumprirás o dever de pai: é-me conhecida a tua vontade e os pensamentos que revolves no teu excelso peito. Em troca dessa tua piedade, 175
 escuta o segredo das tuas próprias núpcias¹¹². Em tempo que há-de vir, tu esposarás uma consorte, a mais conveniente que na Hespéria¹¹³ e no orbe possa existir. Se porventura perguntas a sua linhagem, vós contaís avós comuns, e as graças da tua noiva, considera já serem as de 180
 Palas, a quem ela vence na beleza do corpo¹¹⁴. Se tal virgem poderosa pelas armas tivesse aparecido ao troiano Páris nos vales do frondoso Ida, deter-se-ia com dúvidas o pastor e, sendo ele juiz, não me teria sido concedida a vitória de uma beleza superior¹¹⁵. Naturalmente guardará 185
 para ti uma tal esposa e modelá-la-á em seus costumes no palácio a rainha Catarina¹¹⁶, filha do magnânimo rei Filipe, modelo de todo o género de virtudes e glória do sexo feminino, ela a quem, agora grávida, os fados 190
 concederam dar à luz João Quarto, o qual há-de ser semelhante ao pai não apenas no nome, como também na virtude e no ânimo. Companheiro e parte importante nos augustos triunfos deste irá ser um dia o teu querido João¹¹⁷, áurea linhagem, da qual a donzela filha de Dinis 195
 te há-de fazer pai. A sequência dos fados, com o decorrer dos anos, assim dará a conhecer tudo isto: agora, deve fazer-se aquilo que está em primeiro lugar.

Vós, pois, Ninfas velozes, ide buscar Himeneu, ornai as portas e entretecei-as com a minha murta¹¹⁸. Não vos faltam as escuras violetas, nem os brancos lírios, nem as 200
 flores que se tornaram rubras com o nosso sangue¹¹⁹.

Quando com estas palavras a deusa Cípris¹²⁰ terminou

<i>Attoniti Ducis ex oculis se soluit in auram, Diuinis iam iam manibus comptura maritam. Tum primum Ioanna, suo uiduata Iamete, Permississe sibi placidos pro tempore uultus</i>	205
<i>Dicitur, et lacrimis positis, ac fronte remisso, Flammea priuignae cultusque parasse decoros. Sic et lugentes animae, quas silua tegebat Myrtea, cum patruo nupsit Proserpina Regi, Admisere graues risus, paulumque leuatae</i>	210
<i>Tristia sepositis laxarunt pectora curis. Quos numeros, Ioanna, tibi, quae carmina donem Aequa tuis meritis? Taceam si cetera, quantum Idcirco laudanda uenis, quod clara Iametis Semina, tot natos patriae fecunda dedisti.</i>	215
<i>En primus toruo generosae frontis honore, Nomine, consiliisque refert, et Marte, parentem. En Constantinus, uultu non pauca decoris Signa tui gestans; altum praeludit in armis.</i>	220
<i>En gemini, ceu stellantis duo lumina coeli, Scintillant tenero pueri Fulgentius ore Theutoniumque; quibus similis reptabat ab ulnis Maternis Delo instabili formosus Apollo. Adde his intactas forma eccellente puellas Bis geminas, totidem sexus decora alta secundi:</i>	225
<i>Ioannam, cuius ueluti coeleste recusent Mortales hominum iubar, insuetaque trementes Caligent in luce oculi, Mariamque Sororem, Quam sibi ut assereret propriam Regnator Olympi, Abstulit humano generi, sacrisque dicauit</i>	230
<i>Aedibus, et tanta priuauit uirgine mundum. Nec non cum summa morum probitate uenustam Eugeniam, dignam aequalis cui stemmate eodem Agnatus, ditione potens, belloque tremendous, Olim felici contingat sorte maritus.</i>	235
<i>Atque erit hic (nisi me uatum praesagia fallunt) Cui celsos maternus auus, cognomine clarus</i>	

237 auus CIPL: anus ^a

o seu discurso, desapareceu no ar dos olhos do atônito duque, para ir logo pentear a noiva com as suas mãos divinas.

Diz-se que então pela primeira vez Joana¹²¹, viúva do seu amado Jaime, se permitiu um rosto sereno, de acordo com as circunstâncias, e pondo de parte as lágrimas e serenando a fronte, preparou o véu da enteada e a sua bela aparência. 205

Assim também as almas chorosas que escondia a floresta de murta¹²², quando Prosérpina casou com o rei seu tio¹²³, consentiram em severos risos e, um pouco aliviadas, repousaram os tristes corações, pondo de lado os cuidados. 210

Que versos, ó Joana, que cantos hei-de eu oferecer-te, iguais aos teus méritos? Para não falar no resto, quantos louvores tu mereces porque, na tua fecundidade, deste à pátria tantos filhos, ilustre descendência de Jaime¹²⁴. 215

Eis o primeiro: com a dignidade austera de sua nobre fronte, representa o pai no nome, na prudência e nas virtudes guerreiras.

Eis Constantino, que traz no vulto não poucos sinais da tua beleza; promete altos feitos nas armas.

Eis que, como duas estrelas no céu brilhante, cintilam os dois meninos: Fulgêncio, de rosto meigo, e Teotónio. Semelhante a eles gatinhava dos braços maternos o formoso Apolo na instável Delos¹²⁵. Junta a estes duas vezes duas raparigas solteiras de belas formas, outras tantas honras sublimes do sexo feliz: Joana, de tal esplendor celeste que os olhos mortais o evitam e, tremendo na luz desacostumada, cobrem-se de escuridão, e Maria, sua irmã, que o senhor do Olimpo, para declará-la como sua, arrancou ao género humano e consagrou em mansão sagrada, privando o mundo de tal virgem! E também Eugénia, bela e da maior pureza de costumes, digna de que alguém da mesma condição, um seu parente, um dia, com feliz sorte, lhe caiba como marido, poderoso pelo seu domínio e temível na guerra. E será ele (se me não enganam os presságios dos vates), aquele a quem um avô materno notável, de cognome da 220 225 230 235

<i>Gentis ab Almeida, titulos nomenque reliquit Francisci, et domito quaesita Oriente tropaea.</i>	240
<i>Postremo impubes sequitur Vincentia, qualis Est rosa, quae molli nondum sese explicat horto, Albas tecta comas, uiridique inclusa galero. Credo equidem, tali quondam si Amphionis uxor Prole superbisset, numquam confixa saggitis Corpora plorasset: nam se confessa minorem Cessisset Latona. Ultra spatiarer in ampla Materia; incepti reuocat me carminis ordo.</i>	245
<i>Martius ergo dies niueo de uellere ductus Affuit, obscuras Terrae populauerat umbras Puniceis Aurora rotis, udaeque uolucres Candentem resono mulcebant aethera cantu. Coniugii celebres Titan uisurus honores Ocior assueto Tauri se cornibus aureis Extulerat: laeto ridebant omnia uultu. Theudosii late regali splendida fastu Aula nitet; pictis florent noua limina sertis. Intentos possunt oculos sine fine morari Ex alto uariis suspensa aulaea figuris. Quippe hic Lusiadum partos Oriente triumphos Artificis labor eximia discreuerat arte:</i>	250
<i>Oceanique sinus, Euroque afflata colono Littora, ueliuolas classes, pugnataque bella Finxerat. Argento passim contexta rigebant Sacri argumenti Lusiorum insignia Regum, Et passim ignitis feruebant aurea pugnis Aequora: sanguineos miscebat purpura fluctus. Primum Cochineo fortis pro littore ductor Stabat, agens raros Eduardus in arma Pacequus Lusiadas, ferroque locum flammisque tenebat. At contra urgebat uarias Malabaribus Eoi Regnator Samorin paucorum in funera gentes. Hinc pelago innumerae pinus; hinc margine sicco Horrendis diuersae armis habituque cateruae, Lusiadum exiguam certant euertere classem.</i>	260
	265
	270

família de Almeida, deixou títulos ilustres e o nome de Francisco e os troféus alcançados no Oriente submisso¹²⁶.

Por último, segue-se Vicência, menina ainda: é como 240
rosa que ainda se não abre em agradável jardim, coberta de brancas pétalas e fechada em verde cálice.

Acredito seguramente que se outrora a esposa de Anfião¹²⁷ se vangloriasse de uma tal prole, nunca teria chorado os corpos traspassados de setas pois, confessando-se inferior, Latona teria cedido. Alargar-me-ia 245
mais em tão ampla matéria, mas chama-me a ordem do canto que comecei.

Chegou então o dia de Marte¹²⁸, saído do seu velo cor de neve; a Aurora¹²⁹, em seu carro purpúreo, expulsara as 250
sombrias tenebrosas da terra, e as aves ainda húmidas suavizavam o éter brilhante com o seu vibrante canto. Titã, que há-de presenciar as celebradas honras do casamento, mais rápido do que o habitual, saíra dos cornos dourados do Touro¹³⁰, e tudo ria com alegre rosto.

Ao longe, brilha o palácio de Teodósio com magnífico 255
luxo real; novos limiões florescem com grinaldas pintadas. Tapeçarias pendentes do cimo dos muros podem deleitar sem limites olhos absorvidos pelas suas várias imagens. De facto, aqui o trabalho do artista descrevera 260
com arte exímia os triunfos dos Lusíadas alcançados no Oriente: ele imaginara os golfos do Oceano e as costas varridas pelo Euro¹³¹ que as habita, as armadas à vela e as guerras travadas. Por toda a parte, insígnias dos reis dos Lusitanos, de motivo religioso, erguiam-se, tecidas de prata, e por toda a parte os mares de ouro ferviam com 265
lutas incendiárias: e a púrpura formava ondas de sangue.

Em primeiro lugar, em Cochim, frente à costa, erguia-se o poderoso general Duarte Pacheco¹³², que conduzia ao combate um pequeno número de Lusíadas e se apoderava do local a ferro e fogo. Mas contra ele o 270
Samorim, senhor do Malabar Oriental, impelia muita gente para a destruição de poucos.

De um lado, barcos inumeráveis no mar; do outro, em terra firme, multidões diversas, horrendas nas armas e no traje, esforçam-se por destruir a armada pouco

<i>Illi obstant, dextrisque adeo uictricibus instant, Vt famuli occisi foedatum sanguine Regem, Dum fugit, exanguem cogant se sternere terra.</i>	275
<i>Parte alia, belli Granatae exercitus usu, Primi Abrantaei Comitiss clarissima proles, Franciscus, Regisque uices cultusque gerebat.</i>	280
<i>Ac primum capta Quiloo pulsoque tyranno, Ipse erecta sedens supra tabulata uerendus Regali Alconis caput insignibat honore. Nec procul hinc urbem ferro populabat et igne Mombasam, spoliisque rates onerabat opimis.</i>	285
<i>Tum Calecutanos Pamnani in flumine caedens, Illorum simul et naues et tecta cremabat. Quem iuxta pulcher Laurentius agmen agebat Filius, ut summas aliorum uertice cristas Aequaret, magnum promittens corpore robur.</i>	290
<i>Hic uastam fundens Cananoris in aequore classem, Egregium dextro quaerebat Marte triumphum. Illum inter primos inimica in puppe uideres, Tollentem Indorum suprema in fata bipennem Auratam, et multa ueluti de caede rubentem.</i>	295
<i>Ast alibi infelix iuuenis prope littora Chauli Illisa haerebat puppi, quem classe premebant Milichias Mirocenque duces per deuia, qualis Aestiferae Libyae uenantum turba fatigat Cedentem lente nec dantem terga leonem.</i>	300
<i>Heu fidam classem sociorum arcebat iniqua Torrentum uis undarum, quam uincere frustra Tentabant remis: et enim uela omnia laxa Monstrabant uentos posuisse aurasque silere. Ille indignanti similis, qua euadere posset, Spernebat cymbam, oblatam pietate suorum:</i>	305

numerosa dos Lusíadas. Estes opõem-se e, de tal maneira 275
ameaçam com as dextas vitoriosas, que obrigam o rei
tingido do sangue de um servo morto a prostrar-se por
terra, exangue, enquanto foge.

Numa outra parte, com a experiência do exército da
guerra de Granada, Francisco, prole ilustríssima do 280
primeiro conde de Abrantes, desempenhava as funções e o
cargo de vice-rei¹³³. Em primeiro lugar, depois de tomar
Quíloa e de expulsar o seu rei, ele próprio, de aspecto
temível, sentando-se no alto dum palanque, coroava a
cabeça com as insígnias reais de Alcão¹³⁴. E não longe 285
daqui, destruía a ferro e fogo a cidade de Mombaça e
carregava os navios com magníficos despojos. Depois,
matando os de Calecute no Panane, reduzia a cinzas, ao
mesmo tempo, os seus navios e as suas casas.

Perto dele, o belo Lourenço¹³⁵, seu filho, conduzia o
combate, de modo a igualar com a sua cabeça os penachos 290
mais altos dos outros, exibindo a grande força do seu
corpo.

Aqui, dispersando a enorme armada no mar de
Cananor, ele demandava um triunfo glorioso a Marte
propício.

Podia ver-se na popa inimiga, entre os primeiros, 295
erguendo a sua machada dourada para último destino dos
Índios, vermelho da muita mortandade.

Porém, num outro lugar, ficava preso no navio partido
junto à costa de Chaul o infeliz jovem, isolado, ele a
quem, com a sua armada, perseguiam os comandantes
Melique Iaz e Mir Hocém, tal como a multidão de
caçadores da Líbia¹³⁶ ardente fatiga o leão que recua 300
lentamente e sem voltar as costas.

Oh! A força iníqua das torrentes das ondas afastava a
armada fiel dos companheiros, força que em vão tentavam
vencer com remadas. E, com efeito, todas as velas caídas
mostravam que os ventos tinham cessado e que a brisa
estava silenciosa.

Aquele, de aspecto indignado, recusava um barco 305
oferecido pela piedade dos seus, em que poderia salvar-se.

<i>Et ne, cum summa qui gesserat omnia laude, Excusandum aliquid faceret, quamquam aeger et ora Saucius, afflictæ tutelam utcumque carinae Suscipere et circumstantes moriturus in hostes Tela uidebatur uersare, decusque tueri: Victuraque in perpetuum nece procumbebat. Littoreæ Nymphae (Quid enim non illa moueret Celsa ducis species extinctaque gratia formæ?) Cum lacrimis, ita commotos ad sidera uultus Tollebant, ac si coelum crudele uocarent.</i>	310
<i>Posthaec Franciscus demissa in pectora barba Pullatus, contra Dabul dira arma mouebat. Namque trucidabat stantes pro moenibus hostes; Moenia uastabat flammis: non parcere sexu Aetatiue dolor poterat rabiesque nocendi. Deinde urbis Dii latos complentia portus Vela ducum, nati Laurenti caede tumentum, Inuadebat atrox. Parte ex utraque carinas Flammantes igne accenso, totumque nigranti Aera densatum fumo nimboque uolucrum Telorum, armatis et feruere littora turmis, Et multo aspiceres undantem sanguine pontum. Hic ratibus iunctis, Mauortia pectora, nostri Lusiadae ferro in Turcas ultore ruebant. Hic Mirocen, Lusius percussus cuspide frontem, Brachia iactabat pelago, cursuque petebat Nauale, ut socia fugiens se conderet urbe. Illum euadentes Turcaeque Indique natantem Pone sequi, et uitam trepidi seruare per undas. At senior uiridi redimitus tempora lauro Franciscus, Cambaiaie alnos, Turcasque triremes Captiuas medio ducebat in aequore uictor.</i>	320
<i>Necnon multus erat diuersis partibus aulae Dux, Albuquerqueae prognatus origine gentis,</i>	330

330 *Lusiadae A: Lysiades CIPL.*

E para que ele, que tudo dirigira com a maior glória, não fizesse alguma coisa de que devesse desculpar-se, embora fraco e ferido no rosto, parecia de qualquer modo tomar a seu cargo a defesa da nau despedaçada e, prestes a morrer, lançar dardos contra os inimigos em redor e salvar a sua honra; e caía de frente, com uma morte que há-de viver para sempre! 310

As Ninfas marinhas, com lágrimas (com efeito, o que é que aquela feição sublime do comandante e a graça extinta da sua beleza não comoveria?), dirigiam assim os olhos emocionados para os astros, como se chamassem cruel ao céu. 315

Em seguida Francisco, de luto, com barba até ao peito, movia armas cruéis contra Dabul¹³⁷. E, de facto, trucidava os inimigos que estavam diante das muralhas; devastava com chamas as muralhas. A sua dor e raiva de fazer mal não podiam poupar nem a sexo, nem a idade. Depois, atacava furiosamente os largos portos da cidade de Diu, que reuniam os navios dos chefes, orgulhosos da morte de seu filho Lourenço. 320

E de ambas as partes, ver-se-iam várias naus em chamas devido ao fogo inflamado, todo o ar denso com o negro fumo e com a chuva de setas volantes, o litoral em efervescência com os esquadrões armados, e o mar revolvendo-se com muito sangue. 325

Aqui, reunidos os navios, os nossos Lusíadas, peitos de Marte, precipitavam-se contra os Turcos com ferro vingativo. 330

Ali, Mir Hocém, atingido na frente por uma lança lusitana, deitava os braços ao mar e, a nado, esforçava-se por, fugindo, se esconder na cidade aliada¹³⁸.

Enquanto ele nadava, seguiam-no atrás os Turcos e os Índios que escapavam dos navios e que, medrosos, salvavam a vida graças às águas. 335

Mas o velho Francisco, com as tēmporas ornadas de verde louro, vencedor, conduzia cativas as naus de Cambaia e as trirremes turcas, no meio do pélagos.

E também, num outro lado do palácio, se representava um grande comandante, o descendente do sangue da 340

<i>Alphonsus, cui iuncta comes Bellona flagello Sanguineo Mauros pariter terrebat et Indos. Ormuzum fortemque Goam ditemque Malacham, Gangaridum innumeris defensas millibus urbes, Cernere erat, sub Lusiadum ditione redactas,</i>	345
<i>Fulminei uirtute ducis. Rubicunda uirago, Aetherio demissa polo, uolitabat in illum Prona, triumphalem gestans Victoria palmam. Obtutu aulaeis fixo dum talibus haeret Vndique concurrens thalami ad spectacula coetus,</i>	350
<i>Intonuit laeuum Omnipotens, coeloque sereno Signa dedit. Facto descendunt agmine Diui, Vt celebrent festos hominum sub imagine ludos, Formosumque nouis socient Hymenaea maritis. Principio Mars bellipotens parat arma sequenti</i>	355
<i>Exercenda die. Minor est haud cura Mineruae: Mille ad concursus equitum Dea comparat hastas; Centum quadrupedes phaleris radiantibus ornat. Tum, quas in siluis sine uulnere ceperat altis, Includit Dictynna feras. Armenta minaces</i>	360
<i>Seducunt tauros caecoque in carcere linquunt: Inclusi toruuas acuunt in praelia frontes. Hinc cultus, Aegypte, tuos mentitaque sexum Turba ruit; pedibus choreas latrator Anubis Fictaque Niligenum plaudebant monstra Deorum.</i>	365
<i>Inde senum festiua manus, ducente Lyaeo, Bacchatur ritu patrio, cursusque recursusque Ingeminat recinens, atque aera sonantia pulsat. Parte alia culti iuuenes pulchraeque puellae Prodibant, laetumque choris Hymenaea canebant.</i>	370
<i>Hos Diuum exemplo reliquorum intonsus Apollo Ducturus fuerat, nisi tunc ingentia Musis Moenia iam Lusiis ad Mondae fluminis undam Conderet, ut Regi Lusio renouaret Athenas. Cumque Almeidaeae specimen probitatis ibidem</i>	375
<i>Garsias rerum primas tractaret habenas,</i>	

367 patrio A: patriae CIPL.

família de Albuquerque, Afonso¹³⁹. Junta a ele, como sua companheira, Belona aterrorizava por igual, com o seu chicote ensanguentado, os Mouros e os Índios.

Era possível ver Ormuz, a forte Goa e a rica Malaca, cidades defendidas por numerosos milhares de Gangáridas, reduzidas ao domínio dos Lusitanos pelo valor desse chefe igual ao raio. 345

E virgem vigorosa, corada, a Vitória¹⁴⁰, descendo dos céus, voava inclinada em direcção a ele, transportando a palma triunfal.

Enquanto fica com o olhar preso em tais tapeçarias a multidão que veio de toda a parte para o espectáculo do casamento, soou do lado esquerdo o onnipotente e deu sinais ao céu sereno. Em grupo descem os deuses para celebrarem sob a figura de homens os jogos festivos e associarem o formoso Himeneu aos recém-casados. 350

Em primeiro lugar Marte, poderoso na guerra, prepara as armas que devem ser utilizadas no dia seguinte; menor não é o cuidado de Minerva: a deusa reúne mil lanças para as corridas de cavaleiros; orna cem cavalos com brilhantes fáleras. Então Dictina¹⁴¹ guarda as feras que apanhara sem ferida nos bosques profundos. Manadas seduzem os touros ameaçadores e deixam-nos no cárcere às escuras¹⁴², fechados, afiam para os combates os chifres ferozes. 355

Dum lado, ó Egipto, precipita-se a turba que altera os teus cultos e o sexo¹⁴³; o ladrador Anubis¹⁴⁴ e os inventados monstros dos deuses naturais do Nilo aplaudiam as danças com os pés. Da outra parte, um grupo festivo de velhos, sob o comando de Lieu, dança com rito pátrio e, cantando, repete as idas e as voltas e toca os instrumentos de cobre que ressoam. Vinham doutro lado jovens elegantes e belas raparigas, e entoavam em coro o belo Himeneu. Apolo intonso, segundo o exemplo dos restantes deuses, dispusera-se a conduzi-los, se então não erigisse já, em favor dos Lísios, grandes edifícios para as Musas¹⁴⁵, junto às águas do Mondego, para em honra do rei luso fazer reviver Atenas. 360

E como Garcia, modelo da honestidade dos Almeidas¹⁴⁶, aí tivesse nas mãos as principais rédeas dos 375

*Et uates fatis illum ad maiora uocari
 Praesciret, Romae procul accersebat agentem,
 Patronum doctis, Maecenatemque futurum
 Bernardum, ac magno ingenio, sancteque benignis 380
 Moribus huic operi magna incrementa daturum.*

*Interea medio postquam descendit Olympo
 Sol leuiore rota, magno stipante suorum
 Agmine, Theodosius laetos properabat in agros.
 Obuius ut Regem excipere, comitantur euntem 385
 Formosi fratres gemini, Mendosia proles.*

*Incedunt iuxta pedibus centum undique lecti
 Corpore procero famuli, quos pallidus omnes
 Caeruleusque color, partes diuisus in aequas,
 Vestit, et alternis uariat discrimina limbis. 390
 Sublimes in equis praecedunt ordine longo
 Aethiopes, quorum arte sonos caua tympana reddunt,
 Et buxi, atque tubae; pendent argentea nigro
 Scuta insigne Ducis sacrum monstrantia collo.*

*Contra per uirides colles et pingua culta 395
 Ioannes, patriae pater et Regum optimus, acri
 Rex ueniebat equo uectus, quem Martia Septa
 Nutriuit Lybicum, et domino transmisit habendum.*

*Illum segura populos in pace regentem
 Haudquaquam rigidis horrens exercitus armis 400
 Tutatur. Merito: quid enim sollemnia Regum
 Spicula praeferret, cui tantum sufficit unum
 Praesidium, communis amor? Priuatus euntis
 Cultus erat, modicumque ensi permiserat aurum
 Magnarum largitor opum, quem ueste latentem 405
 Non minus ignotae possent agnoscere gentes.*

*Tantus honos orisque decor, tam celsa coruscat
 Maiestas uultus, metuenda et amanda sereni,
 Sed metuenda minus. Reliquos aut purpura Reges
 Indicat, aut sceptrum, uel cum lictore satelles: 410
 Hunc facies monstrat regnare, et parcere regno.*

acontecimentos e, como um profeta, soubesse antecipadamente que pelos fados seria chamado a maiores destinos, mandava vir Bernardo¹⁴⁷, que havia de ser um patrono poderoso para os doutos e futuro mecenas, e que vivia longe, em Roma, para com grande talento, benignos costumes e santamente vir a dar grande incremento a esta obra. 380

Entretanto, depois que desceu do Olimpo o Sol numa rota mais ligeira, Teodósio, com grande companhia dos seus, dirige-se aos alegres campos. Avançando para receber o rei¹⁴⁸, acompanham-no seus dois formosos irmãos, descendência de Mendonça. Caminham perto, a pé, cem criados escolhidos de toda a parte, de corpo alto, a quem veste a cor amarela e azul, distribuída em partes iguais, e com galões que se sucedem, evidencia as diferenças¹⁴⁹. 385
390

Orgulhosos em seus cavalos, avançam em longa fila os Etipos¹⁵⁰, por cuja arte os côncavos tambores, as flautas e as trombetas produzem sons. Escudos prateados que mostram a sagrada insígnia do duque pendem-lhes do negro pescoço.

Em sentido contrário, por colinas verdejantes e fecundos campos, vinha João, pai da pátria e o melhor dos reis, montado num cavalo feroso, cavalo africano que a guerreira Ceuta alimentou e ofereceu ao seu senhor¹⁵¹. A ele, que governa em tranquila paz os seus povos, de forma alguma o protege um exército coberto de agudas armas. E com razão: por que havia de preferir as solenes lanças dos reis, ele a quem basta apenas uma só protecção, o amor comum? O seu traje era o de um particular em passeio e, doador de grandes riquezas, ele consentira modestamente numa espada de ouro, para que as gentes tão anónimas como ele pudessem reconhecer quem se ocultava sob a roupa. Tão grande é a honra e a beleza da sua face, tão excelsa majestade brilha do seu rosto sereno, que deve ser temida e amada, mas menos temida: aos restantes reis, indica-os ou a púrpura, ou o ceptro, ou os acompanhantes com os lictores. A este, o aspecto mostra que reina e que protege o seu reino¹⁵². 395
400
405
410

- Talis ad Aethiopum mensas et littora patris
 Oceani cinctus Diuis et fulmine nullo
 Iuppiter it, sceptri posita grauitate serenus,
 Necnon et Diuis similes latus undique Regis 415
 Claudebant fratres. Dextrum claudebat amictus
 Purpurea ueste Alphonsus: quo cardine postes
 Non se uerterunt Romae felicius unquam.
 It Regi comes exterior Ludouicus. In illo
 Inuicti species ducis, aequiparanda Gradiuo, 420
 Emicat. Eiusdem nuper sententia uictrix
 Fecerat ut Carolus Libyae progressus in oras
 Pelleret immanem Tunetis ab arce tyrannum:
 Sidereo Carolus demissus ab aethere Quintus,
 Cuius in Hispanis habitans Victoria castris 425
 Inde sacras aquilas iurataque signa tuetur,
 Vt qui Magnorum titulos meruere triumphis
 Maximus, imperio pacatum temperet orbem.
 Mox sacer Henricus, uatum terrenus Apollo
 Et decus Aonidum, cultu spectabilis albo, 430
 Subsequitur fratres, cui si sanctissima claues
 Olim Roma dabis, quantum exultabit in ipso
 Aethere piscatorque senex omnisque piorum
 Successorum ordo? Rutilo mirabitur auro 435
 Ipse suas splendere pater Tiberinus arenas,
 Laetus honore Tagi, sed et in mare celsior ibit.
 Proximus incedit Princeps Eduardus, et alte
 Lumine uestigat cupido, si cernere detur
 Moenia castellumque suos quod seruat amores.
 Ac mora longa omnis, longaeque uidentur amanti 440
 Esse uiae, segnique gradu procedere fratres.
 Mirantur campis fusi iuuenesque senesque
 Illius roseum quam blanda superbia uultum
 Commendet, quales oculis dispergat honores.
 Talis ab Eoo cum primum cardine surgit 445
 Aurorae socius, Veneri gratissimus idem,
 Lucifer umbroso perfundit lumine terras.
 Circa illum, Paphia uelati tempora myrto,
 Mille pares uolitant pueri, gens mollis Amorum,*

Tal como Júpiter se dirige às mesas dos Etíopes e aos litorais do pai Oceano, rodeado de divindades e sem nenhum raio, sereno, posta de parte a autoridade do ceptro¹⁵³, assim também, semelhantes aos deuses, os irmãos do rei lhe envolvem de todos os lados o flanco. Fechava o lado direito Afonso¹⁵⁴, vestido num traje de púrpura: nunca as portas em Roma se abriram com maior felicidade do que com este cardeal¹⁵⁵. Segue, como companheiro do lado de fora do rei, Luís¹⁵⁶; nele se distingue a aparência de chefe invencível, que deve ser igualada a Gradivo. Há pouco tempo, uma sua opinião vitoriosa fizera que Carlos, avançando para as costas da Líbia, banisse da fortaleza de Tunes o cruel tirano; Carlos Quinto, descido do céu sidéreo, em cujos acampamentos espanhóis a Vitória, que aí habita, daí guarda as águias sagradas¹⁵⁷ e as insígnias juradas, para que ele, o maior de quantos mereceram o título de grandes pelos seus triunfos, governe com o seu poder o universo em paz.

Depois o sagrado Henrique¹⁵⁸, Apolo terreno dos vates e honra das Aónides, resplandecente em seu alvo traje, segue os irmãos, ele a quem, ó santíssima Roma, se um dia entregares as chaves, quanto exultará no próprio céu o velho pescador e toda a série de seus pios sucessores¹⁵⁹? O próprio Tibre admirará que as suas areias brilhem com o ouro rutilante, alegre com a honra do Tejo, e correrá mais azul para o mar.

Muito próximo vai o príncipe Duarte e procura atentamente, com um olhar desejoso, se lhe é concedido ver as muralhas e o castelo que guarda os seus amores. E toda a demora parecia ser longa, e longos os caminhos para o amante, e parecia-lhe que seus irmãos avançavam num passo lento. Espalhados pelos campos, jovens e velhos admiram como uma doce altivez¹⁶⁰ valoriza o seu rosto rosado, a graça que ele distribui com os olhos.

Assim acontece quando do polo oriental se ergue o companheiro da Aurora, gratíssimo a Vénus, Lúcifer¹⁶¹, e inunda as terras de uma luz sombria.

Em redor dele, com as têmporas coroadas da murta de Pafos¹⁶², esvoaçam mil meninos iguais, a doce

- Quique suae gaudent obiter dare uulnera plebi.* 450
Ipse autem iuxta matris praecepta Cupido
Agmina ductabat sinuatoque improbus arcu,
Incensis Dryadas feriebat rustica telis
Numina, cum Satyris studio progressa uidendi.
Post et Lusiadum primi, Comitesque sequuntur 455
Magnatesque uiri, quorum si nomina longus
Persequar, innumero crescet mihi pagina uersu.
Nec tamen hos inter proceres Antonius ibat,
Castaneus Comes ac gazae praefectus Eoae, 460
Quod magnam interea classem expediebat ad Indos,
Sollicitus pro Rege suo, cui carior alter
Nemo fuit. Talem Regis Ioannis amorem
Antoni meruit pietas, sapientia, uirtus.
Sed non indictus Lamecensis Praesul abibit,
Fernandus, cuius niueo distincta colore 465
Brachia candoremque animi baculumque notabant
Securas quo pascit oues, ut mandere terram
Cogantur rabido ore lupi longeque recedant.
Non alter Fernandus auis atausque superbus,
Francisci Pharii genitor, Regique propinquus 470
Sanguine, quem ferula insignem canisque uerendum,
Rectorem obseruat Catharinae Principis aula.
Nec te, Petre, sacris mecum nutrite sub antris
Musarum in prima puerorum aetate, silebo:
Qui Regis secreta tibi commissa fideli 475
Omnia conseruas animo, cui sufficis omnes
Vnus in Europae, Libyaeque Asiaeque libellos.
Atque ita dum passu properant utrimque citato,
Ecce Iametiadis crescens exercitus implet
Et nemora, et colles, et prata uirentia turmis. 480
Deprensaeque ferae siluis euadere cursu
Tentant: sed notas nusquam inuenere latebras.
Ille autem Regem pronus de more salutat,

453 incensis CIPL: obtusis A.

família dos Amores que, de passagem, se alegram em 450
causar feridas à sua plebe.

O próprio Cupido, segundo as recomendações da mãe, conduzia as falanges e, cruel no seu arco encurvado, feria as Dríades, divindades dos bosques, com as suas setas ardentes, no interesse de as ver caminhar com os Sátiros¹⁶³.

E seguem depois os varões primeiros dos Lusíadas, 455
condes e magnates, de quem se eu, prolixo, escrever os nomes, a minha obra começará a aumentar com numerosos versos. E todavia não ia entre estes magnates António, conde de Castanheira¹⁶⁴ e governador do tesouro oriental, porque preparava entretanto uma grande armada 460
para a Índia, solícito por amor do seu rei, a quem nenhum outro foi mais caro: tal afecto do rei João mereceu-o a piedade, a sabedoria, a virtude de António.

Mas não passará sem menção o bispo de Lamego, Fernando¹⁶⁵, cujos braços que se distinguiam pelo traje 465
branco punham em relevo a candura da sua alma e o báculo com o qual apascenta em segurança as suas ovelhas, de modo que os raivosos lobos são forçados a comer a terra e a afastar-se para longe.

Não irá também sem menção um outro Fernando¹⁶⁶, soberbo de seus avós e antepassados, pai de Francisco de 470
Faro e parente consanguíneo do rei, a quem, notável pelo seu bastão e venerável pelas cãs, respeita como governante o palácio da rainha Catarina.

Nem a ti calarei, ó Pedro¹⁶⁷, que comigo foste criado nas grutas sagradas das Musas, no começo da infância. Tu, que guardas no coração fiel todos os segredos que a ti 475
confiou o rei, para quem tu só és suficiente em todas as questões da Europa, da Líbia e da Ásia.

E assim, enquanto de ambos os lados [todos] se precipitavam com o passo apressado, eis que, aumentando, o exército do filho de Jaime enche em bandos os olivais, 480
as colinas e os prados verdejantes. As feras, surpreendidas nos bosques, a correr tentam escapar-se: mas em nenhuma parte descobriram os seus conhecidos abrigos.

O duque, baixando a cabeça, saúda o rei segundo o

<i>Ac refugae supplex declinat in oscula dextrae.</i>	
<i>Excipit hunc contra placidus Rex ipse caputque</i>	485
<i>Vnde mare et Terrae tot regna ingentia pendent</i>	
<i>Nudat: et amplexu pariter dignatur amico.</i>	
<i>Progreditur Dux, atque modo ueneratus eodem</i>	
<i>Alphonsum ac fratres, Eduardum amplectitur, hasce</i>	
<i>Coniungens uoces: Tandem, o clarissime Princeps,</i>	490
<i>Haec optata dies uenit; cape regna sororis</i>	
<i>Et nostrae cape regna domus: deseruiat uni</i>	
<i>Brigantina tibi simul et Guimaranea tellus.</i>	
<i>Dixerat, atque oleas inter, quibus alma nitorem</i>	
<i>Insuetum Pallas dederat, uicina uidebant</i>	495
<i>Moenia, cum subito castelli e uertice coepit</i>	
<i>Audiri fragor horrendus tonitruque frequenti</i>	
<i>Irrumpi coelum uisum est. Prorupta furentis</i>	
<i>Tormenti nubes atque igneus aera turbo</i>	
<i>Verberat; incensae uolitant per inane fauillae.</i>	500
<i>Audiuere lacus liquidi, procul audiit Ossa</i>	
<i>Atque Eborae sedes penetrans argenteus amnis</i>	
<i>Molibus aeriis et Rege auctore superbis</i>	
<i>Audiit: ad pectus presserunt pignora matres,</i>	
<i>Quaeque fouens sinibus pauitantia corda boatu.</i>	505
<i>His ego Phlegraeos (si uera ea fama) tumultus</i>	
<i>Crediderim similes: iunctis cum montibus ausi</i>	
<i>Bellum inferre polo, furialia monstra, gigantes;</i>	
<i>Ad matrem incensi rediere cadauera Terram.</i>	
<i>Inde propinquabant tectis fontemque tenebant</i>	510
<i>Quem Paruum indigenae appellant. Is pocula uulgo</i>	
<i>Hactenus et patulis semper suffecerat urnis:</i>	
<i>Sed tunc quandoquidem populis coeuntibus haustus</i>	
<i>Arebat. Fontem contra Lenaeus Iacchus</i>	
<i>Inter florentes erumpere fecerat herbas,</i>	515
<i>Vnde merum fluxit. Concurritur impete denso</i>	
<i>Ad potus, bibulique Ducem super aethera iactant</i>	
<i>Laudibus, Euboici clamant ut pulueris annos,</i>	

500 uolitant CIPL: redeunt A.

504 ad pectus CIPL: exangues A.

505 om. A.

costume e, suplicante, inclina-se para beijar a mão direita que se lhe furta. Por sua vez, o próprio rei serenamente o recebe e descobre a sua cabeça, da qual dependem o mar e todos os reinos imensos da terra, e ao mesmo tempo honra-o com um abraço amigo. 485

Avança o duque e, saudando do mesmo modo Afonso e seus irmãos, abraça Duarte, juntando estas palavras: 490

“ -Finalmente, ó príncipe muito ilustre, chegou este desejado dia: toma os domínios de minha irmã e toma os domínios da nossa família - a ti só sirva a terra de Bragança e também a de Guimarães”.

Assim falara e, por entre as oliveiras às quais Palas protectora dera um brilho não habitual, olhavam as muralhas próximas quando, subitamente, do alto do castelo, começou a ouvir-se um fragor horrendo e o céu pareceu romper-se com um troar frequente. Solta-se uma nuvem da furiosa artilharia e um turbilhão de fogo fere o éter; faúlhas ardentes esvoaçam pelo ar¹⁶⁸. 500

Ouviram-no os lagos límpidos; ao longe, ouviu-o a Serra de Ossa, e ouviu-o, soberba em seu aqueduto que se eleva pelos ares, obra do rei João, a corrente de água de prata que penetra nos edifícios de Évora.

As mães ao peito os seus filhos apertaram, acariciando cada uma no seu seio os corações assustados pelo estrondo¹⁶⁹.

Eu acreditaria, se é verdadeira a fama, que eram semelhantes a estes os tumultos de Flegra¹⁷⁰: quando, juntando os montes, ousaram levar guerra ao céu esses monstros em fúria, os Gigantes. Incendiados, voltaram cadáveres à mãe Terra. 505

A seguir, aproximavam-se das casas e ocupavam a fonte a que os naturais chamam Pequena¹⁷¹: esta, até agora, sempre dera de beber ao povo e fora bastante para as largas vasilhas. Mas então, visto que havia muita gente, a sua corrente estava seca. Em face, Iaco Leneu¹⁷² fizera romper outra fonte, entre as plantas floridas, donde manava vinho: concorrem impetuosamente em multidão para a bebida e, embriagados, exaltam com louvores acima dos astros o duque, e clamam que viva os anos do 515

<i>Nestoris aetates, Troianaque saecula uiuat.</i>	
<i>Suspicit hic geminum non aequo lumine Solem</i>	520
<i>Et Baccho superante iacet resupinus: at ille,</i>	
<i>More bibit Scythico postquam mera uina, liquores</i>	
<i>Vicino de fonte petit, quem prouida Tellus,</i>	
<i>Ne foret immunis, nullo cessante Deorum,</i>	
<i>Struxerat. Hic ficto surgebat marmore candens</i>	525
<i>Postis et aurito iaciebat uertice lymphas.</i>	
<i>Exin Ioannes, sollemne ad celsa receptus</i>	
<i>Atria, Vulcani constructos arte penates</i>	
<i>Ingreditur: fratres illum proceresque sequuntur.</i>	
<i>Tum uirgo egreditur, thalamo cunctata parumper</i>	530
<i>Et rerum nouitate tremens, cui mater Amorum</i>	
<i>Albentem flauo pallam collegerat auro</i>	
<i>Reticuloque comas pretioso incluserat aureas:</i>	
<i>Viua laborantem uelabat purpura uultum.</i>	
<i>Talis ubi Oceanum iam Phoebo instante reliquit</i>	535
<i>Noctis et obscuras umbras et clara fugauit</i>	
<i>Sidera, cum uultu niueo, cum crinibus aureis</i>	
<i>Miscet purpureum formosa Aurora ruborem.</i>	
<i>Incendunt teretes digitos et eburnea colla</i>	
<i>Virginis Eoo quaesitae in littore gemmae;</i>	540
<i>Fulgurat et raro bacatum adamante monile,</i>	
<i>Quod dedit affini donum Emmanuelia Princeps,</i>	
<i>Terrarum imperii consors, Isabella, Philippi</i>	
<i>Principis Augusti mater, quae sola reperta est</i>	
<i>Caesare digna uiro, quia nec natura sub uno</i>	545
<i>Pectore tot dotes animi cumulauerat unquam.</i>	
<i>Nupturam hinc mater Ioanna, hinc filia ducit</i>	
<i>Ioanna, haud impar crescenti filia Lunae,</i>	
<i>Quam non pura dies facit euanescere coelo:</i>	
<i>Iam plenae similis mater, sed cui inuida Tellus</i>	550
<i>Abscondit Solem et tenebras pro luce reliquit.</i>	
<i>Obstupuit uisa sponsa Emmanuelius Heros</i>	
<i>Turbatoque gradu accedens, duplicesque smaragdos</i>	
<i>Alta in fronte notans, credit duo desuper astra</i>	
<i>Lapsa, aut cuiusdam furto subtracta Promethei.</i>	555

538 *Miscet purpureum A: Purpureum miscet CIPL.*

pó da Eubeia¹⁷³, a idade de Nestor e os séculos de Tróia.
 Um vê dois sóis, com a vista turbada e, vencido por Baco, 520
 está deitado de barriga para o ar; um outro, segundo o
 costume crítico, depois que bebe vinho, procura as águas
 da fonte vizinha, que a Terra previdente, para não ficar
 indiferente, uma vez que não faltava nenhum dos deuses,
 havia preparado. Aqui erguia-se branca, de mármore 525
 esculpido, uma coluna, e lançava águas do seu cume
 arredondado.

Eis que João, recebido solenemente na celeste entrada,
 se dirige para o lar construído com a arte de Vulcano;
 seguem-no os irmãos e os magnates.

Então sai a noiva, que se demorara um pouco no 530
 quarto, receosa pela novidade dos acontecimentos, ela a
 quem a mãe dos Amores preparara uma capa brilhante de
 fulvo ouro e encerrara os cabelos dourados numa preciosa
 rede. Uma viva púrpura cobria o seu rosto inquieto: assim 535
 também a formosa Aurora, sempre que deixa o Oceano e
 que, ao aproximar-se Febo, põe em fuga as sombras
 obscuras da noite e as estrelas brilhantes, mistura um
 purpúreo rubor em seu rosto branco e em seus cabelos de
 ouro.

Iluminam os delicados dedos e o colo de marfim 540
 da donzela pedras preciosas adquiridas na costa oriental,
 e brilha um colar de pérolas com um diamante raro,
 presente que oferecera à sua parente a princesa filha do rei
 Manuel, Isabel¹⁷⁴, consorte do império do mundo, mãe de
 Filipe, príncipe augusto, a única que foi considerada ser 545
 digna de César¹⁷⁵, seu marido, porque nunca a natureza
 acumulara tantos dotes de alma num só peito.

De um lado a mãe, Joana, do outro a filha, Joana,
 conduzem a noiva: a filha, igual à Lua em quarto
 crescente que um dia não límpido faz desaparecer do céu; 550
 já a mãe semelhante à Lua cheia, mas a quem a Terra,
 invejosa, escondeu o Sol e deixou as trevas em vez da
 luz¹⁷⁶.

Ficou estupefacto ao ver a noiva o herói filho de
 Manuel e, aproximando-se com passo vacilante, ao
 descobrir duas esmeraldas no seu nobre rosto, crê que dois 555
 astros caíram do alto, ou foram desviados por furto de um
 certo Prometeu¹⁷⁷.

*Mox ambo aeterno iungunt socialia nexu
 Vincula, et alternis emerunt pectora uerbis,
 Quae pater Alphonsus sacri ratione galeri
 Dictauit, uelutique Hermes trepidantibus auctor* 560
*Astitit, et geminas dedit in commercia dextras.
 Vix ea finierant, Eduardi ex ore Cupido
 Ingentem totis sinuauit uiribus arcum
 Aurataque nouam transfixit cuspede nuptam
 Iustus, et aequatis deuinxit corda sagittis.
 Inde alacer, pennis adiutus, in oscula matris* 565
*Exiliit, roseaque leuis ceruice pependit.
 Illa facem aeterno flammantem incenderat igne,
 Quam gaudens quassabat Hymen. Ter pronuba Iuno
 Vt felix faustumque foret, sollempnia uerba,
 Concepit. Sed enim liquidis de fontibus undam* 570
*Attulerant festo plaudentes carmine Nymphae.
 Vt uero clamatus Hymen fugientia lucis
 Tempora contigerat, facibus splendentia cereis
 Lumina et e cunctis passim funalia tectis
 Suspensa, excludunt noctem, pro parte coactam* 575
*Thebanas pensare moras et cedere flammis.
 Interea insignes epulae, stratisque superbis
 Impositae, Regem expectant. Mauortius illic
 Ales adest, Solis quondam explorator et ore
 Persarum Regi similis, quem caesius horret* 580
*Cristatum leo: sed dederant mollescere ferro
 Amissi ueneris stimuli cantusque sonori.
 Atilis, una olim solum concessa Quiriti,
 Plurima adest, gallo nondum matura salaci.
 Adsunt gemmanti referentes sidera cauda,* 585
*Elatae Iunonis aues: neque profuit assis
 Id quod Alexander speciem admiratus earum
 Magnus apud uictos contra praeceperat Indos.
 Et Phoebosacer et Zephyro spirante canorus
 Venit Olor, cui nulla caput traiecerat album* 590

578 expectant CIPL: spectant A.

Logo ambos unem com um nó eterno os seus vínculos conjugais e cativam os corações com as mútuas palavras que o padre Afonso, em virtude do seu barrete sagrado, ditou; e como Hermes, um garante, ele assistiu aos perturbados noivos e uniu ambas as mãos para o compromisso¹⁷⁸. 560

Mal findaram estas cerimónias Cupido, que tomara o rosto de Duarte, dobrou com todas as forças o seu grande arco e, na sua justiça, atravessou com um dardo de ouro a recém-casada e uniu os corações com setas iguais. Daí, veloz, com a ajuda das suas asas, lançou-se para os beijos de sua mãe e, brando, inclinou-se sobre a sua rósea nuca. Ela inflamara com uma luz eterna a tocha que alegremente Himeneu brandia: três vezes Juno prónuba formulou o desejo de que o casamento fosse feliz e fausto, solenes palavras. E eis que das fontes cristalinas as Ninfas, que aplaudiam com um canto festivo, trouxeram água. Como porém Himeneu, no meio de aclamações, chegara às horas em que a luz foge, esplendentes luzes provenientes de tochas de cera e candelabros por todo o lado suspensos dos tectos afastam a noite, forçada, por sua parte, a compensar a demora de Tebas e a ceder às chamadas¹⁷⁹. 570 575

Entretanto, iguarias magníficas colocadas em mesas soberbas esperam o rei: está ali a ave de Marte¹⁸⁰, reveladora do Sol num dado momento¹⁸¹ e semelhante no aspecto ao rei dos Persas¹⁸², ela a quem, encrespada¹⁸³, o leão de olhos verdes receia: porém, os estímulos de vénus e do canto sonoro perdidos pelo ferro tornaram possível que ela amolecasse¹⁸⁴. Está ali, em grande quantidade, a franga, a única carne outrora concedida ao Quirite¹⁸⁵, ainda não madura para o galo lascivo. Estão ali as aves soberbas de Juno¹⁸⁶, que reproduzem os astros com a sua cauda ornada de pedraria. E nada lhes valeu, assadas como estavam, a proibição que outrora Alexandre Magno fizera na Índia vencida, ao admirar a sua beleza¹⁸⁷. Consagrado a Febo e de canto mavioso ao sopro do Zéfiro, veio o cisne a quem, velho, nenhuma flecha 580 585 590

*Penna seni. Heu, captus Mirensis stagna paludis
 Liquerat et nullo celebrarat carmine funus
 Optatum caesus, nec sidera uoce sequutus.
 Ponitur aëria turtur qui solus in ulmo
 Non solo ore gemit. Posita est et Daedala perdix, 595
 Cuius in Aegypto perhibent signare figuram
 Infensos aliis. Positæque fuere uolucres
 Quas, licet impediunt uenerem, Venus ipsa tuetur
 Agnoscitque suas. Posita est matertera Phoebi,
 Nunc ales, ueterum mensis damnata coturnix. 600
 Laudatumque nimis positum est iecur alitis eius
 Quæ cum, sopitis canibus, uigil una fuisset
 Tarpeiam cantu seruauit ab hostibus arcem.
 Non deerant lepores, non quo caret Africa ceruus,
 Extractum effossis animal non deerat ab antris, 605
 Cuius (ut historiae tradunt) Balearibus agris
 Tantus prouentus quondam fuit, ut populatis
 Messibus auxilium numerosa animalia contra
 Constat ab Augusto trepidos petiisse colonos.
 Inuisum offertur Veneri caput: exit ab ore 610
 Fulmen; adhuc saeui minitantur proelia dentes.
 Talia cum primas onerarent fercula mensas,
 Necdum prodirent bellaria danda secundis,
 Ecce inter fratres solio consedit eburno
 Rex mediis nudique caput generosa propago 615
 Hinc atque hinc pueri glomerantur poplite flexo.
 Inter quos Regis pendebat ab ore paratus
 Ad nutum Ganymede Iames formosior ipso.
 Tu quoque pendebas, Sasiae spes maxima gentis,
 Iam uenerande puer, Francisce, nouemque Sororum 620
 Delitiae, uatum quondam tutela future.
 Tum manibus lymphas Heroum argentea fundunt
 Pocula, caelatis auro preciosa figuris,
 Materiam uincente manu, ferulisque ministri
 Conspicui totos sese prius inclinarunt. 625*

atravessara a branca cabeça. Oh! Apanhado, deixara as
 águas paradas do paúl de Mira¹⁸⁸, e morto, com nenhum
 canto celebrara o seu fim desejado nem erguera a voz às
 estrelas¹⁸⁹. É colocada na mesa a aérea rola que, sozinha
 no olmeiro, em solo não lança do bico os seus queixumes; 595
 foi também colocada na mesa a perdiz de Dédalo¹⁹⁰, da
 qual se diz no Egipto que a sua figura assinala os inimigos
 às outras [aves]; e foram colocadas as aves que, embora
 impeçam vénus, a própria Vénus protege e reconhece
 como suas¹⁹¹. Foi colocada a tia materna de Febo¹⁹²,
 agora uma ave, a codorniz condenada às mesas dos anti- 600
 gigos. E foi colocado o muito apreciado fígado daquela
 ave que, com o seu canto, preservou dos inimigos a
 fortaleza de Tarpeia, já que só ela esteve vigilante
 enquanto os cães dormiam¹⁹³.

Não faltaram lebres; não faltara o veado de que a
 África carece; não faltara o animal arrancado das tocas 605
 escavadas, do qual, segundo contam as histórias, tão
 grande abundância houve outrora nos campos das
 Baleares que, devastadas as searas, se diz que os
 lavradores, inquietos, pediram a Augusto auxílio contra os
 numerosos animais. É trazida a sua cabeça hostil a Vénus; 610
 da sua boca sai um raio; os seus dentes ferozes ameaçam
 ainda combates¹⁹⁴.

Quando tais iguarias cobriam o primeiro serviço e
 ainda não saíam os doces que vêm no segundo, eis que, no
 meio de seus irmãos, subiu a um trono de marfim o rei, e
 jovens de nobre descendência, de cabeça descoberta, 615
 juntam-se daqui e dali, de joelho flectido; entre eles,
 estava suspenso dos lábios do rei, pronto a um sinal,
 Jaime, mais formoso do que o próprio Ganimedes¹⁹⁵.
 Também estavas suspenso tu, ó esperança máxima da
 família dos Sás, tu, ó Francisco¹⁹⁶, uma criança, mas já 620
 digno de veneração e delícias das nove irmãs, e um dia
 protecção futura dos poetas.

Então, copos de prata derramam a água nas mãos dos
 heróis, copos preciosos pelas figuras gravadas a ouro,
 sendo a arte superior à matéria, e os servidores, notáveis
 pelos seus bastões, todos primeiramente se curvaram. 625

Adstabat mensis Regique secabat edenda
In partes ueterum iuuenis flos ille Luporum,
Reginaeque Lupae genus alto a sanguine ducens,
Quem Mauri armatum tremuere ad moenia Tingi 630
Magnaue legatum mirata est Roma, Philippus.
Heu fatum crudele, heu Zonae crimen adustae,
Te modo, Lusiadum iuuenum pulcherrime, feбри
Languentem ac breuiter miserando funere raptum,
Et nudi Aethiopes siccisque in fontibus ipsae
Naiades, atque adeo fleuerunt littora Minae. 635
Vnde ministerii Rodericus Tauora consors
Illa hodie scindit Regalia fercula dextra,
Qua Basainenses respersit sanguine campos
Ductor et Indorum meruit de gente triumphum.
Ad cyathos stabat nemo qui suaui Bacchi 640
Dona ministraret, puris quia scilicet undis
Viuere Lusiadum Regi est sollemne meroque
Parcere, ut Andocidis docti praecepta secutus,
Quae Macedo occisis non exaudiuit amicis,
Edificat gelidis plus uina odisse cicutis 645
Ebrius et nullo corrumpat nectare mentem.
At hic Demodocus uates, Parnaside lauro
Tempora uincta gerens niueoque insignis amictu,
Andinae citharae perstrinxit pollice chordas
Lusiadumque alte repetens primordia Regum. 650
Alphonsum canit, aetheriae depicta gerentem
Signa Crucis clipeo, quam quinque erecta figurent
Scuta, simul uictos totidem signantia Reges,
Atque ex argento triginta albentia nummis.
Quae fundamenta atque aeterni insignia regni 655
E coelo fluxisse refert, quo tempore uerus
Ille Deus, MARIA de uirgine natus, IESUS,
Cui mortale genus uitam et caelestia debet

643 *secutus CIPL: secundum A.*

645 *Edificat gelidis plus uina odisse cicutis CIPL:*
Expendat, gelidis uina esse uenena cicutis A.

646 *Ebrius CIPL: Sobrius A.*

647 *At hic A: Atque CIPL.*

Estava perto das mesas e trinchava o que o rei deveria comer Filipe¹⁹⁷, essa jovem flor dos velhos Lobos, que tirava a sua estirpe do nobre sangue da rainha Loba¹⁹⁸, ele que, armado, os Mouros temeram junto das muralhas de Tânger e a grande Roma admirou como embaixador. 630

Oh! Fado cruel! Oh! Crime da zona tórrida! A ti há pouco, ó mais belo dos jovens Lusíadas, lânguido de febre e em breve tempo arrebatado por uma morte deplorável, choraram os Etíopes nus e as próprias Náíades nas fontes secas, e até as costas da Mina. Daí que Rui de Távora¹⁹⁹, companheiro de ofício, trinche hoje as reais iguarias com a sua mão direita, com a qual, como comandante, inundou de sangue os campos de Baçáim e mereceu o triunfo sobre a raça dos Índios. 635

Na copa não estava ninguém que servisse os agradáveis dons de Baco, porque naturalmente é um hábito para o rei dos Lusíadas viver de água pura e abster-se do vinho, para que, seguindo os preceitos do douto Andócides²⁰⁰, que o Macedónio²⁰¹ não ouviu quando matou os amigos, ele aprenda a odiar o vinho mais do que a gélida cicuta e não corrompa na embriaguês o espírito com bebida alguma²⁰². 640

E então o aedo Demódoco²⁰³, com as têmperas cingidas de louro do Parnaso e notável na sua veste branca, apertada com o polegar as cordas da lira andina²⁰⁴ e, recuando muito atrás, recorda os primórdios dos reis dos Lusíadas. Canta Afonso²⁰⁵, que transporta no escudo, pintados, os sinais da Cruz celeste, por forma tal que representam cinco escudetes verticais que significam os reis vencidos em igual número, e trinta <sinais> brancos em moedas de prata. E ele conta que estes fundamentos e insígnias do reino eterno caíram do céu no tempo em que aquele Deus verdadeiro, nascido da virgem Maria, Jesus, a quem a raça mortal deve a vida, as alegrias 650 655

celestes e a salvação das goelas do Orco tartário²⁰⁶, se
 manifestou claramente ao filho de Henrique, vindo do céu 660
 e preso na Cruz com os cravos, com o sangue líquido
 manando, tal como redimiui a culpa de Adão.

Acrescenta como ele tomou fortalezas antes possuídas
 por povos sacrílegos e sobretudo, com muita força, a
 cidade que é pérola brilhante das terras e rainha poderosa 665
 do vasto Oceano, de nome derivado de Ulisses²⁰⁷; como
 venceu, com Marte vário, ao todo, vinte soberanos e os
 dois chefes colocados no mais alto do poder²⁰⁸, feliz se os
 votos da madrasta sua mãe nunca tivessem sido ouvidos 670
 por Deus²⁰⁹!

Finalmente, conta como o sepulcro dele, no templo de
 Santa Cruz, onde há pouco Coimbra ergueu a fortaleza de
 Febo²¹⁰, tem este verso escrito em branco mármore: “aqui
 jaz um outro Alexandre ou um outro Júlio”²¹¹.

Depois, percorrendo em breve ordem oito reis, um por 675
 um, exalta João Primeiro, vencedor na terra e no mar,
 sustentáculo memorável do reino Lísio, a quem, em
 simultâneo com o grande rei de Castela, arma para o
 combate, ponderando como são desiguais os exércitos de
 cada um, e armados faz com que vão um contra o outro 680
 com as suas bandeiras²¹². Canta os Lusíadas exíguos em
 número mas grandes em seu forte peito e prontos até a
 vencer ou a morrer pelo seu rei e pela sua pátria. E oxalá
 esta glória inata no povo cresça, transmitindo-se através
 dos valentes descendentes! Aqui, ele acrescenta que os 685
 inimigos foram largamente dispersos e posto em fuga o rei
 de Castela, abandonando a bandeira e deixando o
 acampamento, e que foi construído um templo de
 branco mármore²¹³, grande obra do piedoso vencedor,
 para que guarde e conserve eternamente algumas
 recordações de tão grandes triunfos neste edifício, insigne 690
 pelos sepulcros dele e de outros reis²¹⁴.

Daí, correctamente enumerando, deriva o aedo, como
 de uma fonte, a linha paterna da esposa. De facto, ele teve
 por filho Afonso; de Afonso, Fernando, e nascido deste

<i>Natus ab hoc, genuit fato meliore Iametem.</i>	
<i>Hic et grandiloque Nonium sonat ore Pereiram</i>	695
<i>Illum, qui nobis audendo restituit rem</i>	
<i>Atque decus regno libertatemque parauit:</i>	
<i>Quo fretus Rex Ioannes, ceu fulmine belli,</i>	
<i>Expulerit Lusiis dominantem finibus hostem</i>	
<i>Et Septam, Libyae caput, expugnauerit urbem.</i>	700
<i>Ergo uirum patriae tam fausto sidere natum,</i>	
<i>A quo magna domus primum Brigantia fluxit</i>	
<i>Et Villae Regalis honos, super aethera notus,</i>	
<i>Lusiadum Aiacem seruatoremque Camillum,</i>	
<i>Praedicat et qui Maeonio sit carmine dignus.</i>	705
<i>Hinc successorum postquam notissima Regum</i>	
<i>Acta trium cecinit, miscens infausta secundis,</i>	
<i>Tum fortunati Emmanuelis ad aurea uenit</i>	
<i>Tempora, tum plectro grauiore attollere cantus</i>	
<i>Coepit et Heroas pietate auertere mensis.</i>	710
<i>Namque canebat uti procerum per funera multa,</i>	
<i>Ad quos inuicti Ioannis sceptrum Secundi,</i>	
<i>Si superesse datum, sancita lege redirent,</i>	
<i>Fata nouum regno dederint splendescere Solem,</i>	
<i>Qui se diuino Emmanuelis nomine dignum</i>	715
<i>Caelesti ostendens feruore, sacrauerit ultro,</i>	
<i>Impleritque Deo gentes, penitusque rebelles</i>	
<i>Iusserit e totis quocumque excedere regnis.</i>	
<i>Illius auspiciis canit ut de littore magnae</i>	
<i>Vrbis Vlixiae felices soluerit audax</i>	720
<i>Vascus Gama rates, quo diuitis ostia Gangis</i>	
<i>Quaereret ignotique daret commercia mundi.</i>	
<i>Sidere ut incerto, qua uix immobilis Arctos</i>	
<i>Horrendum monstrabat iter, maria inuia primus</i>	
<i>Immanes scopulos indignantemque recludi</i>	725
<i>Oceanum inuentis tandem patefecerit Indis.</i>	
<i>Vtque uiro propter uictricia signa beati</i>	
<i>Regis in Eois chorus assurrexerit undis</i>	
<i>Nereidum; ut, concha qui personat aequora, Triton</i>	

713 sancita lege redirent CIPL: rediissent lege priores A.

um outro Fernando gerou Jaime, de melhor destino²¹⁵.

E nesta altura celebra em estilo grandíloco o famoso Nuno Pereira²¹⁶, o qual, ousando, nos restituiu a pátria e alcançou a glória e a liberdade para o reino, e [canta] como o rei João, apoiado nele à maneira de um raio de guerra, expulsara das fronteiras lusas o inimigo dominador e submetera a cidade de Ceuta, cabeça da Líbia

Então anuncia um varão nascido para a pátria com feliz estrela, do qual primeiramente derivou a grande Casa de Bragança e a honra de Vila Real²¹⁷, conhecida acima das estrelas, o Ajax dos Lusíadas e o salvador Camilo²¹⁸, e como ele é digno do canto meónio²¹⁹.

Daqui, depois que cantou feitos conhecidíssimos dos três reis sucessores, misturando as desventuras com os êxitos, e chegou aos tempos áureos do afortunado Manuel, começou então a erguer o canto com um plectro mais grave e a fazer afastar das mesas os heróis cheios de piedade.

E cantava, pois, como por morte de muitos nobres, aos quais por lei estabelecida caberia o ceptro do invicto João Segundo, se lhes tivesse sido dado sobreviver²²⁰, os destinos concederam que um novo sol esplendesse no reino, um sol que, mostrando-se com um fervor celeste, digno do nome divino de Manuel²²¹, se consagrara e encheira de Deus as gentes, e ordenara que os rebeldes se retirassem completamente do reino, para onde quer que fosse²²². Ele canta como, sob os seus auspícios, fizera partir as felizes naus da costa da grande cidade de Ulisses o audaz Vasco da Gama²²³, para procurar os portos do rico Ganges e permitir os negócios com o mundo desconhecido; como, com estrelas incertas, por onde a Ursa imóvel²²⁴ a custo mostrava o caminho horrendo, [o Gama] foi o primeiro a abrir rota pelos mares intransitáveis, pelos enormes rochedos e finalmente pelo oceano que recusava abrir-se, descobrindo assim a Índia. Como, em honra desse homem, graças aos estandartes vitoriosos do feliz rei, se levantara nas ondas orientais o coro das Nereides; como, com a concha que faz ressoar a

- Dixerit: Hunc cape, et Emmanueli redde tridentem,* 730
Oceani pignus famuli, quem Rector aquarum
Ipse libens socio mittit contraque superbi
Hippotadis uano demissos carcere uentos
Auxilium et pelagi casus promittit in omnes.
Has autem gemmas, haec rara monilia, mittit 735
Pulchra Amphitrite, Neptuni regia coniux,
Reginae Mariae, cuius nomenque decusque
Et uirtus, tam sunt ponto quam cognita terris.
Tunc ipsam extollens nauem ducis, aethere dignam
Non minus esse probat, quam quae sub Iasone quondam 740
Nauit, ut aurato spoliaret uellere Colchos.
Sed quamquam huic Regi regnum debere suosque
Plurima commemoret, nullos in pace tumultus,
Regales aditus faciles et certa merenti
Praemia, praepositum doctum et sine labe Senatum 745
Iustitiae, instructas templis radiantibus urbes.
Praeterea trepidos intra sua moenia Mauros,
Nec sese audentes Libyco committere ponto,
Omnemque Aurorae gazam, Regesque subactos
Indorum, et laetos quocumque ex hoste triumphos. 750
His tamen, et quae multa queat numerare canendo,
Posthabitis, illud quasi primum ad sidera tollit,
Quod Regem ediderit regno patriaeque parentem,
Ioannem, terris Saturnia saecula dantem.
Quem tunc praesentem ac iustis quocumque fuere 755
Regibus antestantem animi uirtute sereni,
Cum uates digne nequaquam ostendere posset,
Timantis digne picturam artemque secutus
Velat, Apollinea se fassus ab arte relinqui.
Vnde nouum summo natum Emmanuele maritum 760
Et nuptae genitorem, Isabella e matre creatum,
Colligit excelso pariter de sanguine ductos
Fernandi illius, genuit quem Rex Eduardus.
Quid referam, ut demum Phoebaeo arcana furore
Fatorum referens, taedis praedixerit illis 765

superfície do mar, Tritão disse: 730

“- Toma este tridente e entrega-o a Manuel como
penhor do Oceano submisso, que o próprio senhor das
águas com prazer envia ao seu aliado e promete-lhe ajuda
contra os ventos do cárcere vazio do soberbo Hipótada²²⁵
para todos os acontecimentos do pélagos. Também a bela
Anfitrite²²⁶, esposa real de Neptuno, envia estas pedras 735
preciosas, estas jóias raras à rainha Maria, cujo nome,
honra e virtude tão conhecidos são tanto no mar como na
terra”.

Então, exaltando a própria nau do comandante, [o aedo]
prova que ela não é menos digna do céu do que aquela que 740
um dia, sob comando de Jasão, navegou para despojar os
habitantes da Cólquida do velo de ouro²²⁷.

Mas lembre o reino, de resto, que deve a este rei os
seus triunfos e grande número de obras, nenhuns tumultos
na paz, fácil acesso ao rei e prémios certos para quem os
merece, um Senado douto e sem mancha que preside 745
à justiça, cidades providas de templos brilhantes. Além
disso, os Mouros receosos dentro das suas muralhas e não
ousando confiar-se ao mar da Líbia, todo o tesouro da
Aurora e os submetidos reis dos Índios, e por toda a parte, 750
os agradáveis triunfos sobre o inimigo²²⁸.

Todavia, colocado tudo isto em segundo plano e muitos
outros factos que ele poderia enumerar cantando, eleva
aos astros, como se fosse o primeiro, o seguinte: que deu
como pai ao reino e à pátria um rei, João, que proporciona 755
às terras os séculos de Saturno²²⁹. Governando então este,
superior a quantos reis justos antes existiram pela virtude
do ânimo sereno, não podendo o poeta de forma alguma
dignamente mostrá-lo, dignamente seguindo a arte de
pintura de Timantes²³⁰ oculta-o, confessando que o
abandonou a arte de Apolo.

A partir daí recorda o jovem marido, filho do muito 760
ilustre Manuel, e o pai da noiva, nascido da mãe Isabel,
igualmente vindos do excelso sangue do famoso
Fernando, que o rei Duarte gerou²³¹.

Hei-de eu referir que finalmente, abrindo os arcanos
dos fados com inspiração de Febo, ele predisse que 765

*Gignendum Heroem, patrio quem nomine dictum,
 Atque excellentis donatum agnomine, Princeps
 Ioannes, ueteris Lusi noua gloria regni,
 Diligeret supra innatum patruelis amorem.*
Qui Libyae fatalis et insuperabilis hosti 770
*Auferret Libycis patruo sub Rege coronas
 Regibus ardentisque aestu transgressus arenas,
 Victor Lagaei penetraret ad ostia Nili?
 Nempe ob diuinos thalamos, cum Thessala tempe
 Inuisit, talem Superum cingente corona* 775
*Credibile est cenasse Iouem. Sic Phoebus ibidem
 Aethere ab asserto Pallenaeisque triumphis
 Exorsus, cecinit Pelei Thetidisque parentes:
 Maioremque suo fatis genitore futuram
 Progeniem, Troiae fatalem indixit Achillem.* 780
*Sit satis haec, Erato, tenuem scripsisse poetam,
 Dum legum soluens nodos sensusque recludens,
 Vix haurire potest uestro de fonte liquores.
 Qualiacumque igitur facies haec grandia magno
 Theudosio, cuius sacro sub nomine nomen* 785
Durabitque meum et fortasse in saecula uiuet.

Finis.

*Nihil esse in hoc libello,
 quod fidei christianae aduersetur,
 censuit doctor sacrae theologiae eruditissimus,
 frater Hyeronimus ab Azambuia cui his
 ius rei cura mandata est ab illustrissimo
 Lusitaniae infante, eodemque sacro
 sanctae romanae ecclesiae cardinali
 D. Henrico, causarum fidei
 christianae in his
 regnis quaesitore
 summo et optimo.*

daquelas núpcias havia de nascer um herói chamado pelo nome do pai²³² e premiado com o título de excelente, que havia de ser estimado para além do natural amor de primo pelo príncipe João, nova glória do velho reino lusitano? Que ele, fatal e insuperável para o inimigo da Líbia, havia de arrebatrar, sob o governo do rei seu tio, aos reis da Líbia as suas coroas, e atravessando as areias ardentes com o calor, penetraria vencedor até à foz do egípcio Nilo²³³? 770

Com efeito, é crível que por causa do divino casamento²³⁴, quando visitou o tessálio Tempe, de tal modo Júpiter se tenha banquetado com a coroa dos deuses súperos cingida. Aí mesmo Febo, começando por referir o éter e os triunfos de Palene, igualmente cantou os pais de Peleu e de Tétis, e proclamou que graças aos fados, uma progénie maior do que o seu genitor havia de nascer - Aquiles, fatal a Tróia²³⁵. 775 780

Assim é bastante, ó Érato²³⁶, que o modesto poeta tenha escrito estes versos enquanto, desfazendo os nós das leis e revelando-lhes os sentidos, mal pode beber o licor da tua fonte²³⁷. Seja o que for que tu faças, será notável graças ao grande Teodósio, sob cujo nome sagrado o meu nome perdurará e viverá talvez através dos séculos²³⁸. 785

Fim

Que nada há neste livro
que se oponha à fé cristã
foi a opinião do eruditíssimo doutor
em sacra Teologia,
Frei Jerónimo de Azambuja²³⁹,
a quem o ilustríssimo infante de Portugal,
e ao mesmo tempo cardeal sagrado
da santa igreja romana,
D. Henrique, inquisidor-mor e o mais excelente
em assuntos da fé cristã nestes reinos,
confiou esse cuidado²⁴⁰.

⁸⁰O título deste *carmen* é ilustrativo quanto ao autor e ao tema: Manuel da Costa apresenta-se como jurista português e juiz conselheiro do rei D. João III, cargo confirmado no seu texto jurídico *Patruí et Nepotis de successione regni Portugalliae tractata quaestio*, onde ele também se intitula *Regius Senator*. Diz P. U. González de la Calle, “Contribución a la biografía” 319: “La condición de *Senator*, que nuestro jurista se atribuye (...) era acreedora a sobria referencia en las biografías consultadas. Sin embargo, tan curioso dato es omitido en dichos textos. Mas salvada essa omisión, deduzcamos de la alta dignidad de *Senator regio* los avances que en el favor de la Corte portuguesa gradualmente iba logrando el *Doctor subtilis*.” Lembremos, de resto, que nesta altura era frequente os monarcas recorrerem aos jurisconsultos para seus conselheiros e embaixadores.

Costa canta de forma enaltecadora as núpcias do infante D. Duarte e de D. Isabel, qualificando o seu *carmen* como *heroicum*: são eminentes as personagens cantadas, eminentes os feitos celebrados nestes 786 versos em hexâmetro dactílico, entremeados de saborosas alusões mitológicas.

⁸¹O termo *heros* é utilizado como epíteto de personagens ilustres pelos seus feitos e/ ou pela posição social, cuja situação de superioridade é comparável à das figuras mitológicas. Recordemos que, do mesmo modo, também o título “santo” é empregue pelos humanistas para se referirem lisonjeiramente aos reis (cf. A. E. Beau, “A Realeza na Poesia Medieval e Renascentista Portuguesa”, *Boletim de Filologia* XVI [“A Realeza”] (1957) 184 - 185), desta feita, por alusão aos imperadores romanos, divinizados depois de falecidos, a quem era concedido o título *diuus* (cf. Virgílio, *Eneida* 4. 792; Suetónio, *Vitae Caesarum*).

⁸²Vítima da seta do deus do amor, o infante, já impaciente pela demora na comemoração das suas núpcias (lembramos que o tratado deste casamento se celebrara no ano anterior, i. e., em 1536), sente o coração abrasado. À imagem amor/ fogo recorrem vários autores, entre os quais Virgílio, no Canto IV da *Eneida*, Camões, no célebre soneto “Amor é fogo que arde sem se ver”.

⁸³O falcão, frequentemente usado na caça pela sua inteligência e destreza, embora outras aves de rapina, como a águia, o açor, o esmerilhão fossem também preparadas para esse efeito.

As caçadas, actividade apaixonante para a nobreza, podiam realizar-se de duas formas: através da altanaria - com aves de rapina preparadas para apanharem coelhos, lebres, perdizes, codornizes, pombos, etc.-, ou através da montaria - com lanças e cães que perseguiram ursos, veados, javalis, alces, etc..

Do gosto do infante D. Duarte pela caça nos dão conta D. de Góis, na *Chronica do serenissimo Senhor Rei D. Emanuel*, parte III [*Chronica do serenissimo*] (Coimbra 1790) 350, bem como Frei L. de Sousa, nos *Anais de D. João o III*. Prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa, t. II [*Anais*] (Lisboa 1938) 144.

O título *Livro de Montaria*, obra do rei D. João I, é sugestivo do relevo dado à caça pela Casa Real.

⁸⁴ A Fama, divindade descrita por Virgílio como monstro horrível de pés velozes (cf. *Eneida* 4. 173 sqq.), habitualmente encarregada de espalhar notícias várias (cf. *idem, ibidem* 7. 104, 9. 474, 11. 139), apregoa desta feita a noiva, sobrinha do rei D. Manuel por parte de sua avó paterna, D. Isabel, irmã daquele monarca, e divulga também ilustres familiares da nubente - seu pai, D. Jaime, e D. Teodósio, seu irmão.

⁸⁵ Febo, o Sol, filho do titã Hipérion e de Tia, é imaginado como um jovem louro com a cabeça cingida de raios, que percorre o céu num magnífico carro puxado por cavalos impetuosos. Todos os dias descreve a mesma rota: vem do Oriente, para acabar no Ocidente, com vários pontos intermédios. O seu percurso assinala os diferentes momentos do dia, e a chegada ao Ocidente, o seu declinar (cf. Virgílio, *Eneida* 11. 913 sqq.).

Note-se, neste passo do texto, a visão geocêntrica do universo, defendida por Ptolomeu, que faz a seguinte descrição em *Tetrabiblos*, I, 2:

‘...Porque o Sol, junto com o ambiente que o envolve, está sempre a regular o que se passa na terra, (...) através da sua revolução diária, que origina o calor, humidade, secura e frescura na devida ordem, e em concomitância com as diversas posições relativas ao zénite, que vai ocupando...’

(trad. de M. H. da Rocha Pereira, *Hélade* (Coimbra ⁷1998) 499).

Como se sabe, o sistema geocêntrico virá a ser substituído pelo actual, o heliocêntrico, para o que contribuiram os trabalhos de Copérnico, no século XVI, e, no século seguinte, os de Galileu.

⁸⁶ Elogio hiperbólico da bravura guerreira do pai da noiva no norte de África. Entregou-lhe o rei D. Manuel o comando da expedição a Azamor, em 1513, da qual D. Jaime saiu vitorioso. O rei português tentava assim, por certo, recuperar como homem o IV duque de Bragança, então refugiado em Évora-Monte por ter assassinado sua primeira mulher, D. Leonor de Mendonça. Sobre a conquista de Azamor, cf. o poemeto heróico dedicado a D. Jaime que se encontra no *Cancioneiro Geral* – “De Luís Anriques ao Duque de Bragança quando tomou Azamor, em que conta como foi” (vol. II, 297-305); cf. também D. de Góis, *Chronica do serenissimo*, parte III, cap. XLVII.

A partida dos Portugueses para o norte de África, sob o comando do IV duque de Bragança, foi antecedida da representação da *Exortação da Guerra* de Gil Vicente.

Da tomada de Azamor pelos Portugueses se conserva ainda um belo fresco na escadaria principal do Palácio Ducal de Vila Viçosa, onde se destaca a figura de D. Jaime.

O louvor de Manuel da Costa vai logo a seguir para o irmão da noiva, D. Teodósio, protector do poeta, como referimos.

⁸⁷ A expressão *alma Venus* encontra-se em Estácio, *Siluae* I. 2, 52 e 159.

A deusa do amor, protectora e benfazeja dos enamorados, querendo celebrar o seu mês de Abril com o casamento ilustre de D. Duarte e de D. Isabel, dirige-se ao pai dos deuses e intercede pelos noivos (cf. intervenções de Vénus em Virgílio, *Eneida* 1. 228 sqq., Camões, *Os Lusíadas* 2, est. 33 sqq.).

Era o mês de Abril consagrado a Vénus (cf. Horácio, *Odes* 4, 11-15) por ser essa a época em que ela nascera. Sobre a ligação Abril/*Aprilis*/ ἄπρῶς, ‘espuma’ (Vénus, segundo algumas versões do mito, nasceu da espuma), cf. Ovídio, *Fastos* IV, 61-62.

⁸⁸ Cloto, Láquesis e Átropos, as três Parcas, equivalentes às Μοῖραι helénicas, têm por função, respectivamente, fiar, medir e cortar o fio da vida dos mortais. Para distribuírem os seus fios, elas dependem aqui da vontade de Júpiter, o deus supremo.

⁸⁹ Vénus refere o nascimento de D. Duarte, ocorrido a 7 de Setembro de 1515. D. Manuel, rei que impulsionara grandemente a nossa expansão ultramarina, vai deixar de tenra idade este infante, já que morre em 1521, indo para os Campos Elísios, lugar clássico dos bem-aventurados.

⁹⁰ Na *Eneida* 1. 681 sqq., Vénus toma a seu cuidado Ascânio, seu neto, entregando-o em Idália; do mesmo modo procedeu com o pequeno Duarte, que mais tarde reclamará para si: a deusa surge aqui como instigadora do amor.

⁹¹ As Musas, denominadas Aónides por lhes serem consagrados os montes Aónios, na Beócia; elas, juntamente com Palas, epíteto de Atena, a deusa que os Romanos identificavam com Minerva, encarregaram-se da educação do infante.

⁹² Vénus e Cupido, aliados na demanda da intervenção de Júpiter para a pronta comemoração das tão desejadas núpcias, ameaçam-no com novas paixões, aludindo de passagem a algumas de que já fora vítima o pai dos deuses. Na verdade, Vénus refere, em primeiro lugar, o rapto de Europa por Júpiter, disfarçado de touro (cf. Ovídio, *Metamorfoses* II, 833-875). Alude depois à história da jovem Dánae, fechada num quarto de bronze pelo pai, o rei Acrísio, que procurava assim evitar o cumprimento de um oráculo prenunciador da morte do soberano às mãos de um neto. Júpiter, todavia, sob a forma de uma chuva de ouro, conseguiu lá entrar, e da sua união com Dánae viria a nascer Perseu (cf. Higino, *Fabulae* 63). Faz ainda referência a Leda, a quem Júpiter apareceu sob a forma de cisne, nas margens do rio

Eurotas, onde ela se banhava. Deste amor nasceriam, de um ovo, ...*Pollucem et Helenam, ex Tyndareo autem Castorem et Clytaemnestram* (Higino, *Fabulae* 77, p. 58). Note-se, no entanto, que há variantes do mito em relação aos filhos de Leda - cf. P. Grimal, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Trad. de V. Jabouille [*Dicionário*] (Lisboa 1986), s. v. Leda, 271.

Estácio, *Siluae* I. 2, 135-136, alude também a estas três paixões de Júpiter.

⁹³ Júpiter, como na *Eneida* 1. 254 sqq. e n' *Os Lusíadas* 2, est. 42 sqq., afasta os receios a Vénus, deusa nascida nas águas marinhas de Citera, ilha do mar Egeu, e promete aceder aos seus rogos, encarregando-a entretanto dos preparativos do casamento.

⁹⁴ D. João III (1502-1557), jurado e levantado como rei a 19 de Dezembro de 1521, solenidade descrita por Frei L. de Sousa, *Anais*, parte I, cap. V.

Lusíades, *ae* é um termo frequentemente usado por vários autores novilatinos, antes de Camões, para referir os Portugueses. Foi André de Resende o primeiro a empregá-lo, em 1531, no *Erasmii Encomium*. Sobre este assunto, cf. A. C. Ramalho, "A palavra Lusíadas", *Estudos sobre o Século XVI* (Lisboa ²1983) 221-236.

⁹⁵ O planeta Vénus, que era o terceiro no sistema ptolomaico.

⁹⁶ Epíteto de Minerva, nascida da cabeça de Júpiter, donde sai completamente armada.

⁹⁷ Poderoso cinto de Vénus, "...onde se achavam recolhidas as graças, os desejos e os atractivos" (Mr. Chompré, *Diccionario abreviado da fabula* (tradução portuguesa) (Lisboa 1858) 60).

⁹⁸ *Amores*.

⁹⁹ Vulcano, o deus disforme e coxo que trabalhava os metais, filho de Júpiter e de Juno, desprezado por Minerva devido à sua deformidade, oferece a Vénus um carro magnificamente trabalhado por si próprio, com esperança de, pelo menos assim, obter os seus favores amorosos.

São várias as suas obras célebres, entre as quais, os escudos dados por Tétis a Aquiles (cf. *Iliada* 18) e por Vénus a Eneias (cf. Virgílio, *Eneida* 8), as portas do palácio do Sol (cf. Ovídio, *Metamorfoses*, II).

¹⁰⁰ Os vv. 87-88 apresentam semelhanças com Estácio, *Siluae* I, 143-144.

¹⁰¹ Sobrenome latino de Vulcano. Há várias explicações relativas ao sentido daquele nome: umas ligam-no a *mulcare*, lembrando a deformidade do deus; outras, a *mulcere*, aludindo à sua arte de trabalhar os metais.

¹⁰² *Domina* é aqui um termo da linguagem amorosa para falar da mulher amada (cf. Tibulo 1, 1, 46; 3, 4, 74; Propércio 1, 4, 2).

¹⁰³ No Canto V da *Iliada*, Vénus surge como filha de Dione e de Zeus; poemas posteriores fazem-na filha do Céu e nascida nas águas do mar de

Citera. Deste modo a apresenta Hesíodo na *Teogonia*, vv. 176 sqq., e também Virgílio, no Canto V da *Eneida*, vv. 800-801.

¹⁰⁴ Divindades campestres com o dom da profecia.

¹⁰⁵ A alusão ao mito das idades criado por Hesíodo em *Trabalhos e Dias* aparece frequentemente, sob algumas variantes, em diversos autores. Das várias idades, hierarquicamente definidas pelo valor dos metais que as caracterizam, Manuel da Costa escolhe a de ouro para descrever o reinado de D. João III, atitude também adoptada por outros poetas quinhentistas, como Diogo de Teive, *A Tragédia do Príncipe João*, vv. 160 - 207. António Ferreira, na écloga *Arquigâmia*, refere-se assim ao reinado daquele soberano:

*Assi presa em cadeias teve a guerra,
Que só paz reinou sempre em sua terra.
Cantavam os Pastores descansados
Pelos vales, e campos tão seguros...*

¹⁰⁶ Nesta descrição de Vila Viçosa, onde os duques de Bragança tinham residência, a alusão a três deuses - Ceres, Minerva e Baco - para referir a fertilidade da região, respectivamente, na cultura do trigo, na oliveira, no vinho.

Momento ainda para uma nota biográfica de Manuel da Costa, na alusão a seus pais, que foram funcionários da Casa de Bragança, como afirma o poeta na *Carta Dedicatória* que antecede este *carmen*.

¹⁰⁷ Iniciou-se a construção de um novo Paço Ducal da Casa de Bragança, a pequena distância da primitiva muralha de Vila Viçosa, em 1501, com D. Jaime. No entanto, seria D. Teodósio quem viria a dar grande incremento ao novo palácio, de tal modo que “o pôz em estado de nelle poder hospedar a El-Rey” (D. A. Caetano de Sousa, *História Genealógica*, t. VI, 7). Os magníficos jardins desta propriedade são comparados aos famosos jardins das Hespérides, as três irmãs encarregadas de guardar o maravilhoso jardim dos deuses que fica, segundo Hesíodo, junto ao monte Atlas, situado no extremo Ocidente (cf. Hesíodo, *Teogonia*, 215 sqq.). São também comparados aos do rei dos Feaces, Alcínoo, que acolheu e ouviu os erros do lendário herói grego da guerra de Tróia, Ulisses (cf. *Odisseia* 7. 112-132).

¹⁰⁸ *Puellis* - trata-se do ablativo do plural do substantivo *puellus*, *i*, utilizado como diminutivo de *puer*.

¹⁰⁹ A expressão *aestate serena* encontra-se em Virgílio, *Eneida* 6. 707.

À semelhança de Virgílio (cf. *Geórgicas* 4. 21), também Manuel da Costa utiliza ‘rei das abelhas’ em vez de rainha, como se esperava. Havia para os antigos a crença de que era um macho e não uma fêmea quem governava a colmeia.

Como anteriormente referimos, o poeta recorre, nos vv. 145-151, a um processo épico amplamente utilizado pelos Poemas Homéricos, o símile,

comparando-se neste caso o rei das abelhas, guia do seu enxame, com o Amor que comanda seus irmãos.

¹¹⁰ Os Romanos, descendentes de Eneias, filho de Vénus que os protege na *Eneida* e que protegerá também os Portugueses n' *Os Lusíadas* (cf. 9, est. 38). Pelo confronto com a magnificência das construções dos Romanos, a exaltação da arte, do luxo, do esplendor do palácio dos duques de Bragança é de novo sublinhada neste passo do poema. De resto, esplendoroso e magnífico é o casamento que em breve se realizará.

¹¹¹ D. João III, rei amado e temido, ideia que surge também na égloga *Andres*, de Sá de Miranda e, relativamente a outros reis portugueses, noutros autores. Sobre este assunto, cf. A. E. Beau, "A Realeza", 186-187.

No palácio de Vila Viçosa, por altura das bodas de D. Duarte e de D. Isabel, "Não só as pessoas Reaes, mas os Senhores, e grandes do Reyno, (de que a mayor parte se achou neste acto) accomodou o Duque em diversas casas da mesma villa..." (D. A. Caetano de Sousa, *História Genealógica*, t. VI, 8).

¹¹² Como recompensa do empenho de D. Teodósio na celebração das bodas de sua irmã, Vénus revela-lhe o seu casamento futuro com D. Isabel de Lencastre, filha de D. Dinis, tio paterno do duque, e de D. Brites de Castro. A rainha D. Catarina criara D. Isabel no Paço, "...com grande carinho, e estimação..." (D. A. Caetano de Sousa, *História Genealógica*, t. VI, 23).

O contrato deste casamento seria celebrado a 19 de Junho de 1542, comemorando-se as bodas logo de seguida, a 25 de Junho do mesmo ano.

¹¹³ A Península Ibérica.

¹¹⁴ Comparação da beleza da futura noiva de D. Teodósio com a da deusa Palas, a quem aquela supera - lembremos que, para exaltação da noiva, é comum nos epitalâmios assemelhá-la a deusas.

¹¹⁵ Páris, filho dos reis de Tróia, criado no monte Ida por uns pastores depois de ter sido abandonado por seus pais devido a um sonho de Hécuba que anunciava que seria ele a causa da destruição de Tróia, foi o juiz do famoso desafio entre a beleza divina de Juno, Vénus e Minerva. Páris deu a vitória a Vénus, granjeando com a sua escolha o ódio das outras duas deusas.

Note-se que Vénus se sente inferior em beleza a D. Isabel.

¹¹⁶ D. Catarina (1507-1578), esposa de D. João III, filha de Filipe I, o Formoso, rei de Castela e arquiduque de Áustria, e de D. Joana, a Louca, é exaltada por Gil Vicente na *Frágua de Amor*, obra representada em 1525, por altura das bodas da rainha com o soberano de Portugal. Constitui a primeira fala do Peregrino, logo no início da peça, um amplo louvor a D. Catarina, metaforicamente comparada a um "castello (...) sin división, gracioso, fuerte, terrible, hermoso quanto es possible, dichoso quanto es razón."

Na altura das núpcias de D. Duarte e de D. Isabel, encontrava-se a rainha grávida do príncipe D. João, que nasceu a 3 de Junho de 1537 e viria a

tornar-se o herdeiro do trono português, a *spes una regni* (cf. D. de Teive, *Tragédia*, act. I, 137).

¹¹⁷ D. João, VI duque de Bragança. Não encontramos quaisquer referências a ilustres feitos guerreiros deste duque em conjunto com o príncipe João. Sabemos no entanto que apoiou e serviu D. Sebastião, nomeadamente através do envio de homens, cavalos e dinheiro para a primeira jornada daquele monarca a África, em 1574, onde se dispusera também a acompanhá-lo, não fora o sobrevir de uma doença (cf. D. A. Caetano de Sousa, *História Genealógica*, t. VI, cap. XV).

¹¹⁸ Dando seguimento aos preparativos para a celebração das bodas, Vénus ordena às Ninfas que vão buscar o deus do casamento, presença imprescindível e auspiciosa, e que cubram tudo de murta, planta consagrada àquela deusa, daí as denominações Múrcia e Mirteia.

¹¹⁹ As rosas. Primeiramente existiam apenas rosas brancas, mas um dia Vénus, tentando salvar o jovem Adónis, a quem amava e que fora mortalmente ferido por um javali, picou-se num espinho de uma roseira, dando assim, com o seu divino sangue, cor à flor que lhe era consagrada (cf. P. Grimal, *Dicionário*, s. v. Adónis, 6).

Eça de Queiróz, *As Rosas* (Lisboa 1995) descreve de forma muito bela esta mutação de cor das rosas, nas pp. 12-13; na p. 37, refere motivos cristãos para a cor vermelha destas flores, nomeadamente o que defendia Santo Ambrósio: “E é Santo Ambrósio (...) que assegura ser a rosa vermelha de cor por ter caído sobre ela o próprio sangue do Senhor!”

Como se sabe, a rosa vermelha é, ainda hoje, símbolo do amor.

¹²⁰ Vénus, levada pela brisa para a ilha de Chipre, depois do seu nascimento em Citera.

¹²¹ D. Joana de Mendonça, segunda esposa de D. Jaime, com o qual ela casara em 1520; mulher “fermosa, prudente, & discreta” (D. de Góis, *Chronica do serenissimo*, parte I, 161), encontrava-se então viúva.

¹²² Alusão aos Campos dos Choros, a que se faz referência no Canto VI da *Eneida*, vv. 440 sqq. Aí se encontram os atormentados pelo amor, escondidos numa floresta de murta, a planta de Vénus.

¹²³ Plutão, o rei dos infernos, raptara Prosérpina a Ceres, sua irmã e mãe daquela, quando a jovem colhia flores (cf. *Hino Homérico a Deméter*, Ovídio, *Metamorfoses* V, 332-408).

¹²⁴ Descreve-se, de seguida, a ilustre prole do tálamo de D. Jaime e de D. Joana de Mendonça: “...dom Iames que faleceo solteiro, dom Constantino que foi camareiro mòr del Rei dom Ioam terceiro, (...) dom Fulgencio que he clerigo, dom Theotonio tambem clerigo, & viue com el Rei dom Phelippe de Castella, donna Ioanna que casou em castella com o Marques Delche (...), donna Eugenia que casou com dom Francisco de Mello (...), donna Maria, &

onna Vincencia ambas freiras professoras...” (D. de Góis, *Chronica do serenissimo*, parte I, 161).

¹²⁵ D. Fulgêncio e D. Teotónio são comparados às estrelas; em seguida, elogiosamente, é um deus a comparar-se a eles: Apolo, nascido numa ilha flutuante, Ortígia, depois Delos, ‘a brilhante’, que, segundo o Canto III da *Eneida*, 73 sqq., o deus tornou fixa, reconhecido pelo asilo que ela havia oferecido a sua mãe, Latona.

¹²⁶ D. Eugénia casa, em 1549, com D. Francisco de Melo, II marquês de Ferreira, conde de Tentúgal, bisneto, pela parte paterna, de D. Fernando, II duque de Bragança, que era também bisavô de D. Eugénia. D. Francisco de Melo era, pelo lado materno, neto do ilustre D. Francisco de Almeida, a quem nos referiremos adiante.

¹²⁷ Níobe, filha de Tântalo, punida por Latona, mãe de Apolo e de Diana, por se vangloriar de ter uma prole maior que a da deusa. Assim, dos seus catorze filhos (doze, ou dez, segundo outras versões), apenas restou um de cada sexo (nenhum, ou somente uma rapariga, segundo outras variantes do mito). Aos rapazes, matou-os Apolo, às raparigas, Diana (cf. *Iliada* 24, Higinio, *Fabulae* 9, Ovídio, *Metamorfoses* VI, 146-312).

De sublinhar o elogio hiperbólico da prole dos duques de Bragança, em face da qual Latona se sentiria inferior.

¹²⁸ Terça-feira (cf. italiano *Martedì* e espanhol *Martes*).

¹²⁹ Filha de Hipérion, esposa de Titono, a deusa da manhã desloca-se pelo céu num carro purpúreo puxado por dois cavalos, trazendo luz que anuncia a chegada do Sol.

¹³⁰ Era frequente a utilização dos signos do Zodíaco para referir a época do ano em que decorriam os acontecimentos descritos. O Touro é um signo em que o Sol entra a 20 de Abril, saindo a 21 de Maio. Note-se, neste passo, o louvor aos noivos, evidenciado pelo interesse e pelo júbilo da própria natureza.

¹³¹ Vento de sudoeste.

¹³² “O grão Pacheco, Aquiles Lusitano” (Camões, *Os Lusíadas* 10, est. 12), em auxílio ao rei de Cochim, conduz à vitória, em 1504, os *raros Lusíadas*, contra as forças imensas do Samorim, rei de Calecute, que vem assistir à batalha em pessoa (cf. Camões, *ibidem*, est. 17 sqq. e também J. de Barros, *Ásia*, Década. I, liv. VIII, cap. VI (Lisboa 1628)). Em honra dos notáveis feitos de Duarte Pacheco Pereira na Índia ofereceu-lhe o rei de Cochim insígnias e um padrão de armas; alcançou também de D. Manuel, como prémio dos serviços prestados, a capitania da cidade de S. Jorge da Mina. Virá entretanto a ser preso, injustamente, e morrerá pobre (cf. D. de Góis, *Chronica do serenissimo*, parte I, cap. C).

¹³³ D. Francisco de Almeida, filho de D. Lopo de Almeida, I conde de Abrantes. Em 1505, D. Francisco de Almeida é enviado pelo rei D. Manuel à Índia, onde se torna o primeiro vice-rei.

¹³⁴ Trata-se possivelmente de Mahamed Anconi, rei de Quíloa (cf. J. de Barros, *Ásia*, Déc. I, liv. VIII, cap. IV), cidade tomada por D. Francisco de Almeida. A esta conquista sucederam-se outras: Mombaça, Panane.

¹³⁵ D. Lourenço de Almeida, que morreu heroicamente a combater em Chaul contra as frotas de Mir Hocém, capitão da armada do Egipto, e de Melique Iaz, senhor da cidade de Diu. Durante o combate, ficou o jovem português ferido no rosto, devido a duas flechadas que o atingiram, mas manteve-se no seu posto. Entretanto, a sua nau encalhou e os inimigos "...deram a Dom Lourenço ua bombardarda, que lhe levou meia coixa, (...) ao que logo acudiram os principais da nau (...). D. Lourenço (...) respondeu que o leixassem, porque mais lhe ofendia a alma esta piadade de que com êle queriam usar, do que lhe lastimava o corpo aquela ferida (...). E mandou que o encostassem ao propau junto ao masto (...) veo outra bombardarda que lhe levou tôdalas costas..." (J. de Barros, *Ásia*, Déc. II, 89). Sobre a descrição desta batalha, cf. também Camões, *Os Lusíadas* 10, est. 29 sqq..

¹³⁶ Líbia = África.

¹³⁷ D. Francisco, com a barba grande em sinal de luto pela morte de seu filho, ataca ferozmente as cidades de Dabul e de Diu (cf. Camões, *Os Lusíadas* 10, est. 33 sqq., D. de Góis, *Chronica do serenissimo*, parte II, caps. XXXVIII e XXXIX).

¹³⁸ Mir Hocém escapa-se, com medo de ser entregue a D. Francisco de Almeida, e pede acolhimento ao rei de Cambaia (cf. D. de Góis, *Chronica do serenissimo*, parte II, cap. XXXIX).

¹³⁹ Afonso de Albuquerque, segundo vice-rei da Índia, que, pelo seu valor guerreiro, merece a companhia e a ajuda da deusa da guerra, Belona. Fazendo frente a numerosos Gangáridas, povo vizinho do rio Ganges (cf. Virgílio, *Geórgicas* 3. 27), Afonso de Albuquerque tomou Ormuz (1507), Goa (1510), Malaca (1511), seguindo uma política de conquista de pontos estratégicos em terras da Índia que constituíam importante fonte de receita para o reino português, através dos tributos que os vencidos tinham de pagar. Sobre as conquistas de Afonso de Albuquerque, cf. J. de Barros, *Ásia*, Déc. II.

¹⁴⁰ Coroando as vitórias de D. Afonso de Albuquerque por terras orientais, surge a deusa que personifica o triunfo na guerra, a Vitória, com a palma, símbolo do bom êxito.

¹⁴¹ Um dos nomes dados a Diana, deusa da caça.

¹⁴² Cf. actuais corridas de touros: no fim da lide e/ ou da pega, algumas vacas vão à arena buscar o touro.

¹⁴³ Alusão à deusa síria Cíbele e ao culto dos seus padres, eunucos denominados *Gallos* (sobre a explicação desta designação, cf. Ovídio, *Fastos* IV).

¹⁴⁴ Deus egípcio representado com uma cabeça de cão.

Os versos 364-365 apresentam semelhanças com este de Virgílio, *Eneida* 8. 698:

Omnigenumque deum monstra et latrator Anubis.

¹⁴⁵ A Universidade de Coimbra, transferida em 1537 para esta cidade, a “lusa Atenas”.

¹⁴⁶ D. Garcia de Almeida, filho de D. João de Almeida, II conde de Abrantes, e sobrinho de D. Jorge, bispo de Coimbra, nomeado reitor da Universidade de Coimbra “...por provisão real de 1 de Março de 1537, só tomou posse e fez juramento em 24 de Outubro.” (F. Morais, *Reitores da Universidade de Coimbra* (Coimbra 1951) 4). Sobre a sua acção como reitor da Universidade, diz F. C. de Figueiroa, *Memórias da Universidade de Coimbra* (Coimbra 1937) 47: “...a primeira notícia que acho na Universidade já em Coimbra é em 9 de Abril...”, afirmando que a última notícia que aí lhe faz referência data de 11 de Novembro de 1537. Depois da sua passagem pela Universidade, D. Garcia foi, nomeadamente, “...Vedor da Casa do Principe D. Joaõ, filho delRey D. Joaõ III e do seu Conselho...” (D. A. Caetano de Sousa, *História Genealogica*, t. X, 76).

¹⁴⁷ D. Frei Bernardo da Cruz, “...religioso Dominicano, Bispo depois de São Thomé, o qual residia então em Roma, e naquella Curia agenciava negocios deste Reyno, de summa importancia; e talvez por não os ter plenamente conseguido, o deixou ElRey demorar na mesma Curia, até os completar, e proveo em Dom Agostinho o emprego de Reitor, em que o dito Frei Bernardo lhe succedeo...” (F. L. Ferreira, *Noticias*, 113). Foi reitor da Universidade de Coimbra entre 1541-1543.

¹⁴⁸ “...ElRey (...) foy a Villa-Viçosa (...): o Duque o veyo esperar ao caminho pouco mais de meya legoa, acompanhado de D. Jayme, D. Constantino seus Irmãos ...” (D. A. Caetano de Sousa, *História Genealogica*, t. VI, 10).

¹⁴⁹ Alusão à libré da Casa de Bragança, azul e amarela.

¹⁵⁰ Etíopes = Africanos.

¹⁵¹ Como se sabe, Ceuta estava, desde 1415, sob o domínio dos Portugueses.

Eram os cavalos árabes muito velozes (cf. puros-sangue árabes que são ainda hoje cavalos afamados), por contraste com os cavalos europeus, menos rápidos e mais resistentes. Esta diferença reflectia-se no armamento mais ligeiro dos Árabes e mais pesado dos Europeus.

¹⁵² A ideia de que D. João III não se fazia acompanhar de guardas, ao contrário de outros reis, é expressa por autores coevos de Manuel da Costa,

como João de Barros, no “Panegírico de D. João III” (cf. J. de Barros, *Panegíricos*. Texto restituído, prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa (Lisboa 1937) 62-64).

¹⁵³ Era normal que o pai dos deuses se despojasse dos seus atributos divinos e até se metamorfoseasse para contactar com os mortais. Assim fez quando veio ter com Alcmena.

Do mesmo modo o rei D. João III, com toda a simplicidade, se misturara com o povo, rodeado de uma ilustre comitiva.

¹⁵⁴ O infante D. Afonso (1509-1540), irmão de D. João III. Foi elevado ao cardinalato por bula do papa Leão X, datada de 1 de Julho de 1517, mas o barrete só lhe seria imposto em 1526.

¹⁵⁵ *Cardo, cardinis* significa, propriamente, o “gonzo” em torno do qual gira a porta. Do mesmo modo giram as pessoas em torno de uma figura eminente como um cardeal. Note-se o jogo de palavras.

¹⁵⁶ O infante D. Luís, “muito catholico Christão (...), emparo de religiosos, pobres viuvvas, & orphãos, (...) homem de meã estatura, louro & de bom parecer, bem disposto, & prazenteiro (...) bõ cortesam em todalas canas, touros, justas & torneos” (D. de Góis, *Chronica do serenissimo*, parte I, 271), bom guerreiro e de grande “prudencia nos conselhos da guerra” (F. de Andrada, *Cronica do muito poderoso*, parte IV, fol. 138), aqui exaltado através da comparação com Gradivo, um dos nomes de Marte, deus da guerra. Note-se a referência à intervenção de D. Luís na conquista de Tunes, em 1535, ao lado do imperador Carlos V, elogiado pelos seus grandes triunfos nos versos seguintes. Segundo F. de Andrada, foi este infante quem convenceu o imperador, hesitante após a vitória em Goleta, a passar a Tunes, a “não deixar tão honrada empreza...” (*ibidem*, parte III, fol. 22).

Granjearam os feitos de D. Luís a exaltação de outros humanistas, como João Fernandes, Aquiles Estaço (cf. C. A. André, “Luz e penumbra na literatura humanista dos Descobrimentos”, *Humanitas* XLIII-XLIV (Coimbra 1991-1992) 226).

¹⁵⁷ As águias da Casa da Áustria, insígnias de Carlos V.

¹⁵⁸ O infante D. Henrique (1512-1580), que em Dezembro de 1562 se encarregou da função de regente do reino, vestiu o hábito de clérigo aos 14 anos e foi prior comendatário de Santa Cruz de Coimbra, arcebispo de Braga, de Évora e de Lisboa, inquisidor geral de Portugal, cardeal, em 1545, cargo em que substituiu seu irmão D. Afonso, depois de este ter falecido; foi ainda legado apostólico.

¹⁵⁹ Referência a Simão Pedro, pescador que foi apóstolo de Jesus Cristo e a quem Este disse: “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja” (Mateus 16, 18). Os papas que se lhe seguiram e que continuam, ainda hoje, a missão apostólica de Pedro são os seus *pios successores*.

A referência elogiosa a D. Henrique vai ao ponto de se pôr a hipótese de que ele seria um Sumo Pontífice do agrado de S. Pedro.

¹⁶⁰ Note-se o oximoro.

¹⁶¹ Lúcifer, a estrela que anuncia a manhã, e Vesper, a estrela da noite, normalmente descritas como entidades diferentes, não são mais do que o planeta Vénus.

¹⁶² Antiga cidade de Chipre, onde se prestava culto a Vénus, deusa a quem era consagrada a murta (cf. *supra*, nota 118).

¹⁶³ Génios da natureza ligados ao culto dionisiaco, perseguiram as Driades com a sua lascívia (cf. P. Grimal, *Dicionário*, s. v. Sátiros, 413).

¹⁶⁴ D. António de Ataíde, I conde de Castanheira, a quem o poeta elogia, foi “Védor da Fazenda delRey D. João III e do seu Conselho, e seu valido, varaõ grande, em quem concorreraõ excellentes partes, com admiravel talento, prudencia, e desinteresse...” (D. A. Caetano de Sousa, *História Genealogica*, t. XII, parte I, 41).

Embora não tenhamos encontrado qualquer referência a uma participação sua na preparação de uma armada para a Índia, é possível que isso tenha acontecido, já que ele fazia parte da administração real e que “Neste anno de DXXXVII partio deste Reino hua armada de cinco naos, que ião para trazer a carga de especiaria...” (J. de Barros, *Ásia*, Déc. IV, 528).

¹⁶⁵ D. Fernando Meneses Coutinho e Vasconcelos. Filho dos primeiros condes de Penela, “... foy douto, bem instruido, singular politico, estimado dos Reys (...) generoso(...). Foy nomeado Bispo de Lamego, de que lhe passou Bulla o Papa Leão X. ElRey D. Manoel o nomeou seu Capellaõ mór (...). Vagou o Arcebispado de Lisboa pelo Infante Cardeal D. Affonso, e lhe succedeo nelle o Bispo Dom Fernando...” (D. A. Caetano de Sousa, *História Genealogica*, t. XII, parte I, liv. XII, cap. VI, 73-74).

¹⁶⁶ D. Fernando de Noronha, III senhor do Vimeeiro, neto do I duque de Bragança, D. Afonso, e bisneto do rei D. João I. “Era (...) ornado de excellentes virtudes, de sorte, que sobre a sua esclarecida pessoa brilhava o respeito: assim foy escolhido para Mordomo mór da Rainha Dona Catharina (...): exercitou este grande lugar até que faleceo a 9 de Janeiro de 1552” (D. A. Caetano de Sousa, *História Genealogica*, t. IX, 326). Era pai de D. Francisco de Faro, IV senhor do Vimeeiro.

¹⁶⁷ Talvez Pêro de Alcáçova Carneiro, secretário e confidente de D. João III.

¹⁶⁸ Quando o rei entrou em Vila Viçosa com a sua comitiva, “...o Castello o salvou com toda a artilharia, e começaraõ a repicar os sinos” (D. A. Caetano de Sousa, *História Genealogica*, t. VI, 9).

¹⁶⁹ Os vv. 500-501 apresentam semelhanças com um passo de Virgílio ao qual recorreu também Camões (cf. *Os Lusíadas* 4, est. 28), como já

devidamente notou e comentou A. C. Ramalho, “Aspectos do Humanismo” 151-154:

*Audiit et Triuiaae longe lacus, audiit amnis
Sulphurea Nar albus aqua fontesque Velini,
Et trepidae matres pressere ad pectora natos.*
(Virgílio, *Eneida* 7. 516-518)

¹⁷⁰ Flegra, país da Macedónia, mais tarde Palene, serviu de cenário, segundo a lenda, à luta dos Gigantes, filhos da Terra e do sangue brotado da ferida de Urano (cf. Hesíodo, *Teogonia*, 178 sqq.), com os deuses olímpicos. Aqueles, com o propósito de destronar Júpiter, escalaram o céu, colocando montes uns sobre os outros, mas foram vencidos e dizimados (cf. P. Grimal, *Dicionário*, s. v. Gigantes, 184-185).

A expressão *Phlegraea tumultus* aparece em Propércio 2, 1, 39, bem como uma breve referência à gigantomaquia.

¹⁷¹ Actualmente, existe em Vila Viçosa a Fonte Pequena, muito próxima do Palácio Ducal. Perto desta encontra-se a Fonte Grande, à qual se referirá eventualmente o poeta nos versos 514 sqq.

¹⁷² Um dos nomes dados a Baco.

¹⁷³ Alusão à Sibila de Cumas, sacerdotisa de Apolo, que viveu uma infinidade de anos. Expressões semelhantes às dos vv. 518-519 encontram-se em Estácio, *Siluae* I. 4, 125 sqq.:

... *Tu Troica dignus* 125
saecula et Euboici transcendere pulueris annos
Nestoreosque situs.

Também a longevidade de Nestor ficou conhecida.

Assim é formulado um voto de longa vida para o duque.

¹⁷⁴ D. Isabel, rainha de Espanha pelo seu casamento, em 1525, com o rei de Espanha e imperador da Alemanha, Carlos V. Filha do rei português D. Manuel e da rainha D. Maria, era cunhada da noiva. Foi mãe do rei Filipe II de Espanha.

¹⁷⁵ César, modelo clássico de imperador dotado de virtudes que poetas do Renascimento pretendiam enaltecer, renasce aqui, com Manuel da Costa, sob a figura de Carlos V.

¹⁷⁶ Alusão, numa linguagem metafórica, à morte do duque D. Jaime.

¹⁷⁷ O divino Prometeu roubara o fogo aos deuses para o dar aos homens, pelo que Júpiter o punira (cf. Hesíodo, *Teogonia*, 565 sqq., Ésquilo, *Prometeu Agrilhoado*, *passim*).

Nestes versos, o autor estará a referir-se à cor e brilho dos olhos da princesa. Os olhos claros e os cabelos louros constituíam o ideal de beleza feminina do Renascimento.

¹⁷⁸ À semelhança de Hermes, mensageiro aos homens da vontade dos deuses (cf. Camões, *Os Lusíadas* 2, est. 56-64, onde aquele deus aparece em

sonhos a Vasco da Gama e o aconselha a partir de Mombaça, preparando-lhe entretanto uma calorosa recepção em Melinde), também um sacerdote é, na tradição cristã, um mediador entre Deus e os homens.

¹⁷⁹ Alusão ao facto de Júpiter, disfarçado de Anfitrião, ter prolongado a noite, em Tebas, para poder estar mais tempo com Alcmena, esposa de Anfitrião (cf. Plauto, *Anfitrião*); aqui, ao contrário, a noite é encurtada pelo aparecimento da luz que dá alegria à festa.

¹⁸⁰ O galo, animal em que Marte transformara Aléctrion, seu favorecido, por ele ter deixado que surpreendessem os amores daquele deus com Vénus.

¹⁸¹ Como sabemos, o galo anuncia o alvorecer.

¹⁸² Podemos assemelhar a crista do galo, que lhe dá um aspecto real, ao capacete militar com plumas usado por Dario, rei dos Persas (note-se que a própria palavra latina *crista* pode significar ‘capacete militar’ e também ‘crista’).

Sublinhemos ainda que, entre as virtudes que o galo simboliza (cf. J. Chevalier e A. Gheerbrant, *Dicionário dos Símbolos*. Trad. de C. Rodriguez e de A. Guerra (Lisboa 1994) s. v. galo, 344-345), é possível encontrar outras semelhanças com Dario: “...as virtudes militares, pela postura das esporas; a coragem, devido ao seu comportamento em combate...” (*idem, ibidem*).

¹⁸³ Traduzimos *cristatum* por ‘encrespada’ porque o verbo “encristar-se”, em português, tem também o sentido de “encrespar-se”. Note-se a superiorização do galo em relação ao próprio rei dos animais.

¹⁸⁴ Alusão aos capões, que se desenvolvem mais que os simples galos. É famosa a sua carne tenra e saborosa, mas não o canto, dado que, se bem capados, eles não cantam.

¹⁸⁵ Não encontramos qualquer alusão ao facto que o texto refere nas obras dos autores que consultámos (nomeadamente em Virgílio e em Erasmo).

¹⁸⁶ Os pavões.

¹⁸⁷ Procurámos uma alusão à proibição a que o texto de Manuel da Costa faz referência, nomeadamente em Plutarco, em Erasmo, em algumas obras sobre Alexandre Magno e também em obras de mitologia, mas nada conseguimos encontrar.

¹⁸⁸ Possivelmente, uma das lagoas de Mira.

¹⁸⁹ Cf. tradição de que o cisne, antes de morrer, entoa o mais belo canto de sempre.

¹⁹⁰ Alusão ao jovem Perdiz, sobrinho de Dédalo, o célebre construtor do labirinto de Creta. Este, invejoso pelas invenções daquele - a serra, o compasso, a roda do oleiro -, precipitou-o do alto da cidade de Atena, Atenas. Mas a deusa, compadecida, transformou-o em perdiz (cf. Ovídio, *Metamorfoses* VIII, 236-259), uma das aves que constava da ementa das bodas de D. Duarte e de D. Isabel.

¹⁹¹ As pombas, símbolo da pureza. Entendemos a afirmação de que elas impedem Vénus se considerarmos a oposição pureza/ amor carnal. “Pode dizer-se que ela <a pomba> representa a sublimação do instinto e, especificamente, do eros” (cf. J. Chevalier, *Dicionário dos Símbolos* 533).

Quis Vénus que lhe fossem consagradas estas aves para honrar a ninfa Perístera, que ajudara a deusa a vencer uma aposta que ela fizera com Cupido, sobre qual dos dois colheria mais flores durante uma hora. Cupido, para se vingar de Perístera, transformou-a em pomba (cf. P. Grimal, *Dicionário*, s. v. Perístera, 369).

¹⁹² Astéria, irmã de Latona: para fugir a Zeus, que dela se enamorara, transforma-se em codorniz e lança-se ao mar, onde se torna uma ilha: a ilha Ortígia (‘Ilha das Codornizes’), mais tarde Delos (cf. *supra*, nota 125 e P. Grimal, *Dicionário*, s. v. Astéria, 50).

¹⁹³ O ganso. “... em Roma, os gansos sagrados, que eram criados em volta do templo da deusa Juno, tinham como que uma missão de *avisadores*; consideravam-nos capazes de pressentir o perigo e de dar o alarme. Distinguiram-se, nomeadamente, em 390 a. C., dando gritos quando os Gauleses tentaram, certa noite, tomar de assalto o Capitólio” (J. Chevalier, *Dicionário dos Símbolos*, 346).

¹⁹⁴ Em Plínio, *História Natural* 8, 217-218, encontrámos o seguinte passo:

Leporum generis sunt et quos Hispania cunicullos appellat, fecunditatis innumerae, famemque Biliarum insulis, populatis messibus, adferentis. (...) Certum est Biliaricos aduersus prouentum eorum auxilium militare a Diuo Augusto petisse.

A leitura deste excerto leva-nos a crer, de imediato, que os animais a que se refere o texto de Manuel da Costa são os coelhos. Notemos no entanto que a descrição do poeta acrescenta o facto de o animal ser hostil a Vénus e de possuir dentes ferozes para travar combates. Além de considerarmos o coelho um animal inofensivo, não encontrámos qualquer referência a uma hostilidade entre ele e Vénus (aliás, aquele animal procria bastante). Pensamos pois que o texto se refere talvez ao javali, hostil a Vénus por ter morto Adónis (cf. *supra*, nota 119) e, de facto, um animal feroz.

¹⁹⁵ Elogio da beleza de D. Jaime, irmão de D. Teodósio, pela comparação com uma figura mitológica a quem supera, Ganímedes. Este belo jovem despertou o amor de Júpiter, que o fez subir ao Olimpo, encarregando-o de ser o copeiro dos deuses (cf. Ovídio, *Metamorfoses* X, 143-161).

¹⁹⁶ D. Francisco de Sá de Meneses, natural do Porto, I conde de Matosinhos, era filho de João Rodrigues de Sá de Meneses. “Em os primeiros crepusculos da idade era tal a prudencia do juizo, e gravidade do aspecto com que se distinguia de todos os Fidalgos, que frequentavaõ o Palacio delRey D. Joaõ o III que o elegeo este Monarcha para Criado do Principe D. Joaõ

seu filho...” (D. Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, t. II, 248). Era inclinado à poesia. Foi nomeado governador do reino quando D. Sebastião partiu para África.

Note-se, neste passo, o tópic do *puer senex* (sobre este assunto, cf. E. R. Curtius, *Literatura Europea*, 149-153).

¹⁹⁷ D. Filipe Lobo, filho dos segundos barões de Alvito, foi trinchante de D. João III. “Foy (...) Embaixador em Roma ao Papa Clemente VII. Havia servido em Africa nas Praças de Arzila e Tangere. Morreo na Mina sendo Governador” (D. A. Caetano de Sousa, *História Genealogica*, t. XII, parte I, 200). Era descendente de D. Pedro Pais Lobo, que veio “...de Galiza a Portugal (...) acompanhando a Raynha D. Mecia Lopes de Haro que veyo casar com o Rey D. Sancho e era Pr^o da m.ma Raynha e elRey o estimou como tal.” (Felgueiras Gayo, *Nobiliário de famílias de Portugal* (impressão diplomática do original manuscrito existente na Santa Casa da Misericórdia de Barcelos), t. XVII (Braga 1940) 149).

¹⁹⁸ D. Mécia Lopes de Haro, que casou com o rei D. Sancho II de Portugal.

¹⁹⁹ Rui Lourenço de Távora que “...no ano de 1538 passou à Índia por Capitão de hum Navio da Armada daquelle anno, despachado com a Capitania da Fortaleza de Baçaím, em que logo entrou: porém antes de ter acabado o seu tempo voltou para o reyno no anno de 1540, e foy trinchante dos Reys D. Joaõ III e D. Sebastião...” (D. A. Caetano de Sousa, *História Genealogica*, t. XII, parte I, 47).

²⁰⁰ Andócides, orador ateniense do século V, acusado de impiedade por ter tomado parte na mutilação das estátuas de Hermes e na profanação dos mistérios de Eléusis, escreveu alguns discursos. Entre aqueles que foram conservados e que chegaram até nós, não encontramos qualquer referência aos preceitos de que fala o texto de Manuel da Costa (cf. Andocide, *Discours. Texte établi et traduit par G. Dalmeyda* (Paris 1930)).

²⁰¹ Alexandre Magno (356-323 a. C.), fundador do reino da Macedónia. Segue-se uma alusão ao facto de ele, bebendo demais num jantar, ter mandado matar, sob o efeito do vinho, Clito, seu amigo, como conta Plutarco, *Vidas, Alexandre-César*, 693d-694c.

²⁰² Não conseguimos traduzir com sentido os vv. 645-646 do texto da primeira edição (*gelidis cicutis* é o segundo termo de comparação; necessita de um comparativo que não aparece no texto de 1552 e que os editores do *Corpus* arranjaram no vocábulo *plus*), pelo que seguimos o texto corrigido do *Corpus*.

²⁰³ Manuel da Costa alude neste verso ao aedo homérico Demódoco que canta, na *Odisseia*, os feitos heróicos de Ulisses (cf. *Odisseia* 8).

²⁰⁴ Alusão a Virgílio, nascido em Andes, aldeia próxima de Mântua.

²⁰⁵ D. Afonso Henriques, filho do conde D. Henrique e de D. Teresa, e primeiro rei português. Segue-se uma alusão à vitória da sua hoste contra os Mouros, na Batalha de Ourique, em 1139 (cf. D. Galvão, *Crónica delrey Dom Afonso Henriques*, cap. XIII (Lisboa 1918)). Revestiu-se o triunfo de uma auréola miraculosa: Cristo, antes da Batalha, aparece a D. Afonso na Cruz (com a qual redimira o pecado de Adão), e incita-o, em nome da fé, a combater os Mouros. Deu esta vitória o motivo para os símbolos da bandeira portuguesa: os trinta dinheiros de Judas, o traidor de Jesus, nas cinco quinças que correspondem aos cinco reis mouros vencidos (Ismar e “...quatro rreios outros, cujos nomes nam achamos escriptos...” - D. Galvão, *ibidem*, 50) e simbolizam as chagas de Cristo. Sobre a descrição da Batalha de Ourique e a explicação da bandeira portuguesa, cf. Camões, *Os Lusíadas* 3, est. 42 sqq.

²⁰⁶ Para os autores da Antiguidade Clássica, o Tártaro era sinónimo dos Infernos, lugar de suplícios, onde reinava Orco, uma outra designação para Plutão (note-se entretanto que nos Poemas Homéricos e em Hesíodo o Tártaro surge sob os próprios Infernos - cf. *Iliada* 8. 13 sq., Hesíodo, *Teogonia.*, 119 sq., 722 sq., 820 sq.).

Retomaram os humanistas estes termos, misturando-os com os da tradição cristã, numa simbiose que caracteriza a escrita renascentista (cf. N. C. Soares, *Diogo de Teive* 166, n. 16 e 18).

²⁰⁷ Referência à cidade de Lisboa (cf. Camões, *Os Lusíadas* 4. est. 84: “ínlita Ulisseia”), cuja origem lendária está ligada ao nome de Ulisses, o célebre herói grego cantado já pela épica e mítico fundador da capital portuguesa. Diz Frei Bernardo de Brito em *Monarquia Lusitana* (Lisboa 1973), liv. I, cap. XXII, f. 66: “...concluyo Vlysses breuemente sua pouoação, dando-lhe (...) seu proprio nome, do qual se chamou Vlyssea, ou como lhe chama Plinio Olyssippo”.

D. Afonso Henriques tomou a cidade de Lisboa em Outubro de 1147, depois de a ter cercado durante cinco meses, “...por a çidade ser muy forte de sito e çerqua, e estarem demtro mujtos mouros que a muy bem deffendiam” (D. Galvão, *Crónica delrey Dom Afonso*, 121).

²⁰⁸ A expressão *geminos Reges* alude, possivelmente, a D. Afonso VII de Leão que, depois de várias lutas, viria a reconhecer D. Afonso Henriques como rei de Portugal, em 1143, e a algum dos reis mouros que o primeiro rei português vencera.

²⁰⁹ D. Afonso Henriques “...toma uma posição política oposta à de D. Teresa, seguindo D. Urraca contra o partido dos Travas, que sua mãe apoiava” (J. Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. I (Lisboa 1971) 38). Esta oposição virá a culminar na Batalha de S. Mamede (24 de Julho de 1128), na qual D. Afonso Henriques vence sua mãe, D. Teresa, e os seus partidários.

²¹⁰ A Universidade de Coimbra, que funcionou também em Santa Cruz.

²¹¹ A mais antiga referência ao epitáfio de D. Afonso Henriques encontra-se em transcrição latina e tradução portuguesa tanto na *Crónica delrey Dom Afonso Henriques* de D. Galvão, como na *Monarquia Lusitana* de Frei António Brandão. Outros autores transcreveram depois o mesmo epigrama, nomeadamente D. Frei Timóteo dos Mártires (1650) e Borges de Figueiredo (1886).

O texto latino começava com o seguinte dístico elegíaco:

Alter Alexander iacet, aut Iulius alter

Belliger inuictus, splendidus orbis honor.

Cf. J. G. Freire, “Epitáfios Latinos (em verso e prosa) no Túmulo de D. Afonso Henriques, em Coimbra”, *Clássica - Boletim de Pedagogia e Cultura* - 20 (1994) 255-264.

²¹² Alusão à Batalha de Aljubarrota (14 de Agosto de 1385): de um lado, o exército imenso do rei D. João I de Castela; do outro, o de D. João I de Portugal (1357-1433) e de Nuno Álvares Pereira. Sai vitoriosa a hoste portuguesa, consagrando este triunfo a independência de Portugal, assegurada pelo tratado com Castela, em 1411 (cf. descrição da Batalha em Camões, *Os Lusíadas* 4, est. 28 sqq., e em Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, parte II, cap. XLI (Porto 1983), seguida do relato da fuga do rei de Castela, no capítulo XLII).

²¹³ Recorremos de novo ao texto emendado do *Corpus*, no v. 686: substituímos o termo *loco* por *albo*, palavra esta que está de acordo com a métrica do verso.

²¹⁴ D. João I mandou construir o Mosteiro da Batalha, onde jaz, juntamente com outros membros da Casa Real Portuguesa, nomeadamente sua esposa, D. Filipa de Lencastre, e também o rei D. João II.

²¹⁵ A Casa de Bragança, como referimos já, tem raízes na Casa Real. D. Afonso (1370-1461), I duque de Bragança, é filho de D. João I; casa com D. Beatriz, filha de D. Nuno Álvares Pereira; deste casamento nasce D. Fernando (1403-1478), que terá um filho do mesmo nome, o III duque de Bragança (1430-1483), condenado à morte pelo rei D. João II, cuja política interna se pautou pelo enfraquecimento do poder das casas nobres do reino. “Como o III duque, D. Fernando, tivesse recusado a prestação da fórmula de menagem nas Cortes de Évora de 1481, o monarca julgou encontrar a linha de uma conjura urdida pelo duque, aliado aos Reis Católicos, no intuito de o depor. Tanto bastou para que D. João II definisse o caso de atentado à realeza e condenasse o duque, em 20 de Abril de 1483, mandando-o sentenciar na praça de Évora, em 28 de Agosto, seguindo-se a confiscação de todos os bens e domínios da casa ducal” (J. Serrão, *Dicionário de História*, vol. II, 612).

Mais sorte que o pai teria D. Jaime, IV duque de Bragança. O rei D. Manuel I, seu tio, concedeu aos membros da Casa de Bragança, exilados em Espanha após a morte do III duque, D. Fernando, que voltassem ao reino,

restituindo-lhes os seus bens e chegando mesmo a eleger D. Jaime como herdeiro presuntivo do trono português (D. Jaime seria entretanto afastado pelo nascimento do príncipe D. João).

²¹⁶ Nuno Álvares Pereira (1360-1431), pelo seu valor, eleito Condestável do reino lusitano. Empenhou-se fortemente nas lutas pela independência de Portugal, combatendo corajosamente ao lado daquele que se tornou então o rei D. João I de Portugal. "...foi grande e forte, e segundo braço da deffensom do reino, (...) de honesta vida e homrrosos feitos (...). Seus geitos e deffesa na guerra mostravõ tall autoridade (...) que ca huu se despoinha a cumprir todos seus preçeptos..." (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, parte I, 373-374).

Como devidamente notou e comentou A. C. Ramalho, "Aspectos do Humanismo", o v. 696 encontra paralelo em Énio, *Annales*, XII, referindo-se aí a Quinto Fábio Máximo, o *Cuntactor* que levou Aníbal à derrota. Em Virgílio, cf. *Eneida* 6. 846:

Vnus qui nobis cunctando restituis rem.

²¹⁷ O sangue de D. Nuno Álvares Pereira corria na Casa de Bragança através de sua filha, D. Beatriz, esposa de D. Afonso, I duque de Bragança, e fluiria também na Casa de Vila Real pelo casamento de D. Pedro de Meneses, III conde e I marquês de Vila Real, com D. Beatriz, irmã de D. Fernando, III duque de Bragança.

²¹⁸ De novo a comparação com figuras lendárias e históricas da Antiguidade Clássica para elogiar os contemporâneos, desta feita, Nuno Álvares Pereira, hábil na guerra e corajoso, confrontado com dois valentes guerreiros: Ajax, herói homérico cantado na *Iliada*, um dos chefes que conduz os Gregos à vitória sobre Tróia, e Camilo, sob cujo comando os Romanos conquistaram a cidade de Veios, em 396 a. C., e Roma foi salva dos Gauleses, em 390 a. C.

²¹⁹ O canto de Homero, poeta nascido, segundo algumas versões, na Meónia, na Ásia Menor.

²²⁰ D. Fernando, III duque de Bragança, condenado à morte por D. João II (sobre a sua morte, cf. *supra*, nota 215), e D. Diogo, IV duque de Viseu, primo e cunhado de D. João II, a cuja política de centralização se mostrou desfavorável. Perdoou-lhe o rei quando soube da sua participação na conjura do III duque de Bragança. Porém, D. Diogo, "...feito chefe dos descontentes, resolveu preparar uma nova conjura para assassinar D. João II e o príncipe herdeiro, o que lhe permitiria depois subir ao trono. (...)...mas o monarca teve conhecimento (...) e resolveu inverter a situação, mandando chamar o cunhado ao Castelo de Palmela e aí mesmo o apunhalando, em 28 de Agosto de 1484" (J. Serrão, *Dicionário de História*, t. I, 823).

²²¹ Alusão ao significado hebraico do nome: 'Deus conosco'.

²²² Referência à expulsão de Portugal dos Judeus e dos Mouros: segundo um decreto de 1496, “...nam tão sômente se assentou no conselho que hos Iudeus se fossem do regno, (...) mas tambem hos mouros (...), pera ho que lhes el Rei limitou logo a todos tempo certo, & nomeou portos seus de seus regnos pera suas embarcações” (D. de Góis, *Chronica do Serenissimo*, parte I, 33).

²²³ Como é sabido, Vasco da Gama comandou a armada portuguesa que em 1497 partiu de Lisboa para a Índia, terra do rio Ganges (cf. descrição da partida em Camões, *Os Lusíadas* 4, est. 84 sqq.). “No tempo em que se faziõ prestes estas naos teue el Rei conselho sobre quem mandaria por capitaõ dellas, & assentou, que fosse Vasquo da Gama, fidalgo de sua casa, natural da villa de Sines, (...) & lhe deu ha capitania dellas, com palauras de muita confiança...” (D. de Góis, *Chronica do Serenissimo*, parte I, 43-44).

²²⁴ A Ursa Menor, constelação da qual faz parte a Estrela Polar que, como se sabe, indica o Norte, sendo por isso utilizada para orientação.

²²⁵ *Hippotades, ae* - note-se a construção, no texto, como se se tratasse de uma flexão não de tema em -a, mas em consoante.

Hipótada (cf. *Os Lusíadas* 6, est. 37, onde é denominado Hipótades), ou Éolo é o guarda dos ventos, que viviam numa caverna subterrânea.

²²⁶ Anfítrite, filha de Nereu e de Dóris e deusa do mar, envia presentes soberbos à rainha D. Maria (1482-1517), filha dos Reis Católicos e segunda esposa de D. Manuel I, mulher “...mui honesta em todas suas praticas, (...) muito caridosa, (...) mui continua em suas oraçoens, & deuoçoens, cosia, & lauraua (...) castigaua o Principe, & Infantes seus filhos quando o mereciam, (...) aos quaes todos sempre mostrou igual amor, (...) foi sempre muito bem casada...” (D. de Góis, *Chronica do Serenissimo*, parte IV, 436).

²²⁷ Referência à elevação a constelação da nau Argos que conduziu Jasão e outros heróis à Cólquida, onde foram conquistar o velo de ouro. Através da comparação com esta nau, note-se o elogio da nau S. Gabriel que levou às terras da Índia Vasco da Gama e alguns “barões assinalados” (Camões, *Os Lusíadas* 1, est. 1), onde chegaram em 1498: também a S. Gabriel é digna de se tornar uma constelação!

²²⁸ Sobre as conquistas, (re)construções, medidas internas de governação do rei D. Manuel I, cf. D. de Góis, *Chronica do Serenissimo*, parte IV, capt. LXXXV e LXXXVI.

²²⁹ A ideia de que no reinado de D. João III voltam à terra os agradáveis séculos em que Saturno reinava, tempo de paz, de fecundidade, de felicidade, surge, com uma expressão que se assemelha à do verso 754, em Diogo de Teive, *Tragédia*, v. 202:

Saturni aurea saecula redeunt
(cf. também Virgílio, *Bucólicas* IV, 6).

²³⁰ À semelhança de Timantes, célebre pintor grego do século IV a. C., autor do quadro “O sacrifício de Ifigénia”, onde velou a figura de Agamémnon por não conseguir imprimir-lhe os sinais de dor que desejava, assim também Demódoco, não se sentindo digno para cantar um rei tão ilustre como D. João III, apenas a ele alude.

²³¹ Os noivos são ambos descendentes do rei D. Duarte, que teve por filho o infante D. Fernando (1433-1470); deste nasceu o rei D. Manuel, pai do noivo, e D. Isabel, mãe do duque D. Jaime e avó da noiva.

²³² D. Duarte (1541-1576), filho póstumo do infante D. Duarte e de D. Isabel, era “...Condestabre destes Regnos, & Duque de Guimarães...” (D. de Góis, *Chronica do Serenissimo*, parte III, 351).

Creemos que são da invenção de Manuel da Costa, com intuito laudatório, os feitos de D. Duarte no reinado ainda de D. João III, seu tio - de facto, não encontramos qualquer alusão a tais proezas quando ele era ainda de tenra idade (lembramos que a primeira edição deste poema data de 1552). No entanto, D. Duarte seguirá de perto D. Sebastião (cf. Q. Veloso, *D. Sebastião: 1554-1578* (Lisboa 1935)), filho póstumo do príncipe João e da princesa Joana, acompanhando-o nomeadamente na sua primeira jornada a África, em 1574. Não o seguiria já a Alcácer Quibir, em 1578, porque falece antes, em 1576.

²³³ No adjectivo *lageus*, uma alusão aos Lágidas, dinastia dos Ptolomeus que governou o Egipto de 306 a 30 a. C..

²³⁴ Alusão às bodas da deusa Tétis e do herói Peleu. Serviu o vale de Tempe, na Tessália, de cenário ao casamento de Tétis (*Thetis*), filha de Nereu e de Dóris, com Peleu, filho de Éaco, rei dos Mirmidões, e de Endeis. Era Peleu um argonauta que, a caminho da Cólquida em busca do velo de ouro, se tomou de amores pela nereide Tétis. Sobre este casamento, cf. Catulo, *Carmina* 64.

O esplendor da boda de D. Duarte com D. Isabel só encontra assim paralelo em núpcias presididas pelo pai dos deuses.

²³⁵ Cf. Catulo, *Carmina* 64, 299-302, onde o poeta diz que somente Febo e sua irmã, Diana, não acompanham os restantes deuses à Tessália para celebrar o casamento de Tétis e de Peleu. Aí, são as Parcas que anunciam a Peleu e a Tétis a sua progénie futura, o herói grego Aquiles (cf. vv. 338 sqq.), guerreiro valente cantado na *Iliada*. Dele se diz no canto XVIII, vv. 228-229 daquela obra:

“Três vezes sobre o valado soltou o seu grito ingente o divino Aquiles e três vezes se arrecearam os Troianos e os seus ilustres aliados”.

(trad. de M. H. da Rocha Pereira., *Hélade*, 34)

²³⁶ Uma das nove Musas, à qual foi atribuída a função de inspiradora da poesia lírica (em particular, da poesia de temática amorosa).

²³⁷ Manuel da Costa refere, nestes versos, o facto de, por uns momentos, ter abandonado o Direito para se dedicar à poesia.

²³⁸ Note-se neste passo o tópico da imortalização, pela poesia, das pessoas celebradas e do próprio poeta (sobre este assunto, cf. E. R. Curtius, *Literatura Europea*, t. II, 669-671).

²³⁹ Frei Jerónimo de Azambuja, doutorado em Teologia, foi chamado para a Inquisição de Lisboa em 1555.

²⁴⁰ Licença de impressão.

Epitalâmio do príncipe João e da princesa Joana

**AD IOANNEM ET IOANNAM,
PRINCIPES LVSITANIAE SERENISSIMOS,
PROTEVS**

*Est in Carpathiis scopulus late arduus undis,
Nota senis Protei sedes, de uertice cuius
Prospicit egressas uicina ad littora phocas,
Reddit et ambiguus diuina oracula rebus.*

Hic illum (sic fama refert) uidere puellae 5
*Nereides similem attonito atque immota tenentem
Lumina; formosae quem candida filia Costae,
Iana, potens cantu morientes uincere cygnos,
Aggreditur: Venerande senex, qui pectore in isto
Transacta, et quae sunt, uenturasque saecla recondis:* 10
*Cum nuper Cyprias legeremus in aequore conchas,
Diuitiis onerata maris fastuque superbo,
Visa Venus sulcare fretum. Cum matre Cupido
Ibat ouans, duplici telo spectabilis aureo:
Frenatos supplere uicem delphinas olorum* 15
*Cernere erat. Veneris famulas immania terga
Balaenae ac solito maiorem Hymenaea uehebant.
Aligeri nando uariis in piscibus ibant
Ludentes circum pueri, qui tempora myrto
Velati, dederant collo pendere pharetras.* 20
*Quin etiam Neptunus equis per caerula uectus
Dicitur Oceanum, ac Phoebi petiisse cadentis
Littora, praemissumque ferunt Tritona canorum,
Qui totum inflata concha circumsonet aequor
Diuinas taedas et felices Hymenaeos.* 25
*Dic igitur, quinam Sponsi, quo sanguine creti,
Quoue loco tanti thalami celebrentur honores?
Hic etenim nos cura tuae mandata senectae
Detinuit, festas licuit neque cernere pompas.*

Tunc Proteus: Gemini flores, decora inclita mundi, 30
Ioannes, Ioanna, ambo de sanguine eodem

*In nuptiis Ioannis, et Ioannae Lusitaniae Principum carmen
CIPL.*

‘Proteu, a João e Joana, sereníssimos príncipes da Lusitânia.

Há nas águas dos Cárpatos²⁴¹ um rochedo muito íngreme, conhecida morada do velho Proteu, de cujos píncaros ele observa as focas que saem para as costas vizinhas e profere oráculos divinos com palavras ambíguas²⁴². Aqui o viram, segundo é fama, as jovens Nereides, com um ar atônito e de olhos fixos; a ele se dirige a branca filha da formosa Costa, Jana²⁴³, capaz de vencer no canto os cisnes ao morrer:

«- Venerando ancião, que no teu peito guardas os séculos passados, presentes e futuros, quando há pouco juntávamos conchas no mar de Chipre foi vista Vénus a sulcar as ondas, carregada de riquezas do mar e com um aparato soberbo. Com a mãe ia o Cupido, ovante, resplandecente com as suas duas setas de ouro; era possível ver que delfins com freios ocupavam a vez dos cisnes. Dorsos imensos de baleia transportavam as servas de Vénus e um Himeneu maior do que o costume. Por entre diversas espécies de peixes nadavam em torno, brincalhões, meninos alados que, com a cabeça cingida de murta, tinham pendentes do pescoço as suas aljavas. E até se diz que Neptuno, transportado em seus cavalos pelas águas azuis, rumou ao Oceano e às costas de Febo cadente²⁴⁴, e contam que Tritão de voz canora foi enviado adiante para que, soprando na sua concha de ar, faça soar por todo o mar as divinas núpcias e o feliz himeneu²⁴⁵.

Diz-me pois quem são os noivos, de que sangue provêm, e em que lugar se celebram cerimónias de tão ilustre tálamo.

Na verdade, deteve-nos aqui o encargo que tínhamos de cuidar da tua velhice e não nos foi permitido observar o cortejo festivo».

Então Proteu responde:

«- São duas flores iguais, ínclita beleza do mundo, João e Joana, ambos jovens gerados do mesmo sangue e que

<i>Progeniti iuuenes, quorumque parentibus orbis Nil melius, nil maius habet: iunguntur in oris Occiduis, qua se uictrix Hispania magno Terminat Oceano. Sed enim de nomine Vlixes</i>	35
<i>Dicta urbs, Lusiadum ratibus quae cuncta subegit, Finibus a Libycis Orientis ad usque beati Ignotas terras, grandi molimine uires Explicat, ut digno, quem iuste ambiuit, honore Has possit celebrare faces. Per compita passim</i>	40
<i>Eduntur festis centum spectacula ludis: Mille coronatae ludunt ad littora puppes. Hic gens Lusiadum, qua nulla fidelior usquam, Obseruat Reges; hodie, quascumque parauit, Exultans profundit opes: et uestibus aurum Aptat, et elato bacata monilia collo.</i>	45
<i>Hic Castellani, pretioso uellere Serum Induti, laetas atollunt uertice cristas. Nec tantum affectus animi praediuite cultu Extremae Hesperiae certant ostendere gentes.</i>	50
<i>Ipsa etiam lasciuit humus: quam germine florum Vernantem, ut Tauri si cornua Sole calerent, Mirantur, nullosque imbres, atque aethera purum, Mutatasque uices anni: nam tempora ueris Laeta quis in pluuio uidit ridere Decembri?</i>	55
<i>Hanc demum, qua Ioanni Ioanna marito Tradenda est, niueo Lachesis de stamine lucem Ducit, et egregio condonat lumine Titan. Iam mire instructam nauim, quae caerula uerrit Auro intertexto, conscendit auunculus idem, Ioannaeque socer, Regum iustissimus omnium, Ioannes, Lusio induxit qui saecula regno Aurea, nunc hominum porro commercia taxat Legibus, ut ferreae pereant uestigia fraudis. Illum habitu insignem regali ipsaque uerendum Maiestate, tremor Libyae, uirtutibus ingens,</i>	60 65

têm como pais o maior e o melhor do universo. Casam-se nas plagas ocidentais, lá por onde a vitoriosa Hispânia²⁴⁶ termina no magno Oceano. Ora a cidade que recebeu de Ulisses o nome²⁴⁷, que com as naus dos Lusíadas tudo submete, desde as fronteiras da Líbia, até às terras desconhecidas do rico Oriente, aplica com grande empenho as suas forças para poder celebrar estas núpcias com a devida honra que com toda a justiça procurou obter. Pelas encruzilhadas, a cada passo, se celebram cem espectáculos com jogos festivos; mil popas ornadas oscilam junto à costa.

Agora o povo lusitano, o mais leal de todos quantos existem, põe os olhos nos <seus> reis. Hoje, exultante, prodigaliza as riquezas que adquiriu e põe ouro nas vestes e colares de pérolas no elevado colo.

Agora os Castelhanos, vestidos com o precioso velo da China, trazem alegres penachos na cabeça.

As gentes da extremidade da Hespéria não regateiam esforços para mostrar o seu enorme afecto com uma homenagem tão rica.

A própria terra também folgou. Admiram-se que reverdeça com o germinar de flores, como se os chifres do Touro²⁴⁸ aquecessem com o Sol, que não haja chuvas e que o céu esteja límpido, mudadas as estações do ano: na verdade, quem já viu sorrir no chuvoso Dezembro o alegre tempo de Primavera²⁴⁹?

Finalmente, esta luz na qual Joana deve ser confiada ao marido, Láquesis tece-a de níveo fio²⁵⁰ e Titã²⁵¹ presenteia-a com gloriosa luminosidade.

Já para a nau magnificamente equipada que arrasta sobre as águas pendões tecidos de ouro sobe quem simultaneamente é tio materno e sogro de Joana²⁵², o mais justo de todos os reis, João, que introduziu no reino de Luso²⁵³ a idade do ouro, pois julga os negócios dos homens segundo as leis, para que pereçam os vestígios da enganosa idade do ferro²⁵⁴.

Ao que embarca, distinto pela sua veste real e digno de respeito pela própria majestade, acompanham-no Luís²⁵⁵, temor da Líbia, notável pelas suas virtudes, sustentáculo

*Fraterni columen regni, Ludouicus, et omnes
 Hesperiae ante Duces uasta ditione, superbus
 Theodosius, proceresque alii comitantur euntem* 70
*Tendit in aduersam Barreri littoris oram,
 Alta serenato praetendens gaudia uultu,
 Ioannam ut nato secum deducat in urbem
 Ioanni. Pro quo sollemnia uerba mariti
 Concepit, rari Legati munere functus,* 75
*Tauorea de gente ducum Laurentius unus,
 Dilectus Musis, Tydeoque animosior armis.
 Virginis eiusdem merito custodia summa,
 Extremis patriae Castellae a finibus usque,
 Propter laudatas generosi Principis artes,
 Auerio est comissa Duci, de stirpe creato* 80
*Ioannis, quem fama uehit super astra, Secundi.
 Ducit et immensis Comes Arganilius illam
 Sumptibus, ad Mondam posita qui Praesul in urbe,
 Fulmineo tonat ore pius monituque potenti
 Terrenos animos rapit in penetralia Coeli.* 85
*Tollitur interea uentis mare, sibilat aura,
 Voluuntur cano spumantes uellere fluctus:
 Sed tamen ornatis tenuit cum classibus altum
 Ioannes; illi posuerunt flamina uenti* 90
*Actutum, et supplex iacuit sine murmure pontus.
 Tantum uni Zephyro permissum est leniter undas
 Pacati crispate maris. Ne singula narrem,
 Ecce triumphali uehitur super aequora pompa
 Cum socero, Caroli Quinti dignissima proles,* 95
*Ioanna. O qualem uultum, quae lumina cerno,
 Nereides, quantum Augusto decus emicat ore:
 Vt crines reuoluta aureos gemmisque coruscis
 Irradians, uenit in niuea pulcherrima ueste.
 Talem inter Nymphas Phaeacum in littore quondam
 Nausicaam, Alcinoos genitam, non uidit Vlixes.* 100
*Quid loquor? Aemonias pressit non talis arenas
 Nostra Thetis, Regi Peleo tradenda marito.*

do poder fraterno, e o magnífico Teodósio²⁵⁶ que, pela sua grande autoridade, antecede todos os nobres da Hespéria, para além de outras personagens eminentes.

Demonstrando uma alegria profunda no semblante sereno, [João] dirige-se para a região contrária às margens do Barreiro, a fim de conduzir para a cidade Joana, destinada a seu filho João²⁵⁷. Em nome deste, as solenes palavras de esposo, proferiu-as Lourenço²⁵⁸, incumbido do cargo de embaixador extraordinário, o primeiro dos magnates da estirpe dos Távoras, dilecto às Musas e mais destemido nas armas do que Tideu. 70 75

Atendendo às afamadas capacidades do nobre príncipe, foi com toda a razão que se confiou a guarda da donzela, desde as fronteiras da pátria castelhana, ao duque de Aveiro²⁵⁹, nascido da estirpe de João Segundo, que a fama eleva acima dos astros. Condu-la também com grande fausto o conde de Arganil²⁶⁰ que, bispo da cidade situada junto ao Mondego, faz devotas pregações com voz trovejante, e com eficazes conselhos arrebatava os espíritos terrenos para o interior dos céus. 80 85

Entretanto, encrespa-se o mar com os ventos, sibilam os ares, as ondas espumantes eriçam-se como um velo branco. Não obstante, com a sua bem equipada frota, João atingiu o rio profundo²⁶¹; logo o sopro do vento baixou em sua honra²⁶² e as águas suplicantes jazeram sem um murmúrio. Só ao Zéfiro foi permitido encrespar levemente as ondas do mar pacificado. 90

E para que eu não conte apenas pormenores, eis que Joana, digníssima filha de Carlos V, é transportada sobre as águas com o sogro, em cortejo triunfal²⁶³. Oh! Que semblante, que olhos eu vejo, Nereides, quanta beleza irradia da augusta face ao avançar, soltos os loiros cabelos e resplandecendo com brilhantes jóias, ataviada com um vestido branco de grande formosura! Ulisses, outrora, não viu tão bela Nausícaa, filha de Alcínoo, entre as Ninfas na costa dos Feaces. 95 100

Que mais hei-de dizer? A nossa Tétis, quando devia ser confiada ao marido, o rei Peleu, não pisou com tal garbo as areias da Tessália²⁶⁴.

*Cerno etiam quas unda Tagi, quas flumen Iberum,
 Quas aluit Baetis, specioso corpore Nymphas* 105
*Ioannae. Nimumque oculos deiecta refulget
 Syluia, quam pridem colit et facit ille colendam
 Syluius, Hispanis longe celeberrimus oris.
 Conspicuae filis bombycum et murice pinus
 Regalem stipant nauem. Non Aulide plures,
 Non sic compositas Danaï soluere carinas.* 110
*A puppi aspirant aurae uentusque secundus
 Aequatas tendit uelorum flatibus alas.
 Hic sese ostentant cymbae quae monstra profundi,
 Caesareasque aquilas, Castellanosque leones,
 Atque Indos referunt prono diademate Reges.* 115
*Tum uero innocuae Siculis de rupibus adsunt
 Sirenes, Caroli patris quae bella canendo
 Perstringunt: Ticini captiuum ad moenia Regem
 Gallorum, mox Caesarea uirtute solutum;
 Romam illam, rerum dominam, mundique potentem,* 120
*Auspiciis etiam inuiti parere coactam;
 Danubii ad ripas commisso Marte fugatum
 Turcarum Dominum immanem, dum Caesaris horret
 Fortunam, inuictumque animum, Hispanosque propinquos.* 125
*Addunt et captas superatis ciuibus urbes
 Ardentis Libyae, debellatosque rebelles
 Germanos, utque Hispanis tranantibus Albis
 Spumeus et leuibus uix nabilis ante carinis
 Cesserit, atque humiles aquilis instrauerit undas* 130
*Augusti, refugum uindex quo caederet hostem;
 Denique, ut assertum bello sic temperet orbem
 Maximus, ut titulos Magnorum excesserit omnes.
 Parte alia erumpit salsis Tagus altior undis
 Et Dominam agnoscit uenientem, aurumque tot annis*

106 colit B: coluit CIPL.

113 monstra profundi B: totoque profundo CIPL.

Vejo também as Ninfas de formoso corpo a quem alimentou a água do Tejo, o rio Ebro e o Bétis, as Ninfas de Joana²⁶⁵. E ainda que de olhos baixos, brilha 105
sobremodo Sílvia, à qual já há algum tempo honra e torna digna de ser honrada o famoso Sílvio, muito célebre nas costas da Hispânia²⁶⁶.

Vistosos navios com velas de seda e de púrpura escoltam a nave real. Não fizeram os Dânaos navegar das costas da Áulide mais barcos, nem tão ornamentados²⁶⁷. 110

Da popa sopram brisas e um vento favorável enche com o seu sopro os panos distendidos das velas.

Aqui se mostram botes que representam os prodígios do mar profundo, as águias de César²⁶⁸, os leões de Castela²⁶⁹ e os reis índios com os seus diademas inclinados por terra²⁷⁰. 115

Ora eis que de dentro de grutas sicilianas surgem inofensivas Sereias²⁷¹ que, através do canto, expõem com brevidade as guerras do pai Carlos: o rei dos Franceses²⁷², feito prisioneiro junto às muralhas de Ticino²⁷³ e pouco depois posto em liberdade pela virtude de César; a famosa Roma, senhora de tudo e soberana do mundo, obrigada também a obedecer ao arbítrio de quem, ao agir assim, o fazia constrangido²⁷⁴; e o cruel senhor dos Turcos²⁷⁵ que, em combate travado nas margens do Danúbio, se entregou à fuga, ao mesmo tempo que encara com horror a boa estrela e o ânimo invencível de César e a proximidade dos Espanhóis. E juntam ainda as cidades 125
que tomou na Líbia ardente, depois de derrotados os seus cidadãos, e os rebeldes germanos que venceu, de tal forma que o espumoso Elba, que antes dificilmente era navegável²⁷⁶, se deu por vencido diante de embarcações ligeiras e dos Espanhóis que o passavam a nado, e [ele] estendeu sobre as suas águas abatidas as águias de Augusto, a fim de destruir como vingador o inimigo que 130
fugia; a fim de, finalmente, como o maior, governar um mundo liberto da guerra, de maneira a exceder todos os títulos dos grandes.

Num outro lugar o Tejo, muito profundo, irrompe de entre as águas salgadas e reconhece a sua senhora que

<i>Occultum, rutilus uulgo dispergit arenis.</i>	135
<i>Tum, procedentes e gurgite Naiades aureo, Ioannae thalami contextum munus in usum Puluinar geniale ferunt, quo cernere possit Alphonsum Henrici, Lusiosque ex ordine Reges, Maternum genus, et partem pro tempore monstrant</i>	140
<i>Arte noua, et multo ante alias splendore nitentem, In qua Reginae socerum de uentre Mariae Nascentem, insolitis nimbis atque ignibus aether Parturit. Horrentes Afrique Indique Tyranni, Ac uelut exanguis spectantes aethera uultu,</i>	145
<i>Ioannem agnoscunt, praedictum a uatibus, edi. Ad partus uirgo propere descendit ab alto Astraea, et Superum deducit ab arce Sorores. Excipit infantem, uiridante insignis oliua, Aurea Pax: cunas motant ad carmina Musae.</i>	150
<i>Talia dum medio in ponto miranda uidentur, Urbs Dominae assurgens subitis Mauortia flammis Fulminat horrendum. Rapido impetu tormentorum Terra tremit: nutant celsae cum moenibus arces; Confugiunt pauidi materna ad pectora nati.</i>	155
<i>Responsant pelago naues, atque aera fumo Inuoluunt, cunctisque uomunt e partibus ignem. Hos inter mixtos urbis pelagique tumultus, Sidereus iuuenis, patrii spes unica regni, Ioannes, cui non temere est fatale parentum</i>	160
<i>Impositum nomen, Catharinae ad strata recumbit, Reginae Matris, cuius formamque genusque Diuinisque animi dotes, me forte canentem Audistis, uolui offensus si quando mouere Inuidiam magnae Dominae maris, Amphitritae.</i>	165
<i>Multus honos decoris, maiestatisque paternae In iuuenis facie est. Candens distinguitur auro Vestis, et in famulo lectis Oriente lapillis. Iamque ardens primum congressum atque oscula prima Virginis Augustae salienti corde uolutat.</i>	170

chega, e esparze por toda a parte o ouro que esteve oculto durante tantos anos pelas areias brilhantes²⁷⁷. 135

Então, saindo das profundezas douradas, as Náiades trazem como presente uma colcha sagrada, tecida para uso do leito de Joana²⁷⁸, para que possa ver Afonso Henriques e, por ordem, os reis lusitanos, ascendentes de sua mãe, e mostram, de acordo com as circunstâncias, com arte nova e brilhando com muito esplendor diante das outras, a região na qual o éter, com nuvens desacostumadas e raios, dá à luz seu sogro, que nasce do ventre da rainha Maria²⁷⁹. Os terríveis tiranos de África e da Índia, contemplando o céu de rosto como que exangue, reconhecem que é dado à luz João, anunciado pelos profetas. Para assistir ao parto desceu rapidamente do céu a virgem Astreia²⁸⁰, e trouxe também da morada dos deuses as irmãs. A Áurea Paz, que se reconhece pelo verde ramo de oliveira, recebe o menino; as Musas embalam o berço ao ritmo do seu canto²⁸¹. 140 145 150

Enquanto no meio do mar se observam tais acontecimentos admiráveis, a cidade de Marte²⁸², erguendo-se perante a sua senhora, brilha de modo aterrador em súbitas chamas²⁸³. Com o rápido impacto dos canhões, a terra treme: oscilam as altas fortalezas com as suas muralhas; os filhos, amedrontados, refugiam-se no peito materno²⁸⁴. 155

Respondem no oceano os navios e enchem de fumo o ar e vomitam fogo por todas as partes.

Entre este tumulto misto da cidade e do mar, um jovem divino, esperança única do pátrio reino, João, ao qual não foi dado por acaso o nome fatal²⁸⁵ dos seus antepassados, inclina-se perante o estrado da rainha Catarina²⁸⁶, sua mãe, cuja beleza, nobreza e divinos dotes de alma porventura me ouvistes cantar, se alguma vez, ofendido, eu quis provocar a inveja da grande Anfitrite, senhora do mar²⁸⁷. 160 165

Há muito do brilho da dignidade e da majestade paterna na figura do jovem²⁸⁸. O seu vestuário resplandecente distingue-se pelo ouro e pelas pedras preciosas escolhidas no submisso Oriente.

E já ele revolve no coração excitado, ardentemente, o

*Talis erat, tales animo uolebat amores
Sol olim, nondum prima lanugine malas
Vestitus, Lucisque nouo iam captus amore:
Cum pater omnipotens auspex, et pronuba Iuno,
Coelestes inter Diuos ac Numina ponti,
Ducebant teneram laeta ad connubia Lucem.
Haec Proteus. Nam iam fusco uelabat amictu
Nox coelum; radiis splendebant aequora Lunae:
Tempus et in uitreas scopulo descendere sedes.*

175

Laus Deo

primeiro encontro e os primeiros beijos da virgem 170
augusta.

Tal outrora se mostrava o Sol²⁸⁹, tais eram os amores
que removia no coração - de faces ainda não cobertas da
primeira barba, e já cativo do amor recente da Luz -,
quando o auspicioso pai onnipotente e Juno prónuba
conduziam entre os deuses do céu e as divindades do mar 175
a frágil Luz para uma alegre união».

Assim falou Proteu. E já a noite cobria o céu dum
manto escuro; as águas do mar resplandeciam com os
raios da Lua: era tempo de descer do rochedo para a
cristalina morada.

Louvor a Deus’.

²⁴¹ O mar dos Cárpatos fica entre as ilhas gregas de Rodes e de Creta.

²⁴² Os vv. 1- 4 deste poema encontram paralelo em Virgílio, *Geórgicas* IV, 387 sqq.:

*Est in Carpathio Neptuni gurgite uates,
Caeruleus Proteus magnum qui piscibus aequor
Et iuncto bipedum curru metitur equorum.*

²⁴³ Costa e Jana são, possivelmente, nomes alusivos a senhoras vivas, eventualmente da família de Manuel da Costa - uma mulher de apelido Costa e uma sua filha, Joana de nome.

Costa pode também ser uma indicação meramente toponímica (cf. Costa da Caparica).

²⁴⁴ O Ocidente.

²⁴⁵ Deuses do amor - Vénus, Cupido, Himeneu, os Amores - e deuses marinhos - Neptuno, Oceano, Tritão -, perfeitamente enquadrados nas circunstâncias do poema, a proporcionarem ao canto muita beleza. Esta descrição do cortejo marítimo e divino recorre a uma simbiose de sugestões de movimento e sensações auditivas e visuais que nos evocam o cromatismo, a beleza plástica de certos quadros de artistas do Renascimento.

²⁴⁶ A Península Ibérica.

²⁴⁷ Referência à cidade de Lisboa (cf. *supra*, nota 207): Proteu faz uma breve alusão à expansão dos Portugueses, que dominaram África e o Oriente a partir de Lisboa.

²⁴⁸ Notação cronológica: cf. *supra*, nota 130.

²⁴⁹ Os versos 51-55 apresentam semelhanças ideológicas com estes de António Ferreira, *Arquigâmia*:

*E para mór bem inda
Assi também o Céu vem festejando,
Que Dezembro em Abril fez ir mudando.*

A alusão ao tempo soalheiro e à época do ano em que se comemora a festa do casamento são tópicos do epitalâmio (cf. *De nuptiis Eduardi Infantis Portugalliae...*, vv. 263 sqq.).

²⁵⁰ Para celebrar as núpcias de D. João e de D. Joana, Láquesis teceu o dia de branco, (cf. Catulo, *Carmina* 64, 305 sqq. e Estácio, *Siluae* I, 2, 24-26).

²⁵¹ O Sol, que presenteia os noivos com um dia bonito para a celebração da festa.

²⁵² D. João III, como referimos, era irmão de D. Isabel, rainha de Espanha e mãe de D. Joana.

²⁵³ *Esta foi Lusitânia, derivada*

*De Luso ou Lisa, que de Baco antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros...*
(Camões, *Os Lusíadas* 3, est. 21, 5-7).

Luso ou Lisa estão na origem do nome Lusitânia; os Lusitanos são seus descendentes. Esta explicação, já devidamente comentada por A. C. Ramalho, é-nos dada por André de Resende em duas notas ao seu poema *Vicentius leuita et martyr* (notas 24 e 48 do canto II). Sobre este assunto, cf. A. C. Ramalho, “A palavra *Lusíadas*”, *Estudos sobre o século XVI* (Lisboa ²1983) 221-236.

²⁵⁴ Cf. *supra*, nota 105.

²⁵⁵ O infante D. Luís (cf. *supra*, nota 156).

²⁵⁶ D. Teodósio, V duque de Bragança - não podia Manuel da Costa deixar de lado uma ocasião para exaltar o seu ilustre protector.

²⁵⁷ “Aquy ao Barreyro a foy buscar elRey nosso senhor em pessoa, donde a trouxe cõsigo ha cidade de Lisboa com aquelle aparato & suntuosidade assy no mar quando passou ao Barreyro, como na terra quando desembarcou na cidade” (F. de Andrada, *Cronica do muito poderoso*, parte. IV, fol. 113).

²⁵⁸ Lourenço Pires de Távora, ilustre capitão, procurador do príncipe João para tratar do seu casamento com a infanta D. Joana, “sendo taõ respeitado o seu talento no gabinete, como na Campanha” (D. Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, t. III, 34). Enviado à cidade de Toro, aí desposou, a 11 de Janeiro de 1552, em nome do príncipe herdeiro do trono português, D. Joana, por palavras de presente (cf. D. A. Caetano de Sousa, *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, t. IV (Coimbra 1950) 70-81 e Frei L. de Sousa, *Anais*, 290-293), realizando o matrimónio o bispo de Osma, D. Pedro da Costa.

O embaixador português, pelos seus feitos guerreiros quer no norte de África (Arzila, Tunes), quer na Índia, é elogiosamente comparado ao herói Tideu, pai de Diomedes e ilustre nas armas (cf. P. Grimal, *Dicionário, s. v. Tideu*, 447-448).

²⁵⁹ O duque de Aveiro, D. João de Lencastre, era neto de D. João II por parte de D. Jorge, duque de Coimbra, filho bastardo daquele rei. D. João III confiou ao duque de Aveiro a guarda da infanta D. Joana, desde Badajoz até Elvas, regiões fronteiriças de Espanha e de Portugal, como se sabe.

²⁶⁰ O conde de Arganil e bispo de Coimbra, Frei João Soares, religioso dos Eremitas de Santo Agostinho, foi também enviado à raia por D. João III, para receber a infanta D. Joana. O conde de Arganil e o duque de Aveiro fizeram-se acompanhar de um grande séquito, com muita pompa, conforme exigiam as circunstâncias.

²⁶¹ O rio Tejo.

²⁶² Encontrámos no texto latino a forma arcaica *olli*, que actualizámos para *illi*.

²⁶³ É tempo de fazer o retardado encómio da noiva, comparada pela sua beleza a figuras mitológicas, divinas e históricas (respectivamente, a

Nausícaa, a filha do rei dos Feaces, à deusa Tétis e a D. Ana de Mendoza y La Cerda, a célebre princesa de Éboli), às quais supera. Lembremos que é próprio dos epitalâmios comparar as noivas com outras mulheres célebres.

²⁶⁴ Cf. *supra*, nota 234.

²⁶⁵ Os rios Tejo, Ebro e Bétis, actual Guadalquivir, nascem, respectivamente, no Centro, no Norte e no Sul de Espanha, representando a proveniência do séquito feminino que acompanha a infanta D. Joana. Assim, na companhia da filha de Carlos V vê Proteu Ninfas vindas de toda a Espanha.

²⁶⁶ Referência a Rui Gomes da Silva e a sua esposa, D. Ana de Mendoza y La Cerda, “...la tuerta e fascinadora princesa de Eboli...”, no dizer de W. T. Walsh, *Felipe II*. Traducción de B. Marañon Moya (Madrid ^o1968). “Llevaba tapado con un perche negro el ojo derecho que había perdido en un accidente en su niñez. Sin embargo, los hombres la consideraban hermosísima...” (*idem, ibidem*) - note-se, no texto, um pormenor curioso que aponta para os problemas de visão desta bela mulher: ela está de olhos baixos.

Rui Gomes da Silva, que passara a Espanha no séquito de D. Isabel, foi educado juntamente com Filipe II de Espanha, tornando-se seu favorito. “Estimado da Imperatriz, cumulado de honras e benefícios pelo seu real amo e amigo, que o fez Príncipe de Éboli, Duque de Pastrana, Grande de Espanha (...), deu provas de certa capacidade política e diplomática (...). ...todo este valimento (...) lhe valeu a alcunha de “Rei Gomes”... (J. Vidago, “Filipe II, Lusitanista”, Separata da *Revista Ocidente*, vol. LXXV (Lisboa 1968) 196).

²⁶⁷ O jovem Páris, príncipe troiano, roubara a Menelau, rei de Micenas, sua esposa, a bela Helena. ‘Contra Tróia (...) o louro Menelau (...) e o nobre Agamémnon se lançam em busca de Helena...’ (Eurípides, *Ifigénia em Áulide*. Introd. e trad. de C. A. P. de Almeida (Coimbra 1974) 97); sob o comando daqueles dois irmãos, os Dânaos, ou Gregos, reuniram em Áulide, porto da Beócia, ‘...grande aparato de navios e escudos...’ (*idem, ibidem*, 93), para combaterem os Troianos.

Note-se, de novo, o confronto com a Antiguidade Clássica para superlativar os contemporâneos: desta feita, a sumptuosidade da armada que acompanha o navio real, quer em número, quer em fausto, supera a armada grega retida em Áulide.

²⁶⁸ Carlos V (cf. *supra*, nota 175).

²⁶⁹ As águias da Casa da Áustria e os leões de Leão são insígnias de Carlos V.

²⁷⁰ Alusão aos índios da América espanhola, que usavam ornamentos de penas.

²⁷¹ Através das Sereias é elogiada a família real da noiva, na figura de Carlos V, seu pai, pelas vitórias que obteve: o triunfo sobre os Franceses na

batalha de Pavia, a tomada de Roma, a vitória sobre os Turcos e sobre os Alemães, hereges.

²⁷² Francisco I de França, rival do imperador Carlos V, foi vencido por este e feito prisioneiro em Pavia, a Ticino da época romana, em 1525. O rei francês foi posto em liberdade, por vontade de Carlos V, mediante uma série de condições que lhe foram impostas (nomeadamente, o casamento com D. Leonor, irmã do imperador, a devolução do ducado de Borgonha). No entanto, Francisco I esquecerá as promessas.

²⁷³ No v. 118, Manuel da Costa contou as duas sílabas iniciais do vocábulo *Ticinum* como se fossem breves: note-se que os nomes próprios admitem as duas quantidades.

²⁷⁴ Roma, cidade ocupada por Carlos V em 1526, foi posteriormente saqueada por tropas imperiais, maioritariamente constituídas por mercenários alemães que, à falta de pagamento, puseram a saque a cidade, roubando até imagens de santos para fundirem os seus metais preciosos, facto que o próprio imperador lamentou. A destruição de Roma foi motivo de várias composições poéticas em diferentes línguas (cf. A. C. Ramalho, “Um epigrama em latim imitado por vários”, *Humanitas* IV (vol. I da n. s.) (Coimbra 1952) 60-65).

²⁷⁵ Solimão II, o Magnífico, sultão dos Turcos, uniu-se a Francisco I de França para derrotar Carlos V. Invadiu a Hungria, mas foi vencido em Viena pelo imperador católico que lutava pela sua fé, contra os hereges então no Danúbio.

²⁷⁶ O adjectivo *nabilis*, e é uma criação humanística - este termo não consta no latim clássico; é um vocábulo formado a partir do verbo *no, as, are*: ‘navegar’.

²⁷⁷ O Tejo, à semelhança de outros rios, como o Hermo, trazia palhetas de ouro nas suas areias, característica mencionada por vários autores (cf. Catulo, *Carmina* 29, 19, Ant. Ferreira, *Ode aos Príncipes D. João e D. Joana*).

²⁷⁸ Cf. Catulo, *Carmina* 64, 47 sqq., onde se refere o *puluinar geniale* destinado a Tétis, como dissemos anteriormente.

²⁷⁹ A rainha D. Maria, segunda esposa de D. Manuel I, deu à luz nove filhos, entre os quais, o futuro rei de Portugal, D. João III, nascido a 6 de Junho de 1502. Note-se a intervenção do céu na gestação deste príncipe, prenúncio auspicioso. F. de Andrada, *Cronica do muito poderoso*, parte I, fol. 2, descreve assim a chegada ao mundo de D. João: “Neste dia do seu nascimento sendo no tempo mais seco & mais quieto de todo o anno ouue em Lisboa hua tão espantosa & tão desacustumada tempestade de chuvas, relampados, trouões, & curiscus que não auia memoria de homes que se lembrassem de outra semelhante (...), & muytos ouue que tiuerão o sucesso

desta tempestade, tão noua, & tão fora do seu tempo ordinario por um felicissimo pronostico do imperio do princepe que nacera”.

²⁸⁰ Astreia, deusa da justiça (cf. D. João III, rei justo), habitara a Terra durante a Idade de Ouro, mas subira ao Céu na Idade de Ferro. No entanto, voltara à Terra em épocas excepcionais (cf. Virgílio, *Bucólicas* 4), como durante o reinado de D. João III (note-se o intuito encomiástico).

²⁸¹ Astreia, Paz de Ouro, deusa da paz, e as Musas são presenças auspiciosas na chegada ao mundo do futuro rei de Portugal.

²⁸² Manuel da Costa associa o deus da guerra à cidade de Lisboa, da qual partiam as nossas armadas, possivelmente em atenção aos feitos militares e navais dos Portugueses.

²⁸³ A noiva chega a Lisboa no dia 5 de Dezembro de 1552 (cf. Fr. L. de Sousa, *Anais*, 300), onde é acolhida com solenidade e ao som de disparos de canhões. De notar a aliteração das consoantes *r*, *s*, *t* e a acumulação de sons nasais com que o autor orquestra o sibilar e o troar dos projecteis que fendem os ares, logo seguida dos sons agudos de *u* e *i*, numa sugestão do arrepio de medo das crianças.

²⁸⁴ Cf. *supra*, nota 169.

²⁸⁵ ‘Nome fatal’, i. e., nome dado intencionalmente pelo destino (cf. Camões, *Os Lusíadas* 1, est. 6: [D. Sebastião] *Maravilha fatal da nossa idade*).

²⁸⁶ Cf. *supra*, nota 116. Note-se o elogio de D. Catarina, que rivaliza com Anfitriote.

²⁸⁷ Cf. *supra*, nota 226.

²⁸⁸ As virtudes do príncipe D. João são motivo do canto laudatório de vários autores quinhentistas (cf. N. N. C. Soares, *Diogo de Teive*). Aqui, Manuel da Costa refere apenas qualidades que são reflexo das virtudes paternas.

²⁸⁹ Comparação do estado de espírito do príncipe com o do Sol, quando este desposou a Luz, união a que assistiram Juno e Júpiter. Não encontramos qualquer outra referência a este casamento que, pensamos, simboliza aqui a identificação do Sol com a luz que ilumina o mundo.

BIBLIOGRAFIA

1 - Obras dos clássicos antigos

- Andócides, *Discours*. Texte établi et traduit par G. Dalmeyda (Paris 1930).
- Catulo, *Poésies*. Texte établi et traduit par G. Lafaye (Paris 1966).
- Estácio, *Silves*. Texte établi par H. Frère et traduit par H. J. Izaac, t. I (Paris 1944).
- Hesíodo, *Théogonie. Les travaux et les jours. Le bouclier*. Texte établi et traduit par P. Mazon (Paris ¹²1986).
- Homero, *Iliade*. Texte établi et traduit par P. Mazon, avec la collaboration de P. Chantraine, P. Collart et R. Langumier (Paris 1955).
- Homero, *L'Odysée*. Texte établi et traduit par V. Bérard, t. II (Paris ⁴1946).
- Ovídio, *Les Métamorphoses*. Texte établi et traduit par G. Lafaye (Paris 1957).
- Virgílio, *Bucoliques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis (Paris 1970).
- Virgílio, *Georgiques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis (Paris 1956).
- Virgílio, *Éneide*. Texte établi par H. Goelzer et traduit par A. Bellessort (livres I-VI). Texte établi par R. Durand et traduit par A. Bellessort (livres VII-XII) (Paris 1948).

2 – Outras obras, estudos e artigos

- Actas do Congresso Internacional "Humanismo Português na Época dos Descobrimentos"* (Coimbra 1993).
- F. de Andrada, *Cronica do muito poderoso rey destes reynos de Portugal dom Ioão o III deste nome* [*Cronica do muito poderoso*] (Lisboa 1613).
- E. de Andrade, *Poemas e fragmentos de Safo* - tradução em português (Porto 1974).
- A. J. Anselmo, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no séc. XVI* (Lisboa 1926).
- N. António, *Bibliotheca Hispana Noua*, t. III (Madrid 1783).

- J. de Barros, *Ásia*, Décadas I e II (Lisboa 1628); Década IV (Lisboa 1615).
- J. de Barros, *Panegíricos*. Texto restituído, prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa (Lisboa 1937).
- M. Bataillon, *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*, [Études sur le Portugal] (Coimbra 1952).
- A. E. Beau, “A realeza na poesia medieval e renascentista portuguesa”, *Boletim de Filologia* XVI [“A realeza”] (1957)176-221.
- Bíblia sagrada*. Tradução dos textos originais, com notas, dirigida pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma (São Paulo 1968).
- M. Brandão, *Documentos de D. João III* (Coimbra 1937).
- M. Brandão, *Actas dos Conselhos da Universidade de 1537 a 1557* (Coimbra 1941).
- J. B. Bury (ed.), S. A. Cook, “Macedon - 401-301 B. C.”, *The Cambridge Ancient History*, vol. VI (Cambridge ⁵1969).
- D. A. Caetano de Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa* [História Genealógica] (Coimbra 1946 –1955).
- D. A. Caetano de Sousa, *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa* (Coimbra 1947 – 1954).
- L. de Camões, *Os Lusíadas*. Ed. organizada por E. P. Ramos (1986).
- L. de Camões, *Rimas*. Texto estabelecido e prefaciado por A. J. da Costa Pimpão (Coimbra 1953).
- J. de Carvalho, *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do século XVI*, vol. II (Coimbra 1948).
- F. L. de Castanheda, *História do descobrimento e conquista da Índia pelos Portugueses*. Introdução e revisão de M. L. de Almeida (Porto 1979).
- M. G. Cerejeira, *O Renascimento em Portugal. Clenardo*, vols. I e II [O Renascimento] (Coimbra 1918).
- J. Chevalier et A. Gheerbrant, *Dicionário dos Símbolos*. Tradução de C. Rodriguez e de A. Guerra (Lisboa 1994).
- Mr. de Chompré *Diccionario abreviado da fabula* - trad. portuguesa (Lisboa 1858).
- V. Civita (ed.), *Mitologia* (São Paulo).
- E. R. Curtius, *Literatura Europea y Edade Media Latina*. Traducción de M. F. Alatorre y A. Alatorre [Literatura Europea] (México 1955).
- A. M. de Faria, *Livro de Linhagens do Século XVI* (Lisboa 1956).

- M. Fernández Álvarez (dir.), “La España del Emperador Carlos V: 1500-1558; 1517-1556”, *Historia de España*, t. XX (Madrid 41986).
- A. Ferreira, *Poemas Lusitanos*. Prefácio e notas de M. Braga (Lisboa 1939 e 1940).
- F. L. Ferreira, *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra* [*Noticias*] (Coimbra 1944) [reimp. ed. 1729].
- F. L. Ferreira, *Alphabeto dos Lentes da Insigne Universidade de Coimbra desde 1537 em diante* (Coimbra 1937).
- F. de Figueiredo, “Para a história do humanismo em Portugal”, *Estudos de Literatura* (Lisboa 1924).
- F. de Figueiredo, *A épica portuguesa no século XVI* (S. Paulo 1950).
- F. de Figueiredo, “Ainda a épica portuguesa”, *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras* 122 (São Paulo 1951) 99-122.
- F. de Figueiredo, “Os séculos XV e XVI. Ideias para uma introdução”, *Revista de Letras* 2 (São Paulo 1961) 9-18.
- F. C. de Figueiroa, *Memorias da Universidade de Coimbra* (Coimbra 1937).
- C. A. L. Fonseca, *Plauto, Anffitrião*. Introdução, tradução e notas por C. A. Louro Fonseca (Coimbra 1978).
- J. G. Freire, “Epitáfios Latinos (em verso e prosa) no Túmulo de D. Afonso Henriques, em Coimbra”, *Clássica* 20 (Lisboa 1994) 255-264.
- C. Gallavotti, *Lira Ellenica. Antologia di Poeti Greci* (Milão 31953).
- D. Galvão, *Crónica delrey D. Affomssso Hamrriques* (Lisboa 1918).
- M. C. F. Gayo, *Nobiliário de famílias de Portugal* (Braga 1938-1942).
- D. de Góis, *Chronica do serenissimo senhor Rei D. Emanuel* [*Chronica do serenissimo*] (Coimbra 1790).
- P. U. González de la Calle, “Contribución a la biografía de Manuel da Costa, *doctor subtilis*”, *Miscelânea de Estudos em Honra de D^a Carolina Michælis de Vasconcelos - Revista da Universidade de Coimbra*, t. XI (Coimbra 1933) 310-373.
- R. Graves, *Les Mythes Grecs*. Traduit de l’anglais par M. Hafez (Paris 1991).
- P. Grimal, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Trad. de V. Jabouille [*Dicionário*] (Lisboa 1986).
- História da Arte*, vol. 6, Publicações Alfa.

- F. Lopes, *Cronica de D. João I*, vol. I (Porto 1991); vol. II (Porto 1990).
- D. B. Machado, *Bibliotheca Lusitana, historica, critica e chronologica* [*Bibliotheca Lusitana*] (Lisboa 1741-1759).
- I. F. Martins, *Bibliografia do Humanismo em Portugal no Século XVI* (Coimbra 1986).
- L. de Matos, *A Corte Literária dos Duques de Bragança no Renascimento* (Lisboa 1956).
- L. de Matos, *Les Portugais à l' Université de Paris entre 1500 et 1550* (Coimbra 1950).
- L. de Matos, "L'Expansion Portugaise dans la Littérature Latine de la Renaissance", Separata de *L' Humanisme Portugais et l'Europe: actes du XXI Colloque International d'Études Humanistes* ["L'Expansion"] (Tours 1978).
- L. de Matos, "L' Humanisme Portugais et ses Relations avec l'Europe", Separata do *Bulletin des Études Portugaises* – n. s., t. XXVI (Lisboa 1965).
- A. M. Melo (coord.), *Actas do I Congresso Internacional – Humanismo Novilatino e Pedagogia: gramáticas, criações maiores e teatro* (Braga, 23-24 Abril 1998), (Braga 1999).
- H. Merguet, *Lexicon zu Vergilius mit angabe sämtlicher stelen*, (Hildesheim 1960).
- C. de Miguel Mora, "As leituras dos Humanistas: fontes secundárias de Manuel da Costa", *Ágora. Estudos Clássicos em debate* 1 (1999).
- F. Morais, *Reitores da Universidade de Coimbra* (Coimbra 1951).
- A. Nascimento, *Princesas de Portugal: contratos matrimoniais dos sécs. XV e XVI*. Ed. do texto latino e tradução de A. Nascimento, com a colaboração de M. F. Andrade e de M. T. R. Silva (Lisboa 1992).
- P^o M. de Oliveira, *História Eclesiástica de Portugal* (Lisboa ²1948).
- J. A. Osório, *M^e João Fernandes, A Oração sobre a Fama da Universidade* (1548), (Coimbra 1967).
- F. Palha, *O casamento do Infante D. Duarte com D. Isabel de Bragança* [*O casamento*] (Lisboa 1881).
- E. Paratore, *História da Literatura Latina*. Tradução de S. J. M. Losa (Lisboa ¹³1987).
- M. I. A. L. Pereira, *Algumas cartas e poemas de Cataldo Sículo*. Dissertação de licenciatura em Filologia Clássica

- apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (exemplar policopiado, Coimbra 1969).
- A. J. C. Pimpão, *La introducción del Humanismo en Portugal* (Madrid 1954).
- R. de Pina, *Chronica d'El Rei Dom João II* (Lisboa 1792).
- E. de Queiróz, *As Rosas* (Lisboa 1995).
- A. C. Ramalho, *Estudos sobre a Época do Renascimento* (Coimbra²1997).
- A. C. Ramalho, *Estudos sobre o Século XVI* (Lisboa²1983).
- A. C. Ramalho, “A Introdução do Humanismo em Portugal”, *Humanitas* XXIII-XXIV (1971-1972) 435-452.
- A. C. Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal*, I (Coimbra 1988); II (Lisboa 1994); III (Lisboa 1998); IV (Lisboa 2000).
- A. dos Reis e M. Monteiro, *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum qui latine scripserunt* [Corpus] (Lisboa 1745).
- G. de Resende (org.), *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, vol. II. Fixação do texto e estudo por A. F. Dias (1990).
- M. Reulos, “Les juristes portugais face à l’Humanisme”, *Actes du XXI^e Colloque International d’ Études Humanistes* (Tours, 3-13 juillet 1978) (Paris 1984) 455-464.
- M. H. da Rocha Pereira, *Hélade. Antologia da Cultura Grega* (Coimbra⁷1998).
- M. H. da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol I, Cultura Grega (Lisboa⁹2003).
- F. Romero Cruz, *Menandro. Sobre los generos epidicticos*. Introducción, traducción y notas por F. Romero Cruz [*Sobre los generos*] (Salamanca 1989).
- F. Sá de Miranda, *Obras Completas*. Texto fixado, notas e prefácio de M. Rodrigues Lapa, (Lisboa 1937).
- J. A. Sánches Marín, “Características de la obra poetica de Manuel da Costa”, *Humanitas* XLIII - XLIV [“Características de la obra”] (Coimbra 1991-1992) 257-274.
- J. A. Sánches Marín, “Un epitalamio latino: el Carmen *Proteus* de Manuel da Costa”, *Miscelânea de Estudos em honra do Prof. A. da Costa Ramalho* (Lisboa 1992)199-213.
- A. J. Saraiva e O. Lopes, *História da Literatura Portuguesa* (Porto¹⁵1989).
- A. J. Saraiva, *O Humanismo em Portugal* (Lisboa 1956).

- O. Schneider, *In C. Plini Secundi Naturalis Historiae Libros Indices* (Hildesheim 1967).
- J. Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal* [*Dicionário de História*] (Lisboa 1971).
- J. V. Serrão, *Portugueses no Estudo de Salamanca* (Lisboa 1962).
- I. F. da Silva, *Dicionário bibliográfico português* (Lisboa 1858-1958).
- N. J. E. G. da Silva, *Humanismo e Direito em Portugal no século XVI* (Lisboa 1964).
- M. B. Silvestre, *A correspondência de Cataldo com os Condes de Alcoutim*. Dissertação de licenciatura em Filologia Clássica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (exemplar policopiado, Coimbra 1965).
- N. N. C. Soares, *Diogo de Teive, Tragédia do príncipe João* (1558). Prefácio, introdução, tradução, notas e comentários de N. N. C. Soares [*Tragédia*] (Coimbra 1977).
- Fr. L. de Sousa, *Anais de D. João III*. Prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa [*Anais*] (Lisboa 1938).
- J. Teixeira, *O Paço Ducal de Vila Viçosa* [*O Paço*] (Lisboa 1983).
- J. M. Q. Veloso, “A expansão portuguesa”, Separata da *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* XV (2ª série, nºs 1 e 2) (Lisboa 1949) 1-10.
- J. M. Q. Veloso, *D. Sebastião: 1554-1578* (Lisboa 2^a 1935).
- J. Vidago, “Filipe II, lusitanista”, Separata da *Revista Ocidente* vol. LXXV (Lisboa 1968).
- W. T. Walsh, *Felipe II*. Traducción de B. Marañon Moya (Madrid 6^a 1968).

ÍNDICE ONOMÁSTICO*

- ACÚRSIO, 7
AFONSO (D.), I duque de
Bragança, 36, 48, 107, 113,
114
AFONSO (D.), infante cardeal,
35 106, 107
AFONSO VII (D.), rei de
Leão, 112
AGOSTINHO (D.), 105
ALATORRE, A., 29
ALATORRE, M. Frenk, 29
ALBUQUERQUE, (D.)
Afonso de, 34, 104
ALMEIDA, C. A. P. de, 132
ALMEIDA, (D.) Francisco de,
34, 103, 104
ALMEIDA, (D.) Garcia de,
reitor da Universidade de
Coimbra, 20, 105
ALMEIDA, (D.) João de, 105
ALMEIDA, (D.) Jorge de,
bispo de Coimbra, 20, 105
ALMEIDA, (D.) Lopo de, 104
ALMEIDA, (D.) Lourenço de,
34, 104
ÁLVARO, (D.), 9
ALVITO (segundos barões
de), 111
AMBRÓSIO (Santo), 102
ANCONI, Mahamed, 104
ANDÓCIDES, 111
ANDRADA, F. de, 38, 106,
131, 133
ANDRADE, E. de, 30
ANDRADE, M. F., 37
ANDRÉ, C. A., 106
ANÍBAL, 114
ANTÓNIO, Marco, 35
ANTÓNIO, N., 22
ARISTÓTELES, 7
ATAÍDE, (D.) António de, I
conde de Castanheira, 109
AZAMBUJA, Frei Jerónimo
de, 117
AZPILCUETA, Martinho de,
16, 20, 22
BALDO, 7
BARREIROS, Gaspar, 7
BARROS, António, 20
BARROS, J. de, 103, 104,
106, 107
BARTOLISTAS, 24
BATAILLON, M., 38
BEATRIZ (D.), esposa de D.
Jorge, 9, 31
BEATRIZ (D.), esposa do I
duque de Bragança, 36, 113,
114
BEATRIZ (D.), irmã do III
duque de Bragança, 114
BEAU, A. E., 96, 101
BRANDÃO, Frei António,
113
BRANDÃO, M., 21
BRITO, Frei Bernardo de, 48,
112
BRITO, João Soares de, 19
CABEDO, António de, 17

* Este índice, do qual não constam as personagens referidas no texto latino e na respectiva tradução, apenas diz respeito às figuras não mitológicas.

- CABEDO, Miguel de, 17, 31
 CAIADO, Henrique, 17
 CAMBAIA (rei de), 104
 CAMILO, 114
 CAMÕES, 11, 34, 38, 41, 48, 96, 98, 99, 103, 104, 107, 108, 112, 113, 115, 130, 134
 CARDOSO, Jerónimo, 17, 19
 CARLOS V (imperador), 9, 37, 106, 108, 132, 133
 CARNEIRO, Pêro de Alcáçova, 107
 CARVALHO, J. de, 16
 CASTRO, (D.) Brites de, 101
 CATARINA (D.), esposa de D. João III, 20, 31, 37, 101, 107, 134
 CATULO, 30, 34, 36, 40, 116, 130, 133
 CEREJEIRA, M. G., 15
 CÉSAR, 40, 108
 CHEVALIER, J., 109, 110
 CHOMPRÉ (Mr.), 99
 CÍCERO, 15
 CLAUDIANO, 30
 CLEMENTE VII (papa), 111
 CLENARDO, 15
 CLITO, 111
 COCHIM (rei de), 103
 CONSTANTINO (D.), irmão de D. Teodósio, 102, 105
 COPÉRNICO, 97
 COSTA, João da, 16
 COSTA, Jorge da (filho de Manuel da Costa), 13, 23, 25
 COSTA, Manuel da, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 48, 96, 98, 100, 105, 109, 110, 111, 116, 117, 130, 131, 133, 134
 COSTA, Miguel da (filho de Manuel da Costa), 23
 COSTA, Miguel da (irmão de Manuel da Costa), 23
 COSTA, (D.) Pedro da, 131
 COUTO, A. P. do, 7
 COUTO, E., 12
 CRISTO, Jesus, 106, 112
 CRUZ, Frei Bernardo da, 105
 CURTIUS, E. R., 29, 32, 111, 117
 DALMEYDA, G., 111
 DARIO, 109
 DELCHE, Marquês, 102
 DINIS (D.), tio de D. Teodósio, 101
 DIOGO (D.), IV duque de Viseu, 114
 DUARTE (D.), filho de D. Duarte e de D. Isabel, 26, 33, 36, 116
 DUARTE (D.), infante, 9, 11, 13, 19, 26, 31, 32, 33, 35, 36, 40, 96, 98, 101, 109, 116
 DUARTE (D.), rei de Portugal, 116
 ÉNIO, 114
 ERASMO, 8, 109
 ÉSKUÍLO, 108
 ESTÁCIO, 30, 98, 99, 108, 130
 ESTAÇO, Aquiles, 106

- ESTILICÃO, 30
 EUGÉNIA (D.), irmã de
 D. Teodósio, 102, 13
 EURÍPIDES, 132
 FABRÍCIO, Vicente, 16
 FARNÉSIO, Alexandre, 31
 FARO, (D.) Francisco de, 107
 FERNANDES, João, 106
 FERNANDES, M^c João, 17,
 21
 FERNANDO (D.), II duque de
 Bragança, 103, 113
 FERNANDO (D.), III duque
 de Bragança, 113, 114
 FERNANDO (D.), infante,
 filho de D. Duarte, 116
 FERREIRA, António, 31, 38,
 39, 100, 130, 133
 FERREIRA, F. L., 19, 20, 21,
 27, 33, 105
 FIGUEIREDO, Borges de, 113
 FIGUEIROA, F. C. de, 105
 FILIPE I de Espanha, 101
 FILIPE II de Espanha, 20, 26,
 37, 108, 132
 FRANCISCO I (rei de
 França), 133
 FREIRE, J. G., 113
 FULGÊNCIO (D.), irmão de
 D. Teodósio, 102, 103
 GALILEU, 97
 GALVÃO, D., 112, 113
 GAMA, Vasco da, 36, 109,
 115
 GAYO, Felgueiras, 111
 GHEERBRANT, A., 109
 GÓIS, D. de, 7, 32, 96, 97,
 102, 103, 104, 106, 115,
 116
 GONZÁLEZ DE LA CALLE,
 P. U., 19, 22, 23, 96
 GOUVEIA, André de, 16
 GRIMAL, P., 99, 102, 107,
 108, 110, 131
 GUERRA, A., 109
 GUIMARÃES, A., 12
 GUSMÃO, (D.) Leonor de, 32
 HARO, (D.) Mécia Lopes de,
 esposa de D. Sancho II, 111
 HENRIQUE (D.), conde, 112
 HENRIQUE (D.), infante
 cardeal, 106, 107
 HENRIQUES, (D.) Afonso, rei
 de Portugal, 36, 40, 112,
 113
 HENRIQUES, (D.) Isabel, 23
 HENRIQUES, Luís, 97
 HESÍODO, 100, 108, 112
 HIGINO, 98, 99, 103
 HOCÉM, Mir, 104
 HOMERO, 114
 HONÓRIO (imperador), 30
 HORÁCIO, 17, 98
 IAZ, Melique, 104
 ISABEL (D.), esposa de
 D. Duarte, 7, 9, 11, 13, 19,
 26, 31, 32, 33, 35, 36, 40,
 96, 98, 101, 109, 116
 ISABEL (D.), esposa de
 D. Manuel I, 37
 ISABEL (D.), irmã de D. João
 III, 20, 37, 108, 130, 132
 ISABEL (D.), mãe do duque
 D. Jaime e irmã de
 D. Manuel I, 97, 116
 ISMAR, 112
 JABOUILLE, V., 99

- JAIME (D.), irmão de D. Teodósio, 102, 105, 110
- JAIME (D.), IV duque de Bragança, 9, 32, 33, 34, 35, 48, 97, 98, 100, 102, 105, 108, 113, 114, 116
- JOANA (D.), irmã de D. Teodósio, 35, 102
- JOANA (D.), mãe da rainha D. Catarina, 101
- JOANA (D.), princesa, 9, 11, 13, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 116, 130, 131, 132
- JOÃO (D.), príncipe, 9, 11, 13, 31, 32, 37, 38, 39, 48, 101, 102, 105, 110, 114, 116, 130, 131, 134
- JOÃO (D.), VI duque de Bragança, 33, 102
- JOÃO I (D.), rei de Castela, 113
- JOÃO I (D.), rei de Portugal, 36, 48, 97, 107, 113, 114
- JOÃO II (D.), rei de Portugal, 9, 15, 31, 36, 113, 114, 131
- JOÃO III (D.), rei de Portugal, 7, 10, 16, 20, 25, 26, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 48, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 110, 111, 115, 116, 130, 131, 133, 134
- JORGE (D.), duque de Coimbra, 9, 15, 31, 131
- JUDAS, 112
- LÁGIDAS, 116
- LAPA, M. R., 97, 106
- LEÃO X (papa), 106, 107
- LENCASTRE, (D.) Filipa de, 113
- LENCASTRE, (D.) Isabel de, 33, 101
- LENCASTRE, (D.) João de, duque de Aveiro, 131
- LEONOR (D.), irmã de Carlos V, 37, 133
- LOBO, (D.) Filipe, 111
- LOBO, (D.) Pedro Pais, 111
- LOPES, Fernão, 113, 114
- LUCRÉCIO, 15
- LUÍS (D.), infante, 39, 106, 131
- LUÍS, António, 16
- MACHADO, D. Barbosa, 19, 23, 25, 111, 131
- MAGNO, Alexandre, 109, 111
- MANUEL I (D.), rei de Portugal, 32, 34, 36, 37, 96, 97, 98, 103, 104, 107, 108, 113, 115, 116, 133
- MARAÑON MOYA, B., 132
- MARIA (D.), esposa de D. Manuel I, 32, 37, 108, 115, 133
- MARIA (D.), filha de D. Duarte e de D. Isabel, 31
- MARIA (D.), filha de D. João III, 37
- MARIA (D.), irmã de D. Teodósio, 102
- MARIA (filha de Estilício), 30
- MÁRTIRES, Frei Timóteo dos, 113
- MATEUS, 106
- MATOS, L. de, 16, 17, 41
- MÁXIMO, Quinto Fábio, 114

- MELO, (D.) Francisco de, 102, 103
- MENANDRO, 29
- MENDONÇA, (D.) Joana de, 2ª esposa de D. Jaime, 35, 102
- MENDONÇA, (D.) Leonor de, 1ª esposa de D. Jaime, 32, 33, 48, 97
- MENDOZA Y LA CERDA, (D.) Ana de, 132
- MENESES, (D.) Francisco de Sá de, 110
- MENESES, João Rodrigues de Sá de, 31, 110
- MENESES, (D.) Pedro de, I marquês de Vila Real, 114
- MIGUEL MORA, C. de, 41
- MIRANDA, F. Sá de, 31, 38, 101
- MONTEIRO, M., 13, 17
- MORAIS, F., 105
- MORAIS, Inácio de, 7, 8, 17, 22, 23, 24, 27, 36
- MUÑOZ, J., 22
- NASCIMENTO, A. A., 37
- NORONHA, (D.) Fernando de, 107
- NUNES, Pedro, 16
- OCTÁVIO, 35
- OLIVEIRA, F. de, 48
- OSÓRIO, J. A., 17, 21
- OVÍDIO, 98, 99, 102, 103, 105, 109, 110
- PALHA, F., 32, 33
- PAPINIANO, 21, 22
- PAULO III (papa), 37
- PEDRO, Simão, 106, 107
- PENELA (primeiros condes de), 107
- PERALTA (Dr.), 22
- PEREIRA, (D.) Nuno Álvares, 36, 113, 114
- PEREIRA, D. Pacheco, 34, 103
- PEREIRA, M. I., 12
- PINHEIRO, (D.) António, 48
- PINHEL, Aires, 22, 23
- PIRES, Diogo, 8
- PIRES, Luís, 17
- PLATÃO, 7
- PLAUTO, 109
- PLÍNIO-O-ANTIGO, 48, 110, 112
- PLUTARCO, 109, 111
- PROPÉRCIO, 99, 108
- PTOLOMEU, 97
- PTOLOMEUS, 116
- PULQUÉRIO, M. O., 30
- QUEIRÓZ, Eça de, 102
- RAMALHO, A. C., 7, 8, 9, 10, 11, 12, 16, 24, 27, 29, 31, 37, 99, 108, 114, 131, 133
- REIS CATÓLICOS, 37, 113, 115
- REIS, A. dos, 13, 17
- RESENDE, André de, 7, 48, 99, 131
- RESENDE, André Falcão de, 7
- ROCHA PEREIRA, M. H. da, 29, 30, 97, 116
- RODRIGUES, Heitor, 23
- RODRIGUEZ, C., 109
- ROMERO CRUZ, F., 29, 34
- SÁ, (D.) Camila de, 31
- SÁ, J. Rodrigues de, 31
- SAAVEDRA, J. Garcia de, 24
- SAFO, 29, 30

- SAMORIM (rei de Calecute), 103
- SANCHES, Duarte, 20
- SANCHES, Pedro, 8, 9, 17, 24, 25, 36
- SÁNCHEZ MARÍN, J. A., 9, 19, 23, 24
- SANCHO II (D.), rei de Portugal, 111
- SASSOFERRATO, Bártolo de, 7, 24
- SEBASTIÃO (D.), rei de Portugal, 20, 26, 31, 38, 102, 111, 116, 134
- SERRÃO, J. 112, 113, 114
- SERRÃO, J. V., 20
- SÍCULO, Cataldo Parísio, 7, 9, 10, 15, 16, 31
- SIGEU, Diogo, 48
- SILVA, M. F., 12
- SILVA, M. T. R. da, 37
- SILVA, N. J. E. G. da, 23, 24
- SILVA, R. Gomes da, 132
- SOARES, C., 12
- SOARES, Frei João, 131
- SOARES, N. N. C., 38, 112, 134
- SOLIMÃO II (sultão dos Turcos), 133
- SOUSA, (D.) Ant. Caetano de, 33, 100, 101, 102, 105, 107, 111, 131
- SOUSA, Frei L. de, 96, 99, 131, 134
- SUETÓNIO, 96
- TÁVORA, Lourenço Pires de, 131
- TÁVORA, Rui Lourenço de, 111
- TEIVE, Diogo de, 16, 17, 31, 38, 100, 102, 115
- TEIXEIRA, J., 32, 35
- TEÓCRITO, 30
- TEODÓSIO (D.), V duque de Bragança, 9, 10, 19, 32, 33, 34, 35, 40, 43, 48, 97, 98, 100, 101, 110, 131
- TEOTÓNIO (D.), irmão de D. Teodósio, 102, 103
- TERESA (D.), 112
- TIBULO, 99
- TIMANTES, 116
- TRAVAS, 112
- URRACA, (D.), 112
- VASCONCELOS, C. Michäelis de, 19
- VASCONCELOS, (D.) Fernando Meneses Coutinho e, (bispo de Lamego), 107
- VELOSO, Q., 116
- VICÊNCIA (D.), irmã de D. Teodósio, 103
- VICENTE, Gil, 97, 101
- VIDAGO, J., 132
- VIRGÍLIO, 15, 48, 96, 97, 98, 99, 100, 104, 105, 107, 108, 109, 111, 114, 115, 130, 134
- WALSH, W. T., 132

Colecção: ESTUDOS

Livros publicados:

- 1 – SCHEIDL, Ludwig – *A Viena de 1900: Schnitzler, Hoffmannsthal, Musil, Kafka*, Coimbra, 1985 (esgotado).
- 2 – RIBEIRO, António Sousa et alii – *A literatura, o sujeito e a história. Cinco estudos sobre literatura alemã contemporânea*, Coimbra, 1996 (esgotado).
- 3 – BURKERT, Walter – *Mito e mitologia*, Coimbra, 1986 (esgotado).
- 4 – GUIMARÃES, Carlos e FERREIRA, José Ribeiro – *Filoctetes em Sofócles e em Heinener Müller*, Coimbra, 1987 (esgotado).
- 5 – FERREIRA, José Ribeiro – *Aspectos da democracia grega*, Coimbra, 1988 (esgotado).
- 6 – ROQUE, João Lourenço – *A população da freguesia da Sé de Coimbra 1820–1849*, Coimbra, 1988.
- 7 – FERREIRA, José Ribeiro – *Da Atenas do sec. VII a.C. às reformas de Sólon*, Coimbra, 1988.
- 8 – SCHEIDL, Ludwig – *A poesia política alemã no período da revolução de Março de 1848*, Coimbra, 1989.
- 9 – ANACLETO, Regina – *O artista conimbricense Miguel Costa (1859–1914)*, Coimbra, 1989.
- 10 – CRAVIDÃO, Fernanda Delgado – *Residência secundária e espaço rural. Duas aldeias na serra da Lousã, Casal Novo e Talasnal*, Coimbra, 1989.
- 11 – SOUSA, Maria Armada Almeida e, VENTURA, Zélia de Sampaio – *Damião Peres. Bibliografia analítica (1889–1976)*, Coimbra, 1989.
- 12 – JORDÃO, Francisco Vieira – *Mística e filosofia. O itinerário de Teresa de Ávila*, Coimbra, 1990.
- 13 – FERREIRA, José Ribeiro – *Participação e poder na democracia Grega*, Coimbra, 1990.
- 14 – SILVA, Maria de Fátima Sousa e OLIVEIRA, Francisco de – *Teatro de Aristófanes*, Coimbra, 1991.
- 15 – CATROGA, Fernando – *O republicanismo em Portugal. Da formação ao 5 de Outubro de 1910*, Coimbra, 1992.
- 16 – TORGAL, Luís Reis et alii – *Ideologia, Cultura e mentalidade no Estado Novo – Ensaio sobre a Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1992.
- 17 – SEABRA, Jorge et alii – *O CADC de Coimbra, a democracia cristã e os inícios do Estado Novo (1905–1934)*, Coimbra, 1993.
- 18 – ANACLETO, Marta Teixeira – *Aspectos da recepção de “Los siete libros de la Diana” em França*, Coimbra, 1994.
- 19 – MARNOTO, Rita – *A Arcádia de Samnazar e o Bucolismo*, Coimbra, 1995.
- 20 – PONTES, J. M. da Cruz – *O Pintor António Carneiro no Património da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1997.
- 21 – SANTOS, João Marinho dos – *Estudos sobre os Descobrimientos e a Expansão Portuguesa*, Coimbra, 1998.
- 22 – LEÃO, Delfim Ferreira – *As ironias da fortuna. Sátira e moralidade no Satyricon de Petrónio*, Coimbra, 1998.
- 23 – SILVA, Maria de Fátima Sousa e (coord.) – *Representações de teatro clássico no Portugal contemporâneo*, Lisboa, 1998.
- 24 – MARQUES, Maria Alegria Fernandes – *Estudos sobre a ordem de Cister em Portugal*, Coimbra, 1998.
- 25 – SCHEIDL, Ludwig – *Mitos e figuras clássicas no teatro alemão – do século XVIII à actualidade*, Lisboa, 1998.
- 26 – BRANDÃO, José Luís Lopes – *Da Quod Amen. Amor e amargor na poesia de Marcial*, Lisboa, 1998.
- 27 – CARDOSO, João Nuno Paixão Corrêa – *Sócio-linguística rural – a freguesia de Almalaguês*, Lisboa, 1998.
- 28 – SOARES, Cármen Isabel Leal – *O discurso do extracénico – Quadros de Guerra em Eurípedes*, Lisboa, 1990.
- 29 – MONTEIRO, João Gouveia – *Os castelos portugueses dos finais da Idade Média. Presença, perfil, conservação, vigilância e comando*, Lisboa, 1999.
- 30 – FERNANDES, João Luís Jesus – *O homem, o espaço e o tempo no maciço calcário estremenho – O olhar de um geógrafo*, Lisboa, 1999.
- 31 – SEABRA, Jorge, AMARO, António Rafael, NUNES, João Paulo Avelãs – *O CADC de Coimbra, a democracia cristã e os inícios do Estado Novo (1905–1934)*, Lisboa, 2000.
- 32 – FERREIRA, Paulo Sérgio Margarido – *Os elementos paródicos no Satyricon de Petrónio e o seu significado*, Lisboa, 2000.
- 33 – URBANO, Carlota Miranda – *A Oração da Sapiência do P.º Francisco Machado SJ (Coimbra –1629). Estudo. Tradução. Comentário*, Lisboa, 2001.
- 34 – DIAS, Paula Cristina Barata – *Regula Monástica Communis ou Exhortatio ad Monachos? (Sec. VII, Explicit). Problemática. Tradução. Comentário*, Lisboa, 2001.
- 35 – SILVA, Maria de Fátima Sousa e (coord.) – *Representações de teatro clássico no Portugal contemporâneo, Vol. II*, Lisboa, 2001.
- 36 – MARNOTO, Rita – *A Vita Nova de Dante Alighieri. Deus, o Amor e a Palavra*, Lisboa, 2001.

Colecção: ESTUDOS

- 37 – COELHO, Maria Helena da Cruz, SANTOS, Maria José Azevedo, GOMES, Saúl António, MORUJÃO, Maria do Rosário – *Estudos de diplomática portuguesa*, Lisboa, 2001.
- 38 – ENCARNAÇÃO, José d'(coord.) – *As Oficinas da História*, Lisboa, 2002.
- 39 – CARVALHO, Mário Santiago de – *O Problema da Habitação – Estudos de (História da) Filosofia*, Lisboa, 2002.
- 40 – GONÇALVES, Carla Susana Vieira – *Invectiva na Tragédia de Séneca*, Lisboa, 2003.
- 41 – ENCARNAÇÃO, José d'(coord.) – *A História Tal Qual Se Faz*, Lisboa, 2004.
- 42 – AMARAL, Patrícia – *Do Paradigma ao Modelo*, Lisboa, 2004.
- 43 – RIBEIRO, Maria Aparecida e VASCONCELOS, Eliane – *Drummond e os Portugueses/Drummond(d)tezuma: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Joaquim Montezuma de Carvalho*, Coimbra, 2004.
- 44 – LOURENÇO, Luciano – *Riscos Naturais e Protecção do Ambiente*, Coimbra, 2004.
- 45 – SCHEIDL, Ludwig – *Estudos de Literatura Alemã e Portuguesa*, Coimbra, 2004.
- 46 – LOURENÇO, Luciano – *Risco Meteorológico de Incêndio Florestal*, Coimbra, 2004.
- 47 – ARAUJO, Yann Lojc – *Passos Manuel – Morte e Memória*, Coimbra, 2004.
- 48 – LOURENÇO, Luciano – *Risco Dendrocaustológico em Mapas*, Coimbra, 2004.
- 49 – RIBEIRO, Maria Aparecida (coord.) – *Drummond em Coimbra*, Coimbra, 2004.
- 50 – LOURENÇO, Luciano – *Manifestações do Risco Dendrocaustológico*, Coimbra, 2004.
- 51 – VAQUINHAS, Irene (coord.) – *Entre “garçonnes” e fadas do lar. Estudos sobre as mulheres na sociedade portuguesa do século XX*, Coimbra, 2004.
- 52 – LOURENÇO, Luciano – *Risco de Erosão após Incêndios Florestais*, Coimbra, 2004.
- 53 – MARQUES, Susana Hora – *Dois Epitalâmios de Manuel da Costa (século XVI): Introdução. Tradução. Notas e comentários*, Coimbra, 2005.

(Página deixada propositadamente em branco)

